



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CAROLINA ANTONIA GOULART DE PAULA

**O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: IMPASSES DA ADOLESCÊNCIA NA
CONSTITUIÇÃO DA IDEIA DE EU NA CONTEMPORANEIDADE**

UBERLÂNDIA

2024

CAROLINA ANTONIA GOULART DE PAULA

O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: IMPASSES DA ADOLESCÊNCIA NA
CONSTITUIÇÃO DA IDEIA DE EU NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Nunes Vieira Tavares

Coorientadora: Prof.^a Dra. Sybele Macedo

UBERLÂNDIA

2024

CAROLINA ANTONIA GOULART DE PAULA

O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: IMPASSES DA ADOLESCÊNCIA NA
CONSTITUIÇÃO DA IDEIA DE EU NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Uberlândia, 22 de maio de 2024.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Carla Nunes Vieira Tavares (UFU) – Orientadora

Prof.^a Dra. Sybele Macedo - Coorientadora

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU) – Membro Interno

Prof.^a Dra. Nádia Laguárdia de Lima (UFMG) – Membro Externo

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P324
2024

Paula, Carolina Antonia Goulart de, 1991-
O estranho que habita em mim: [recurso eletrônico] :
Impasses da adolescência na constituição da ideia de eu
na contemporaneidade / Carolina Antonia Goulart de
Paula. - 2024.

Orientadora: Carla Nunes Vieira Tavares.

Coorientadora: Sybele Macedo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.301>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Tavares, Carla Nunes Vieira, 1965-,
(Orient.). II. Macedo, Sybele, 1981-, (Coorient.). III.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Estudos Linguísticos. IV. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	vinte e dois de maio de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12212ELI007				
Nome do Discente:	Carolina Antonia Goulart de Paula				
Título do Trabalho:	O estranho que habita em mim: impasses da adolescência na constituição da ideia de eu na contemporaneidade				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Mo(vi)mentos identitários no envelhecimento				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU; Nádia Laguárdia de Lima - UFMG; Carla Nunes Vieira Tavares - UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Carla Nunes Vieira Tavares, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente

ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Nunes Vieira Tavares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/05/2024, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nádia Laguardia de Lima, Usuário Externo**, em 22/05/2024, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ernesto Sérgio Bertoldo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/05/2024, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5380241** e o código CRC **BBA91AA5**.

Referência: Processo nº 23117.030231/2024-11

SEI nº 5380241

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser esta entidade que, quando me senti sozinha, durante os momentos de escrita, foi a quem eu pude recorrer.

Aos meus pais, Vera e Darcy, por me ajudarem no percurso de toda minha história com a educação formal, escolas e locais em que deram ferramentas para esta escrita.

À minha orientadora, Dra. Profa. Carla Nunes Vieira Tavares, por aceitar este trabalho, pela sua leitura e direcionamentos.

À minha coorientadora, Dra. Sybele Macedo, por auxiliar em aspectos da construção teórica, furos do texto e apontamentos.

À minha analista, Aline Accioly, e à minha supervisora, Cirlana Rodrigues, por me apoiarem emocional e teoricamente na construção dessa dissertação.

Ao meu parceiro e namorado, Pedro Jacob, pela escuta e apoio nos momentos de felicidade e angústia que passei nesses anos de escrita.

Aos meus amigos, Patrícia, Bruna, Ítalo, Aline, Thiago, José Lucas e Carol Narjara, pelo apoio emocional e trocas teóricas que certamente afetaram na minha escrita.

À Dra. Profa. Nádia Laguárdia de Lima, ao Dr. Prof. Ernesto Sérgio Bertoldo, ao Dr. Márcio Rimet Nobre e à Dra. Maíra Lopes Almeida, pelas leituras que antecederam a defesa e pelo apoio teórico e conceitual que impactaram muito positivamente o resultado desta escrita.

Aos meus analisandos, que ainda estão ou que já estiveram comigo, por me confiarem para a escuta e dividirem comigo suas histórias, permitindo-me a trabalhar com aquilo que acredito.

À Stella, à Hellen e ao Rogério, que atuaram na revisão textual e que deram recomendações para a estrutura desta dissertação.

À **FAPEMIG**, por proporcionar apoio financeiro para esta pesquisa.

*“Olho profundamente naqueles olhos
Vejo minha imagem refletida nele
Mas não deixo de me perguntar
Essa sou eu?
Meus cabelos opacos
Meus olhos sem nenhum brilho
Muito alta, para idade
Muitas espinhas, para alguém tão nova
Mas quanto mais olho
Mais eu me concentro
Naquilo que me incomoda
Naquilo que me fere só em ver
Eu sou tão grande?
Isso são mais dobras?
O tempo passa
E mais eu cresço
Para os Lados e Para Cima
Mas minha aparência não me fere
Gosto de como sou
Mas me lembro do que está ao meu redor
Tudo parece dizer que sou inadequada
Que minha forma não se adequa
Que às roupas na loja não me servem
Que em frente aos programas
Não me sinto representada
Então me pergunto
Enquanto que olho a imagem no espelho
O padrão está errado
Ou sou eu que sou inadequada
Para esse Mundo de Beleza Única”*

Estefânia Tabata – A imagem no espelho

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida um fenômeno social da atualidade que se refere a certo descontentamento apresentando por grande parte dos adolescentes com a imagem de seu corpo.

Essa percepção nasceu da minha escuta clínica e encontrou na teoria psicanalítica respaldo para questionar alguns impasses inerentes à adolescência e a sua relação com a modificação do corpo pela puberdade, doravante a constituição da ideia de eu. Desse modo, os impasses que serão retratados nesses trabalhos são: o desencontro entre a imagem do corpo adolescente com o imperativo social de conformação do corpo a certo padrão estético, que aparece na contemporaneidade como um ideal imaginário consistente e ilusoriamente completo; a chegada da puberdade, haja vista que o encontro com o não saber sexual atravessa o corpo adolescente; o último impasse, que aparece como desdobramento do primeiro e do segundo impasse abordados, refere-se a alguns adolescentes que, mesmo buscando atender certo ideal estético, deparam-se com o mal-estar que atravessa o seu corpo e provoca uma sensação de estranhamento, infamiliaridade. O objetivo desta pesquisa é interrogar os impasses dos adolescentes na constituição da ideia de eu na contemporaneidade, com enfoque especial ao estranhamento do corpo na puberdade nesta experiência de subjetivação, por meio da perspectiva da psicanálise freudolacanianiana. A pesquisa tem como método um estudo teórico em psicanálise, qualitativo, baseado em uma revisão bibliográfica sobre a temática que se refere aos estudos sobre a imagem do corpo e adolescência. Para que seja possível, a pesquisa conta com os conceitos de *infamiliar* e as instâncias do real, do simbólico e do imaginário em uma problematização da adolescência contemporânea, que tem como objeto de pesquisa os impasses da adolescência diante do estranhamento do corpo. O caminho percorrido pela dissertação foi a compreensão da função da imagem que faz parte da construção da ideia de eu na puberdade, com a modificação do corpo, que envolve perdas da imagem do corpo da infância, além dos ganhos e a assimilação das características de um adulto. Assim, os adolescentes estão diante dessa forma de reatualização, que implicaria em uma nova identificação de si, e decorre, também, de uma elaboração do luto do corpo infantil. Perante a este real que atravessa o corpo, o ideal estético acaba ganhando destaque, por parecer ser uma cobertura imaginária, tornando-se uma armadilha que leva o sujeito a buscar conformar a imagem do seu corpo ao padrão estético. Para a psicanálise, o sujeito se articula através do seu corpo, que tem consistência no imaginário, é sustentado pelo simbólico, além de ser atravessado pelo real. Tais instâncias se articulam em torno da função vazia do objeto *a*. Para que o corpo possa consistir, enquanto o adolescente o habita, é preciso suportar a função vazia desse objeto *a*. Conclui-se que, para que o sujeito emergja, ele precisará separar-se dessa posição discursiva que o aliena totalmente aos ideais, de forma que ele articule, a partir da cadeia de significantes, um semi-dizer sobre sua experiência de subjetivação, seja diante dos padrões impostos, seja diante da sua experiência de estranhamento sobre seu corpo.

Palavras-chave: Adolescência. Corpo. Constituição do eu. Ideal estético.

ABSTRACT

This work has as a starting point a current social phenomenon that refers to a certain dissatisfaction shown by most adolescents with the image of their body. This perception was born from my clinical listening and found support in psychoanalytic theory to question some inherent impasses of adolescence and its relationship with body modifications through puberty, on the constitution of the idea of self. Thus, the impasses that will be portrayed in these works are: the mismatch between the image of the adolescent body and the social imperative of conforming the body to a certain aesthetic standard, which appears in contemporary times as a consistent and illusorily complete imaginary ideal; the arrival of puberty, given that the encounter with sexual non-knowledge permeates the adolescent body; the last deadlock, which appears as an outcome of the first and second deadlock discussed, refers to some teenagers who, despite seeking to meet a certain aesthetic ideal, are faced with the discomfort that permeates their body and causes a feeling of estrangement. The objective of this research is to interrogate adolescents' deadlocks in constituting the idea of self in contemporary times, with a special focus on the estrangement of the body during puberty in this experience of subjectivation, through the perspective of Freudolacanian psychoanalysis. The research method is a qualitative theoretical study in psychoanalysis, based on a bibliographical review on the topic that refers to studies on body image and adolescence. To make this possible, the research relies on the concepts of the *unheimlich* and the instances of the real, the symbolic, and the imaginary, in a problematization of contemporary adolescence, which has as its research object the impasses of adolescence in the face of the estrangement of the body. The path taken by the dissertation was the understanding of the function of the image that is part of the construction of the idea of self in puberty, with the modification of the body, which involves losses of the childhood body image, as well as the gains and the assimilation of the characteristics of an adult. Thus, adolescents are faced with this form of re-actualization, which would imply a new identification of themselves, and an elaboration of the mourning of the child's body. Faced with this reality that permeates the body, the aesthetic ideal ends up gaining prominence, as it appears to be an imaginary covering, becoming a trap that leads the subject to conform himself with image body to the aesthetic standard. For psychoanalysis, the subject articulates himself through his body, which has consistency in the imaginary, is supported by the symbolic, in addition to being crossed by the real. Such instances are articulated around the empty function of object a. For the body to consist, while the adolescent inhabits it, it is necessary to support the empty function of this object. We concluded that, for the subject to emerge, he will need to separate himself from this discursive position that totally alienates him from ideals, so that he articulates, from the chain of signifiers, a semi-saying about his experience of subjectivation, whether in front of imposed standards, whether in the face of your experience of strangeness about your body.

Keywords: Teenage. Body. Constitution of the self. Aesthetic ideal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - O FIO CONDUTOR DA PESQUISA: ASPECTOS	
METODOLÓGICOS.....	14
1.1 Paradigma da clínica e escrita em uma pesquisa acadêmica.....	16
1.2 A pesquisa teórica em psicanálise na academia.....	19
1.3 Como a pesquisa se dará neste trabalho?.....	20
CAPÍTULO 2 - O CORPO E O INFAMILIAR.....	24
2.1 Constituição do eu.....	24
2.2 A ilusão necessária da unidade corporal e a função da imagem.....	27
2.3 Narcisismo.....	31
2.4 O infamiliar.....	35
2.5 Esquema do espelho.....	45
2.6 Objeto a: Causa do desejo.....	50
2.7 Angústia e o infamiliar.....	54
CAPÍTULO 3 - A RELAÇÃO DO CORPO NA ADOLESCÊNCIA E O INFAMILIAR...	58
3.1 O processo de enlutamento do corpo perdido.....	59
3.2 O não saber sobre a relação sexual.....	62
3.3 Adolescência: sintoma do real.....	66
3.4 O infamiliar na adolescência.....	68
CAPÍTULO 4 - O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE.....	75
4.1 Os padrões estéticos na contemporaneidade e suas implicações na adolescência.....	76
4.2 Modos de subjetivação contemporânea.....	81
4.3 O encobrimento imaginário e falha do recalque, o infamiliar.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

A motivação para a escrita deste trabalho surgiu durante o meu percurso na clínica, por isso é necessário contextualizar a minha formação. Meu contato com a psicanálise aconteceu antes da minha entrada na graduação, quando vivi uma experiência de análise na minha cidade natal, que durou cerca de um ano. Passaram-se alguns anos até que entrei na graduação em Psicologia, e logo meu primeiro estágio em clínica foi associado à psicanálise inglesa.

Foi durante meu percurso como estudante que descobri a potência da escuta e dos estudos em psicanálise. Quando me formei, tornei-me psicóloga, mas desejava ser psicanalista, e deste ofício, eu pouco sabia. Porém, havia uma direção: começar a minha análise pessoal e trilhar o caminho que envolvia o tripé da formação do analista, contemplando a análise, a supervisão e os estudos teóricos.

A partir da minha implicação em estudar a psicanálise para produzir algo com ela para além da clínica, detive-me a outro desejo: realizar um mestrado acadêmico. A escolha por cursar um mestrado na área de Estudos Linguísticos foi pensada e desejada por entender que havia um campo fecundo e com possibilidades de me haver com meu desejo de trabalhar, a partir da Psicanálise e da Linguagem, a grande temática que me toma: a constituição do corpo.

Durante os meus atendimentos na clínica, comecei a ouvir repetidamente sujeitos que elaboravam queixas sobre o corpo. Essas queixas circulavam em torno de padecimentos, de experiências de fragmentação e, por vezes, dores e incômodos com o próprio corpo. Já em outros casos, os analisandos mencionavam que a aparência do seu corpo resultava em uma certa angústia, principalmente por se sentirem gordos, pois traziam questões em torno do seu peso e da alimentação, ocasionando um grande sofrimento. Diante da escuta de pacientes, principalmente de adolescentes que apresentavam descontentamento com a imagem de seu corpo, comecei a questionar sobre a relação de suas queixas com a constituição da ideia de eu na adolescência. Como questão norteadora desta pesquisa teórica em psicanálise, elegi interrogar os impasses dos adolescentes na constituição da ideia de eu na contemporaneidade, com enfoque especial ao estranhamento do corpo na puberdade nesta experiência de subjetivação, particularmente, o imperativo imaginário de conformação a certo ideal estético.

Tomo como pressuposto norteador que a adolescência contemporânea, quando se encontra com o real que incide sobre o corpo na puberdade, toma uma imagem de um corpo ideal como uma tentativa de lidar com o impossível que atinge o seu corpo. Uma das formas pelas quais esse ideal é delineado discursivamente, na contemporaneidade, é por meio das mídias sociais. Há estudos realizados em diversos campos do saber, incluindo saberes biomédicos, sociais e psicológicos, que abordam a relação do consumo de mídias sociais com

a forma com que os jovens percebem o seu corpo (Mota; Santos; Silva, 2021). Esse campo de estudos reflete sobre um conjunto de discursividades que produzem efeitos de sentido em torno do estabelecimento de certo ideal estético, que preconiza uma forma ideal sobre como corpos humanos devem se parecer. Esse padrão recai principalmente sobre mulheres, em especial adolescentes e jovens, que estão mais suscetíveis a serem interpeladas por seus efeitos e recomendações sociais e midiáticas desde crianças, sobre como seu corpo deve aparentar. Além disso, durante a puberdade as modificações que o corpo passa suscitam nos adolescentes uma forma de estranhamento com o seu próprio corpo, por isso diante das interpelações sociais e dessas modificações corporais, instauram-se impasses.

Tendo em vista essa problemática, o objetivo geral desta pesquisa é discutir alguns dos impasses que a percepção do corpo produz na constituição da ideia de eu na adolescência, por meio da perspectiva da psicanálise freudolaciana, considerando a subjetivação na contemporaneidade. Perante o corpo púbere que se transforma, o adolescente pode ser suscitado pela “angústia e horror” (Freud, 2019, p. 53), tais afetos aterrorizantes constituem o princípio da infamiliaridade, o *umheimlich* freudiano, que consiste em impasses e provoca angústia. Há três impasses que serão abordados, o primeiro refere-se ao desencontro entre a imagem do corpo adolescente com o imperativo social de conformação do corpo a certo padrão estético, que aparece na contemporaneidade como um ideal imaginário consistente e ilusoriamente completo; o segundo impasse tem relação com a chegada da puberdade, haja vista que o encontro com o não saber sexual atravessa o corpo adolescente; o terceiro e último impasse, que aparece como desdobramento do primeiro e do segundo impasse abordados, refere-se a alguns adolescentes que, mesmo buscando atender certo ideal estético, deparam-se com o mal-estar que atravessa o seu corpo e provoca uma sensação de estranhamento, infamiliaridade.

Como desdobramento do objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- i. investigar como a função da imagem na constituição do eu estabelece relação com a infamiliaridade do corpo na adolescência;
- ii. discutir como o encontro com o real se dá na puberdade tendo como sintoma a adolescência; e
- iii. problematizar como os efeitos dos ideais estéticos atravessam a adolescência na contemporaneidade.

Tais objetivos foram eleitos a partir das inquietações provocadas pela minha *práxis* psicanalítica e por algumas produções culturais sobre o tema. Assim, optei por uma pesquisa teórica, qualitativa, orientada psicanaliticamente, visando contemplar os objetivos acima por

meio de uma revisão teórica sobre a constituição da ideia de eu na adolescência na contemporaneidade, as quais foram articuladas pelas instâncias do real, do simbólico e do imaginário. A fim de circunstanciar melhor essa discussão, empreendi alguns gestos de análise sobre excertos que construí a partir da clínica e sobre posts do Instagram, cenas de filmes, trechos de poemas e de uma peça teatral. Esse recurso pretende unicamente elucidar melhor a discussão teórica empreendida, contemplando a subjetivação da adolescência na contemporaneidade.

A orientação para a investigação desta pesquisa se dá a partir do acesso que o sujeito tem ao seu corpo, que passa pelo viés da linguagem, pois ele é marcado por discursos. Tenho como pressuposto que a constituição do eu se dá como efeito das operações que conduzem à subjetivação, a saber: a alienação e a separação, na relação que travam com a construção das instâncias ideais do eu, uma vez que a linguagem dá ao corpo algumas representações. Além do mais, o corpo, que adquire uma consistência imaginária, ganha tal estatuto a partir do estádio de espelho, na medida em que a imagem se torna referência para a ideia de eu por antecipar a sua maturação corporal. No corpo, também, aparecem sintomas que cifram enigmas e o corpo goza através dessa imagem do corpo.

Para Lacan (2007, p. 63), “O *falasser*¹ adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante”. Lacan (2007) propõe que a dimensão corpórea que o sujeito tem resulta de uma percepção de se *ter um corpo*, em oposição da ideia de “ser um corpo”. No mais, Lacan toma que essa consistência ilusória é furada, o que provoca angústias e saídas sintomáticas. Por isso, por vezes o sujeito denuncia esse mal-estar, decorrente da perda de consistência imaginária, em suas falas na clínica.

Como possível consequência desse mal-estar, instauram-se impasses na constituição da ideia de eu, sendo o estranhamento do corpo como um desses possíveis impasses. A sensação do estranho foi problematizada nos trabalhos freudianos, apontando para o conceito que o psicanalista desenvolveu como sendo o infamiliar. Freud (2019) discorre sobre essa sensação tomando como ponto de partida considerações sobre a estética e o belo, conforme propõe na seguinte citação:

O psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigações estéticas, mesmo que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreva como a doutrina das qualidades do nosso sentir. Ele trabalha com outras camadas da vida anímica e tem pouco a fazer com as emoções

¹ *Falasser* é um conceito construído por Lacan advindo de um equívoco enquanto falava sobre o “falta a ser” construído nos anos 1970, a partir da produção de Lalingua (Souza, 2019), entretanto esse conceito não será relevante para a discussão pretendida nesta dissertação.

inibidas quanto à meta, sufocadas, dependentes de um grande número de constelações concomitantes, as quais, em geral, constituem a matéria da estética. De todo modo, aqui e ali, ele percebe que pode se interessar por um domínio específico da estética, e então, trata-se de algo comumente deixado de lado, negligenciado pela literatura especializada (Freud, 2019, p. 53).

Freud inicia dessa maneira dizendo que a estética está ligada às emoções, às qualidades do sentir, contrariamente à percepção social de que ela estaria relacionada unicamente ao belo, a certo padrão de beleza. Embora a perspectiva freudiana aparentemente se apresente distinta dos modos como o contexto social enxerga a estética, Freud propõe uma cadeia associativa entre o psíquico e o social, que me remete à relação que o adolescente pode estabelecer com a imagem de seu corpo. Se por um lado o social impõe certo padrão de beleza e de estética que subjetiva o adolescente, enquanto um ideal em torno do qual ele precisa se conformar; por outro há afetos e emoções em jogo nesse processo de subjetivação, que podem apontar para impasses na puberdade, indicando que os sentimentos, em especial a angústia, levam o adolescente ao embaraço.

A citação acima foi retirada do trabalho de Freud intitulado *O infamiliar*. O termo infamiliar é um neologismo proposto pela equipe de tradutores da editora Autêntica que se justifica pela possibilidade de o termo em português ter verossimilhança com o termo em alemão *unheimlich*. O termo infamiliar contém em seu signo a palavra “familiar” e a negação dessa familiaridade “in”, obedecendo à mesma lógica utilizada por Freud ao analisar linguisticamente a ambiguidade produzida em alemão no termo *unheimlich*. A apropriação do termo pelo psicanalista possibilita que o conceito esteja ligado à estrutura da palavra, dizendo que o conceito de infamiliar está ligado à negação da familiaridade. Essa discussão será aprimorada no Capítulo 1, mas o que é essencialmente importante para introduzir o assunto sobre o campo deste trabalho está ligado ao sentido dado à estética:

Algo desse domínio [da estética] é o “infamiliar”. Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror, e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que, em geral, coincide com aquilo que angústia. Entretanto, pode-se esperar que exista um determinado núcleo, que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica. Gostaríamos de saber o que é esse núcleo comum, que permite diferenciar, no interior do angustiante, algo “infamiliar” (Freud, 2019, p. 53).

Após mencionar brevemente os princípios que regem esta dissertação, no intuito de localizar de onde a pesquisa parte, neste momento me detenho a justificar este trabalho academicamente pela busca de produzir mais conhecimento nos Estudos Linguísticos no

campo da linguagem, sujeito e discurso baseado na psicanálise freudolacaniana.

Através da problemática apresentada, esta dissertação justifica-se socialmente pois poderá contribuir com linguistas, psicanalistas e psicólogos que se interessem pela temática das experiências de impasses da adolescência na contemporaneidade, em especial sobre o estranhamento do corpo. Além disso, pretendo colaborar para a discussão sobre as interpelações subjetivas do ideal estético e seus efeitos sociais, haja vista que a incidência dessa temática está cada vez mais presente nas mídias sociais. Por isso, a problematização desses impasses na adolescência, que carece ainda de investigações acadêmicas para respaldar a atuação sociopolítica de educadores e analistas que atuam diretamente com essa parcela da população.

Para que essa elaboração seja possível, além desta introdução, esta dissertação é composta por quatro capítulos: o primeiro capítulo foi formado para apresentar o método de pesquisa que foi utilizado nesta dissertação e suas técnicas para o processo de escrita. O segundo capítulo diz respeito à construção da ideia de si como corpo, a partir da imagem e precipitação do eu relacionado à infamiliaridade do corpo na adolescência. O terceiro capítulo foi organizado para explicar sobre os processos de luto que envolvem a puberdade, a infamiliaridade com o corpo que surge nesse período e os efeitos do real que emerge da não relação sexual. O quarto e último capítulo problematiza como os efeitos dos ideais estéticos atingem os adolescentes através de apontamentos de dados estatísticos, notícias de jornais e pesquisas recentes que evidenciam como a subjetivação desse ideal estético pode ter efeitos negativos sobre os adolescentes.

Após esta breve apresentação de como foi desenvolvida a pesquisa, passemos agora ao primeiro capítulo desta dissertação, em que apresentarei como esta pesquisa em psicanálise é caracterizada em seus aspectos metodológicos, ou seja, discorrerei sobre quais princípios técnicos regem sua construção teórica e a elaboração da escrita, haja vista que esta pesquisa em psicanálise parte de um fenômeno social que foi escutado através da clínica.

CAPÍTULO 1 - O FIO CONDUTOR DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

O início da construção da psicanálise ressalta fundamentos importantes para a escrita deste trabalho. A história da psicanálise começa com a escuta de fala de mulheres que reproduziram em seus corpos sintomas de paralisias e inibições. A partir de um corpo atravessado por um fenômeno que era estranho e não diagnosticável para o conhecimento da época, e tendo em vista que os estudos da Medicina tradicional não deram respostas aos sintomas desenvolvidos no corpo, Freud, como um jovem médico e interessado em um processo de cura para esses sintomas, constatou que havia algo para além daquilo de que o homem acreditava que tinha total governo: o inconsciente.

Essas duas descobertas — a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, *inconscientes*, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança —, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa (Freud, 1995, p. 186, *grifo meu*).

A partir da premissa do inconsciente, Freud desenvolve a psicanálise como uma ciência, com um método e um tratamento de acesso ao inconsciente pela via da linguagem. Por isso, os enigmas que se inscreviam no corpo são lidos pela psicanálise desde sua constituição. Em suma, o objetivo de Freud, ao formular um método de leitura e cura, funda a Psicanálise, que tem como objeto de estudo o inconsciente.

O inconsciente só pode ser investigado durante uma sessão de análise, em que o par analista e analisando estão sob a transferência. A transferência permite que surja dali, pela estrutura da linguagem, questões e significantes que possam levar à construção de um novo saber. Uma vez que o inconsciente pode ser estabelecido apenas em cenário analítico, o trabalho de uma pesquisa psicanalítica seria estudar o sujeito que surge deste inconsciente. Por isso, Lo Bianco (2003) afirma que a pesquisa psicanalítica necessita de um novo entendimento sobre o seu campo e, por isso, elege como objeto do seu estudo o sujeito do inconsciente. Desse modo, Lo Bianco conclui:

Se no caso das ciências médicas, por exemplo em uma investigação histológica como as conduzidas por Freud, tratava-se quase sempre de aplicar um método de investigação a um objeto já delimitado, o mesmo não se passa com o novo saber que surge. O inconsciente se constitui, se faz presente no ato mesmo da escuta do analista, no momento mesmo da presença do analista junto a quem fala. A

especificidade é dada pelo fato de, ao se constituir, ao se elaborar o objeto, ao se dar a ele certa consistência e divisar-lhe o modo de operação, é nesse mesmo movimento que se concebe o método de pesquisá-lo. Trata-se de um objeto que só pode ser apreendido no campo da *práxis* analítica, tornando necessário um novo entendimento sobre a pesquisa nesse campo (Lo Bianco, 2003, p. 119).

A transferência consiste em um aspecto muito importante dentro de uma análise e no propósito de uma pesquisa realizada pelo pesquisador-psicanalista. Trata-se de um fundamento do método psicanalítico que alia a *práxis* clínica à pesquisa psicanalítica, pois ela é o fenômeno que se instaura e se torna um meio utilizado pelo analista para a atuação em uma análise; já para o pesquisador, a transferência é estabelecida entre o pesquisador e seu objeto de investimento para investigação. Portanto, em uma análise, a transferência é estabelecida entre o par analítico e, uma vez instituída, ela possibilita à análise acontecer. Conforme Lacan, “Em outras palavras, parece-me impossível eliminar do fenômeno da transferência o fato de que ela se manifesta na relação com alguém a quem se fala. Esse fato é constitutivo” (Lacan, 2010, p. 221). A importância da transferência foi destacada por Lacan no seminário 8:

Qual é de fato a questão? Nas condições centrais, normais, da análise, nas neuroses, a transferência é interpretada sobre a base, e com o instrumento da própria transferência. Não poderá, então, ocorrer que não seja da posição que lhe é dada pela transferência que o analista analise, interprete e intervenha sobre a própria transferência. Em suma, resta uma margem irreduzível de sugestão, um elemento sempre suspeito, que não está ligado ao que se passa lá fora - não se pode sabê-lo - mas sim ao que a própria teoria é capaz de produzir (Lacan, 2010, p. 219).

Após terminada uma análise, seja por interrupção do paciente ou pelo próprio fim de análise, a transferência precisa desvanecer. A escrita de uma pesquisa psicanalítica pode ocorrer posteriormente ao término de uma análise que afetou o pesquisador em algo do seu desejo e o psicanalista encontra na escrita de uma pesquisa um meio para que o seu desejo possa ser mobilizado junto à teoria, como é o caso desta dissertação. No entanto, o desejo de um psicanalista pela pesquisa não precisa partir de um término de análise, mas necessariamente precisa ser um desejo de investigação que passa pelo sujeito do inconsciente que gera alguma inquietação no analista. Nesse sentido, a transferência, na pesquisa psicanalítica, é estabelecida entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, e este permeia questões que se referem ao sujeito do inconsciente.

Neste sentido, Lo Bianco (2003) aponta que o pesquisador se torna fundamental para a particularidade de uma pesquisa psicanalítica, pois o trabalho é fruto do desejo em

transformar um fenômeno observado na clínica ou na cultura em um ponto de partida para sua implicação na produção de pesquisa. Deste modo, o pesquisador-psicanalista, cujo desejo é totalmente implicado em seu objeto, investe na escrita através de uma produção científica de forma singular:

o pesquisador não é apenas uma variável a ser controlada, pois fala de determinado lugar e, com sua fala, é causa do que emerge na sessão. Ele está implicado no material de uma forma na qual a neutralidade se torna impossível e indesejável, ou seja, o pesquisador está implicado de maneira indissociável do material que analisar (Lo Bianco, 2003, p. 120).

Para Figueiredo e Minerbo (2006), o método psicanalítico de pesquisa é realizado por um psicanalista. O pesquisador-psicanalista é constituído por sua pesquisa, e esta se constitui à medida que a pesquisa e a escrita são elaboradas, modificando o pesquisador e o objeto da pesquisa no decorrer do trabalho, em uma lógica de complementaridade. Esses autores nomeiam o método psicanalítico considerando que o sujeito e a produção da pesquisa serão constituídos. Por isso, concordo com os autores quando eles dizem que há uma transformação do pesquisador-psicanalista e da elaboração da pesquisa ao longo de seu desenvolvimento.

1.1 Paradigma da clínica e escrita em uma pesquisa acadêmica

O método psicanalítico de pesquisa se sustenta no paradigma da clínica indissociável da construção psicanalítica. Baseado nessa perspectiva, Rosa (2004) diferencia as pesquisas em psicanálise em intenção ou extensão. Por esta pesquisa se interessar por um fenômeno social que possibilita que a transmissão da psicanálise ocorra para além do divã, ela é classificada como uma psicanálise em extensão. A classificação proposta por Rosa (2004) consta no trecho a seguir:

A Psicanálise extramuros ou extensão diz respeito a uma abordagem - por via da ética e das concepções da psicanálise - de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico (Rosa, 2004, p. 331).

Nessa perspectiva, uma pesquisa em psicanálise, ainda que teórica, inspira-se na experiência clínica traduzida em sua singularidade, pois fica evidente que tanto na escrita quanto em uma análise o impossível de ser traduzido ainda restará. Assim, a pesquisa articula a teoria depositada nesse processo, faz borda ao real e cria uma possibilidade de

conhecimento que anima a busca científica. O termo “borda ao real” pode ser entendido como uma elaboração do analisante sobre uma questão que traz angústia, nojo ou sensações em seu corpo que são impossíveis de serem traduzidas em palavras, mas o analisante busca elaborar essas questões em uma construção. Paralelamente a isso, a escrita, inscrita no campo psicanalítico, assume forma semelhante a essa, pois busca traduzir esse traço em uma forma de escrever, ou seja, fazer uma borda da questão, que nunca será escrita totalmente, apresentando-se como um semi-dizer.

Deste modo, conforme o que retifica Rosa (2004, p. 342), o trabalho da psicanálise é uma relação entre teoria e prática: “A prática não tem sabedoria própria – ela suscita ideias, a princípio indeterminadas, por via da construção e do trabalho do conceito que nunca acaba de se formar pois, uma vez fixado, despotencializa-se como conceito”. Nesse sentido, a formulação conceitual é construída em uma relação com a prática, provocada pela forma como a trama se constitui e como os elementos em comum vão sendo elaborados enquanto uma questão a ser investigada.

Complementando o que Rosa (2004) anuncia, compreendemos que a escrita da pesquisa, quando investida na elaboração e desdobramentos posteriores a questões escutadas na clínica, demonstra uma possibilidade em que a teoria e a prática podem constituir uma questão a ser investigada pelo meio científico. Isso porque a repetição de escuta de enunciados na clínica, muitas vezes, pode indicar um fenômeno social que interpela os sujeitos a partir da cultura e extrapola o contexto clínico, pois indica posições discursivas que têm efeitos de um impasse para o sujeito. Diante desse fenômeno, o desejo de um pesquisador-psicanalista promove um anseio a uma questão fundadora que poderá ser respondida pela pesquisa científica em psicanálise.

Marina Grigoletto (2011) descreve alguns tipos de escrita em seu trabalho, dentre os quais está a escrita acadêmica. Este tipo de escrita nomeada como acadêmica pode assumir diferentes configurações, de acordo com a posição daquele que escreve. A posição desse pesquisador na escrita revela-se como fundamental para a construção da escrita acadêmica e para a possibilidade de reconhecer furos no seu texto, numa tentativa de lidar com a impossibilidade de saturar a falta e apresentar uma construção possível de uma problemática e promover a reflexão.

Quando o pesquisador-psicanalista utiliza da escrita para uma pesquisa em psicanálise, ele compõe uma possibilidade de articulação teórica, que tem inspiração na experiência de clínica, mas interessa-se pelos fenômenos sociais. Desse modo, a escrita de uma pesquisa em

psicanálise traz o processo de leitura teórica, as vivências clínicas do pesquisador-psicanalista e a interpelação da cultura em que o mesmo está inserido, portanto a escrita de uma pesquisa traz os sedimentos decantados dessas experiências através do seu texto. Grigoletto (2011) denomina de escrita mobilizadora quando a pesquisa acadêmica, como implicação do saber do pesquisador e sua responsabilização, pode se estender também a um ato de escrita. Nas palavras da autora,

O ato da escrita é tentativa de saturar e suturar essa falta, embora se saiba que jamais se chegará a isso. A escrita “mobilizadora” deixa sua marca na forma como trabalha os fios, entre outros textos e o próprio nas tentativas de sutura; essa é uma posição de autoria que convoca o autor a se responsabilizar pelo resultado (Grigoletto, 2011, p. 103).

A escrita de um trabalho acadêmico, conforme descreve Grigoletto (2011), revela-se também como o ato da escrita, que se configura como possibilidade e ferramenta para se tornar uma forma de mobilizar o pesquisador-psicanalista a se submeter às reflexões e elaborações junto à construção teórica. Dessa maneira, o pesquisador pode promover problematizações que auxiliam análises de fenômenos sociais para contribuir com a comunidade acadêmica. No caso desta pesquisa, o fenômeno social sobre o qual me interrogo são os impasses dos adolescentes diante do estranhamento do corpo na contemporaneidade.

A articulação da clínica e da teoria, conforme foi proposto por Freud (2011) e retomado por Lacan, funda a produção de pesquisa psicanalítica e produz, no meio acadêmico, uma forma de transmissão. Retomo alguns autores (Guerra, 2022; Dunker; Ravello, 2017) para afirmar que a prerrogativa fundamental da pesquisa em psicanálise, que tem inspiração na experiência da clínica, é contornar o real em que manifesta a própria singularidade de gozo a cada sujeito, visto que a experiência analítica é impossível de se generalizar.

Para fundamentar essa elaboração, recorro a Guerra (2022), analisando um dos seus artigos nos quais se baseiam os paradigmas da clínica e da escrita. A autora operou a leitura de um quadro de significantes para compreender um fenômeno social que atravessa o contemporâneo. De forma semelhante à sua construção, este trabalho utiliza da lógica dos significantes para estruturar uma possibilidade de um saber que será escrito e inspirado na *práxis* clínica. Os significantes são extraídos dos textos que serviram de referência para essa escrita, sendo os principais de Freud (2010, 2014, 2019) e Lacan (1998, 2005, 2023).

Guerra (2022) discute, em seu trabalho, que o processo de escrita é aquilo que sobra dessa impossibilidade de o real ser descrito, e pode, a partir disso, produzir uma elaboração

pela pesquisadora. Conforme já assinalado, a composição de uma pesquisa em psicanálise pode ser escrita a partir do resto decantado que fica para o analista e, assim, gera a possibilidade de articulação teórica:

Como no processo químico da decantação, o que resta é aquilo que, da infinitude de possibilidades combinatórias, escreveu-se como único, como singular, em uma operação, esta sim, passível de universalização. As perdas do processo não se escrevem senão como restos que, em sua origem, bordam um contorno para o nada no ponto de partida (Guerra, 2022, p. 8).

O artigo elaborado pela autora apresenta uma possibilidade de escrita que enlaça os significantes, as histórias narrativas dos sujeitos e elaborações teóricas e contemporaneidade. A partir desta lógica, estruturada na construção de uma cadeia de significantes, pode-se fazer borda ao real. Em consonância a isso, Miller (1998) observa que o analisante, ao associar livremente, repete temáticas e palavras que, quando escutadas pelo analista, produzem enunciados fundamentais. A partir da repetição e, principalmente, através da sua elaboração, as palavras repetidas podem ser lidas como significantes que marcam a cadeia do discurso. A pesquisa em psicanálise, ainda que teórica, tem pressuposto semelhante no que tange à inscrição de significantes que serão repetidos nos impasses da adolescência com sua experiência de estranhamento do corpo aqui abordados.

Lacan (1998) também utiliza semelhante composição para fundamentar a inscrição do sujeito no percurso dos significantes, na construção de “O seminário sobre a carta roubada”. Ele traz algumas elaborações, partindo do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. A aposta lacaniana é demonstrar, através da lógica do conto, na sua materialidade, como a insistência da cadeia de significantes fundamenta a constituição do sujeito pela ordem simbólica. As obras de Lacan e Freud são atravessadas de referências a obras literárias, obras de artes e usos de mitologia para construção do arcabouço teórico, clínico e metodológico em psicanálise. Assim, a partir desses autores, pretendo justificar, como prerrogativa fundamental, a inscrição do significante para composição desta pesquisa baseada na linha freudolacanianana. Em vista disso, a cadeia significante sustenta a construção de um tipo de pesquisa chamada teórica.

1.2 A pesquisa teórica em psicanálise na academia

A pesquisa teórica em psicanálise seria uma construção, como trabalharam Garcia-Roza (1993), Mezan (2011) e Dunker (2015), de submeter a teoria à análise crítica

para que haja verificação da sua lógica, de seus conceitos e de suas possibilidades. Garcia-Roza (1994) pensava que a pesquisa acadêmica em psicanálise deveria ser um trabalho com a releitura textual, conforme ele propõe em um congresso realizado na PUC/SP em 1994:

[...] a pesquisa acadêmica em psicanálise não pode consistir numa pesquisa empírica (esta seria específica da prática clínica; quer dizer, pesquisa empírica aí é entendida como pesquisa experimental: esta seria a característica da prática clínica), mas ela teria que ser uma pesquisa teórica (Garcia-Roza, 1994, p. 14).

Garcia-Roza (1994) defende que a pesquisa acadêmica em psicanálise é “trabalhar com a textualidade do texto, e não com a mesmidade do texto [...] a textualidade: a potência do significante enquanto gerador de múltiplos sentidos” (Garcia-Roza, 1994, p. 16). Nessa perspectiva, o autor afirma que a pesquisa na academia deveria se inscrever em um campo teórico como possibilidade de validação formal da teoria.

O que interessa daquilo que foi dito por Garcia-Roza (1994) para esta pesquisa é a forma com que os significantes e suas ressignificações, que se referem aos conceitos, possibilitam o novo e o multiplicador de sentidos. Desse modo, os significantes lidos pelo pesquisador-psicanalista podem ir além da verificação epistemológica, pois a pesquisa pode se servir da clínica e da literatura para questionar ou problematizar a teoria.

Lo Bianco (2003) acredita em uma constância de movimento entre texto e clínica como necessária para a pesquisa psicanalítica, por isso a autora contribui para pensar a pesquisa teórica como uma possibilidade que permite aperfeiçoar a teoria, de forma que a teoria pode sempre ser compreendida como um saber inacabado e não totalizante, por isso ela anuncia:

É importante que se possam fazer perguntas aos textos. Examiná-los para saber seu alcance quanto às questões que lhe são formuladas. É importante, ainda, o exame da construção dos conceitos e do lugar que ocupam em um arcabouço teórico: por que surgem, quais as *démarches* [*sic*] lógicas no desenvolvimento da teoria analítica que fazem com que se tornem necessários. É importante acompanhar, observar que o conceito não se constrói de forma arbitrária, mas surge no movimento de vai-e-vem dos textos às situações clínicas e delas de volta aos textos, e só se torna possível por referência à presença do analista diante do analisante (Lo Bianco, 2003, p. 121).

1.3 Como a pesquisa se dará neste trabalho?

A pesquisa desta dissertação é uma pesquisa teórica em psicanálise, qualitativa,

baseada em uma revisão bibliográfica sobre a temática que se refere aos estudos sobre a imagem do corpo e a adolescência. Para que seja possível, a pesquisa conta com os conceitos de infamiliar e as instâncias do real, do simbólico e do imaginário em uma problematização da adolescência contemporânea, que tem como objeto de pesquisa os impasses da adolescência diante do estranhamento do corpo e do imperativo imaginário de conformação a certo ideal estético.

A pesquisa se constitui a partir da leitura de textos clássicos de Freud (2010, 2014, 2019) e Lacan (1998, 2005, 2023), bem como de seus comentadores. A problematização dos conceitos acontece por meio das elucidações que visam a questionar e articular como a teoria pode ser experienciada nas minhas vivências clínicas, obras literárias e filmes.

Segundo Lameira, Costa e Rodrigues (2017), a pesquisa teórica em psicanálise pode ser concretizada por forma de pesquisa bibliográfica:

Entendemos que, nesse modo de pesquisa, o pesquisador se propõe não apenas a reproduzir o material que encontrou sobre um dado assunto, mas a trabalhar a partir das contribuições dos autores de estudos concernentes ao tema proposto. Para tanto, vale-se dos registros disponíveis em livros e artigos, de maneira a alcançar conclusões que façam avançar os conceitos e o próprio entendimento sobre determinado assunto (Lameira; Costa; Rodrigues, 2017, p. 70).

Para os autores, o método de pesquisa em psicanálise feito a partir de uma pesquisa bibliográfica pode ser visto com preconceito, pois argumenta-se que este método seja uma mera repetição do mesmo, sem uma nova contribuição para a academia. No entanto, os autores vão justamente justificar que a própria psicanálise é construída através de um importante conceito de repetição concernente à estrutura do psiquismo. Apesar de uma pesquisa bibliográfica se constituir a partir de uma releitura, a teoria psicanalítica implica que mesmo na repetição há a inclusão de algo novo. Os autores elaboram sobre que

Esse pequeno recorte de um conceito teórico já nos mostra como em psicanálise a repetição está colocada como uma estrutura, o que quer dizer uma combinação de letras que são inscritas de maneira singular, a cada vez, por cada um. Uma reescrita aparece como possibilidade própria da repetição (Lameira; Costa; Rodrigues, 2017, p. 68).

Para Freud, a repetição foi notada como fenômeno no discurso e rendeu para a psicanálise um conceito fundamental. O psicanalista, a princípio, acreditava que a repetição se relaciona apenas com a obtenção do prazer e afastamento do desprazer. No entanto, Freud (1996b), em *Além do Princípio do Prazer*, começa a perceber que o conteúdo dos sonhos dos

seus pacientes repetia não apenas fontes de prazer, mas revelavam a repetição de traumas. Lo Bianco (2003) irá apresentar a seguinte definição para trauma:

[...] há uma quebra na cadeia associativa que não permite que os processos mentais entrem em contato com tais afetos, de forma que o paciente fica à mercê deles, sem ter ascendência sobre eles, sem poder dominá-los ou sequer entendê-los. Estamos, então, diante de algo que determina os estados subjetivos para além da consciência que o sujeito possa ter deles ou de seus efeitos (Lo Bianco, 2003, p. 119).

O trauma seria esse ponto inassimilável que levaria à quebra dessa cadeia associativa, permitindo que o sujeito tenha acesso apenas aos afetos e aos efeitos que do trauma resultam. Para Freud (1996b), a repetição estaria ligada a algo que está para além do princípio do prazer e que será nomeado por Freud como pulsão de morte. Assim, a repetição promoveria uma espécie de retorno dessa marca inconsciente como uma resposta sintomática do sujeito em uma tentativa de se haver com o ponto que promoveu a ruptura, o trauma. Lacan (2008) lerá isso no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, em que ele postula que a repetição indica o retorno do real, que é impossível de ser escrito pela linguagem. Esta impossibilidade de inscrição do real promove uma repetição, que retorna, pois escapa da significação simbólica do sujeito. Por este ponto de vista, Lameira, Costa e Rodrigues (2017) propõem:

É sob a forma do trauma que o real é apresentado na psicanálise; sob a forma do que é inassimilável no real. A repetição se conserva na insistência do trauma em se fazer lembrar, no encontro com o real como encontro faltoso (Lameira; Costa; Rodrigues, 2017, p. 71).

Nesta perspectiva, a repetição ou releitura de textos, em uma pesquisa bibliográfica, seria o equivalente ao retorno daquilo que ainda não foi escrito totalmente, e pode ainda ser (re)elaborado a partir do desejo do pesquisador-psicanalista que atua na pesquisa.

As técnicas recomendadas por Freud seriam a *associação livre* e *atenção flutuante*. A associação livre é o convite ao paciente para que ele fale o que lhe vier à mente, sem um prévio direcionamento do analista. Para isto, o paciente pode narrar suas experiências e memórias que emergem, mesmo que o analisando julgue não pertinente à temática falada anteriormente. Já a livre associação está ligada à cadeia associativa em que os significantes permeiam o discurso do paciente. Os significantes são escutados pelo analista através de atenção flutuante, de uma forma que não haja seleção prévia de conteúdo. O analista, ao escutar a cadeia associativa do seu analisando, se permite ser atravessado pelas repetições, pelos embaraços, por aquilo que escapa da lógica discursiva.

Uma vez dito como isso se dá no *setting* analítico, a pesquisa psicanalítica também se serve das mesmas técnicas, no entanto é necessário saber como isso se daria nesse contexto. A atenção aos significantes que permeiam uma pesquisa é certamente aquilo que move e pode promover o que Garcia-Roza (1994) trouxe como objetivo de uma pesquisa teórica, que seria a busca por novos sentidos. Portanto, é através da reelaboração que se pode produzir algo novo, retornar ao mesmo, de forma que se possa ampliar os sentidos. Por isso, cabe ao pesquisador-psicanalista não permanecer preso ao significado ou conceito determinado, mas poder interrogar como ele pode ser reconstruído a partir da sua escrita. Conforme o que foi dito, Lameira, Costa e Rodrigues concluíram que:

No trabalho teórico, julgamos poder reconhecer a observância à técnica da atenção flutuante no caráter de perpétua revisão dos conceitos psicanalíticos. O pesquisador em psicanálise não adota uma postura dogmática pela qual sua atenção seria completamente direcionada apenas aos fatos e ideias que confirmassem o que já se encontra estabelecido em seu cânone. Assim, ao esforçar-se por não engessar a teoria, o pesquisador adota uma atitude correlata à suspensão uniforme da atenção, por meio da qual pode defrontar-se com um desenvolvimento conceitual não totalizante (Lameira; Costa; Rodrigues, 2017, p. 74).

Em suma, o fio condutor do trabalho apontou para os aspectos metodológicos da construção desta dissertação, que se configura como um estudo teórico em psicanálise. Diante disso, busquei, através da minha escrita, compor uma possibilidade de fazer uma borda a alguns impasses da adolescência diante do estranhamento do corpo na contemporaneidade. O resultado desta pesquisa se equivaleu a um resto decantado dos meus estudos, de minhas vivências clínicas e das interpelações culturais a que estou submetida.

Para seguir adiante com esta dissertação, busquei contemplar as bases teóricas freudolacanianas para investigar como a função da imagem na constituição do eu estabelece relação com a infamiliaridade do corpo na adolescência.

CAPÍTULO 2 - O CORPO E O INFAMILIAR

A discussão da noção de corpo que adoto neste trabalho advém da psicanálise, que o concebe como efeito da precipitação do eu. Além disso, o corpo é resultado da operação de extração dos significantes do Outro, o que se dará a partir da relação com a alteridade, conforme apontam Sobral e Viana (2019):

No ser falante, o corpo é criado a partir de uma operação de extração e de construção que se dá na relação com alteridade. Assim, o corpo não é o organismo, a carne do momento do nascimento, e sim um efeito, um território em obras, que se constrói a partir da incidência da linguagem na forma da demanda do Outro (Sobral; Viana, 2019, p. 227).

À medida que a noção de corpo é trilhada neste trabalho, recorri a conceitos importantes dos trabalhos freudianos e lacanianos como narcisismo, eu ideal, ideal do eu e infamiliar, que serão tratados no decorrer deste capítulo. Utilizo o arcabouço teórico sobre a precipitação do eu para abordar como alguns impasses na adolescência diante do estranhamento do corpo também constituem vértices a partir dos quais se tece este capítulo. Particularmente, trabalho com o pressuposto de que a constituição do eu se dá como efeito das operações que conduzem o sujeito à ilusão de unidade, a saber, a alienação fundamental na relação que travam com a construção das instâncias ideais do eu, que resultam em sua precipitação. Busco elaborar como o corpo ganha consistência imaginária pela função da imagem que é antecipada pela sua forma de maturação corporal. Deste modo, pretendo investigar neste capítulo como a função da imagem na constituição do eu estabelece relação com a infamiliaridade do corpo na adolescência.

2.1 Constituição do eu

Conforme descrito por Freud (2010), em *Introdução ao Narcisismo*, o surgimento do eu não se dá desde o início da vida do sujeito; ele deverá ser construído por diversas operações psíquicas. O desenvolvimento, para a psicanálise, não se confunde com aquele descrito pelas vias desenvolvimentistas, em um aspecto de fases e etapas cumpridas, mas acontece a partir de operações de inscrição dos significantes que propiciam o devir do sujeito. A constituição do eu e do sujeito em seus primórdios de prazer, excitação e pulsão se dá pela via da constituição do corpo e remete às primeiras representações na própria construção

corporal. O corpo sendo, portanto, a fonte primária do prazer, remete ao estado fundador da constituição do psiquismo.

Para que seja possível desenvolver um estudo sobre a constituição do eu, tomo como fundamental a inscrição dos significantes atribuídos pelo Outro, ocupado fundamentalmente pela função materna, no corpo do bebê. A primeira construção será desenvolvida sobre a posição *infans*, após isso será discorrido sobre o conceito de narcisismo e estruturação de eu ideal e ideal do eu.

Perante a esse esclarecimento, inicio a construção a partir do *infans*, que se define como o bebê que ainda não se inscreveu totalmente na cadeia de linguagem. A atividade psíquica nos primeiros anos da criança impacta na constituição do aparelho psíquico, que se dá a partir da libidinização do corpo do bebê e de suas experiências de satisfação. O bebê, ao nascer, não passa de um amontoado de massa corporal que ainda não se diferencia da sua mãe e que percebe o seio materno como uma extensão de si. O bebê, que esteve ao deleite da proteção uterina, vê-se agora inteiramente dependente de outro para sua sobrevivência. Desse modo, o *infans* vivencia o desamparo por não ser mais protegido pela barreira física uterina, respira por seus próprios pulmões e precisa anunciar os desconfortos para que sejam interpretados pela função materna. A linguagem e o olhar daquele que ocupa a função materna introduzem o primeiro contato com o Outro: “É no contato com esse outro e a partir de operações que se dão no registro do imaginário, mediatizadas pelo simbólico e atravessadas pelo real, que esse bebê humano constituir-se-á como um corpo e que o eu virá a se precipitar” (Macedo, 2020, p. 92).

O seio materno oferta o alimento e propicia o primeiro movimento prazeroso do bebê, que é o ato de sucção, caracterizado por Freud como uma fase oral. O bebê, indistinto do corpo daquele que exerce a função materna, o Outro, encontra sua primeira forma de obtenção de prazer pelos lábios e pelo ato de sugar. Freud (2016) elaborou que é possível identificar resquícios desta fase primordial, quando o adulto ainda tem uma forte fixação nesta forma de obtenção de prazer. Sua hipótese é que essa fixação tende a estar relacionada aos transtornos alimentares ou aos vícios em fumar e beber.

Freud (2010) deixava claro que as primeiras formas de obtenção de prazer do bebê estavam associadas ao suprimento de suas necessidades físicas. Por isso, saciar-se através do leite materno coincide com a primeira forma de satisfação. No entanto, a saciedade alimentar não é o único ponto de prazer da criança, pois logo ele começará a fazer demandas para obter prazer para além do alimento, que será conquistado também pela boca. Por este aspecto, pode-se perceber que a característica da sexualidade infantil é encontrar a satisfação em seu

próprio corpo, chamada, assim, de auto erótica. Portanto, sua satisfação se dá pela via das pulsões parciais, que se originam e são satisfeitas numa mesma zona erógena, de formas independentes.

O que denominamos instintos² parciais da sexualidade derivam diretamente dessas fontes internas da excitação sexual ou se compõe de contribuições de tais fontes e de zonas erógenas. É possível que no organismo nada ocorra de significativo que não forneça componente para a excitação do instinto sexual (Freud, 2016, p. 118).

Por isso, a criança pode obter prazer em diversos pontos do seu corpo, impulsionada por objetos distintos promovidos, inclusive, por sensações dolorosas. Esta forma de percepção corporal, descrita por Freud (2016) como perversa polimorfa, corresponde a um momento em que a criança ainda não tem o entendimento de si como unidade. A sensação de satisfação se dá na mesma zona corporal em que se obteve um estímulo, conforme descreve Freud nessa passagem citada anteriormente, em que há uma forma de satisfação autoerótica. Lacan (1998) lerá essa forma de obtenção de prazer do *infans* como o princípio da inscrição do gozo no corpo, pois há uma direção da libido para zonas erógenas, que são resquícios dessa primeira forma de obtenção de prazer.

A sensação de despedaçamento do corpo advém da hipótese de que essas primeiras inscrições no psiquismo infantil se aliam à experiência de desamparo. Lacan (1998) descreve que as fantasias infantis, entre os três e cinco anos de idade, sobre o desmembramento do corpo – em que crianças nas brincadeiras mencionam sobre a cabeça arrancada da boneca, ou as ameaças, entre os meninos, de que irão arrancar a cabeça, os braços, as pernas da boneca – são como elaborações desse despedaçamento dessa etapa anterior a essa idade da vida infantil.

As zonas erógenas (boca, ânus e genitais) são a fonte e objeto da pulsão para obtenção de prazer durante a vida da criança. No entanto, há outras áreas do corpo que são vias de obtenção pulsionais, como os olhos, por exemplo, assim como, também, os ouvidos e a pele. Há áreas que podem ser erógenas a partir do toque da função materna ou da própria inscrição simbólica deste Outro. O corpo da criança é inscrito pelo toque, pelos significantes atribuídos pelo Outro. Este, que acalenta e toca o bebê, deposita sobre esse corpo os seus afetos.

² A denominação de *instintos* pode ser traduzida como pulsão, pois advém da palavra em alemã “*Trieb*”. As edições que utilizei mantiveram a tradução como instinto. Visto como descreve o *Vocabulário de Psicanálise*, de Pontalis e Laplanche: “Do ponto de vista terminológico, o termo *pulsion* foi introduzido nas traduções francesas de Freud como equivalente ao alemão *Trieb* e para evitar as implicações de termos de uso mais antigo como *instinct* (instinto) ou *tendance* (tendência). Esta convenção, que nem sempre se respeitou, é todavia justificada” (Laplanche, p. 394, 2001).

Quando a criança começa a ter o controle sobre o ato de defecar, ela já se inscreveu em um campo de diferenciação entre ela e o Outro. Por isso, a hipótese de que o pequeno já compreende que há um controle sobre o seu próprio desejo de evacuar, que mostra uma posição de forma de obtenção de satisfação através do controle do esfíncter e dos movimentos peristálticos. Nessa forma, há uma obtenção de prazer auto erótico, que receberá o nome, em Freud, de uma “fase sádica-anal” (2016).

Freud (2016) descreve uma importante consideração sobre a primeira pesquisa feita pela criança sobre o enigma sexual. Essa interrogação se forma como o enigma do sujeito, que tem origem quando a criança já consegue se distinguir do Outro e já está inscrita no universo da linguagem. Ela faz sua primeira pesquisa, mencionada por Freud como solitária, para elaborar sua interrogação sobre o corpo e a linguagem, sobre o sexual. Apesar desse primeiro encontro com o enigma sexual se dar nessas primeiras fases infantis, será na adolescência que o encontro com o real irá exigir do sujeito uma nova forma de elaboração. Esta discussão será aprofundada no Capítulo 3.

2.2 A ilusão necessária da unidade corporal e a função da imagem

A instância do eu (*moi*), que deverá ser desenvolvida a partir dessa nova ação psíquica, é anunciada por Freud e antecede a formação do narcisismo. Na releitura de Lacan sobre a obra freudiana, houve a nomeação de uma ação psíquica que fundamentará os estudos psicanalíticos acerca da constituição do corpo: o estágio do espelho.

É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (Freud, 2010, p. 13).

Após a experiência desta primeira forma de satisfação auto erótica, mencionada anteriormente por Freud (2010), a criança de seis meses ainda não pode se sustentar em pé, mas será apresentada ao espelho ainda nessa fase. No início, o bebê ainda não sabe que é sua imagem naquele objeto; por isso, esse espelho tem significação vazia. Mas, com a apresentação de um adulto, o bebê começa a identificar que há uma criança ali. Busca, inclusive, atrás do espelho, para encontrar onde estará essa criança. Essa passagem psíquica é rápida, e logo se dará o encontro do bebê com sua imagem. O bebê, animado por uma posição de encantamento com sua própria imagem, ainda sem ser capaz de se sustentar em uma

posição ereta, tenta se manter fixo diante do espelho, para que seja capaz de entreter-se, instantaneamente, com sua própria imagem.

Durante esse período, o bebê não se diferencia do Outro, e apresenta fenômenos comuns nessa fase: uma criança, quando bate em outro coleguinha e, em resposta a isso, seu colega começa a chorar, a criança que bateu também chora, reclamando que bateram nela, mesmo que ela tenha feito o ato. Ou, em outra situação, em que, se alguma criança começa a chorar, outras, que estão no mesmo ambiente, também começam. Em ambos os casos, na criança não há eu (*moi*) formado que o diferencie deste outro coleguinha, o que gera esse fenômeno.

Lacan (1998) identifica que nessa fase há uma ambivalência, produzida pela condição de impotência do bebê, que não pode sustentar-se ainda sozinho em duas pernas; e outra característica desta fase é que a criança tem pensamentos megalomaniacos e mágicos, que são uma percepção autocentrada característica deste momento de vida, denominada por Lacan (1998) como ambivalência estrutural.

A origem do eu (*moi*) aponta para a primeira imagem que o bebê identifica como sendo sua, e compõe o seu primeiro júbilo sobre sua imagem, resultando aquilo que será denominado “eu ideal”. A imagem, portanto, assume uma característica fundamental na constituição da sua linha de ficção sobre sua instância do eu (*moi*), pois ela antecede a formação do narcisismo. Nas palavras de Lacan (1998, p. 98): “a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”.

Essa forma primordial de construção imagética corporal poderia ser uma das motivações por detrás da captura das pessoas pela imagem do modo como ela é explorada e exibida nas redes sociais. A imagem captura e encanta desde os primórdios da constituição do eu, em que as referências utilizadas e exploradas na internet reproduzem certo ideal. Por esse retorno, a imagem se mostra como uma forma primária de satisfação; ela é um primórdio da constituição do eu que pode rememorar um encantamento por si. As imagens do seu próprio corpo e rosto (*selfies*) são amplamente exploradas pelas vias virtuais e podem atravessar o imaginário social.

A imagem do corpo pode despertar no sujeito afetos, pois ela foi libidinalmente investida pela linguagem, principalmente daquele que fez a função materna durante os primeiros anos de vida. Somente a linguagem não é capaz de sustentar a imagem do corpo, pois a representação sempre escapa ao sujeito, já que faz parte da cadeia significante. A incompletude da linguagem, nessa operação de descrição, gera um resto não representável

que, por sua vez, provoca um impasse, devido ao desencontro entre as formas de representação desse corpo e certa imagem ideal. Uma das consequências desse mal-estar é a angústia, a partir da qual o sujeito, inconscientemente, pode formar um sintoma. A saída da angústia pelo sintoma está descrita em Freud (2014). Por exemplo, um sintoma comum na clínica aparece no relato do paciente sobre a incessante necessidade de modificação da aparência atrelada à sensação de inadequação.

Lacan (1998) descreve a função da imagem como importante para constituir a ideia de um corpo unificado (ainda que sempre haja falhas, maiores ou menores), em Gestalt, para a precipitação do eu. Quando a criança pode compreender que a imagem refletida no espelho se refere à imagem do seu corpo, há a instauração de uma forma imaginária de unidade, constituindo *uma ideia de si como corpo* (Macedo, 2020), que se institui, a partir dessa ilusão de totalidade, conforme propõe Lacan:

O que chamei de estágio do espelho tem o interesse de manifestar o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica primordialmente com a *Gestalt* visual de seu próprio corpo: ela é, em relação à descoordenação ainda muito profunda de sua própria motricidade, uma unidade ideal, uma *imago* salutar; é valorizada por todo desamparo original, ligado à discordância intra-orgânica e relacional do filhote do homem durante os primeiros seis meses de vida, nos quais ele traz os sinais, neurológicos e humorais, de uma prematuração natal fisiológica (Lacan, 1998, p. 115).

Lacan (2023) também discute, em seu texto *A terceira*, sobre o encantamento do sujeito pela imagem. Por isso, o psicanalista aborda a relação da imagem com o corpo, mencionando a subserviência do homem à sua própria imagem, pois ela marca a constituição do corpo. Além disso, o autor menciona que o corpo tem uma consistência a partir relação com a instância do simbólico, pelas suas representações de corpo e do real, pela introdução do corpo na economia de gozo pela imagem. De certa forma, a antecipação prematura da imagem propicia a consistência do corpo, no entanto, o questionamento de Lacan será exatamente sobre essa submissão do homem a sua imagem, que permanecerá ao longo da sua vida. Corroborando esta elaboração, Lacan (2023), menciona:

O corpo se introduz na economia do gozo pela imagem. Foi daí que parti. A relação do homem, do que chamamos por esse nome, com seu corpo, se há algo que destaca que ela é imaginária, é o alcance que a imagem aí adquire. De início destaquei que para isso seria preciso haver uma razão no real. Se a prematuração explica isso. A ideia não é minha, é de Bolk - nunca busquei ser original, sempre busquei ser lógico. Essa preferência pela imagem vem do fato de que o homem antecipa sua maturação corporal, com tudo o que isso comporta, a saber, que não pode ver um de seus semelhantes sem pensar

que ele toma o seu lugar - então, naturalmente, ele o vomita. Por que o homem é tão subserviente à sua imagem? (Lacan, 2023, p. 37).

Em suma, mediante as considerações acima, a imagem é necessária para a constituição do eu. Entretanto, essa ideia de eu não se resume a ela. A marca deixada por essa necessidade inicial de ilusão de unidade, provida pela imagem, poderá percorrer impasses, principalmente na puberdade. Ademais, será necessário compreender como as instâncias do simbólico e do real são enodadas para que a relação com o corpo possa consistir. Para isso, é imprescindível apreender sobre o objeto *a*, que será abordado ainda neste capítulo.

Para elucidar como a imagem ocupa um lugar importante nos relatos dos seres falantes, recorro a um vídeo compartilhado no perfil público do Instagram chamado “Alexandrismos” em 25 de janeiro de 2024. Alexandra Gurgel, que é uma *influencer* digital, utiliza sua rede social para descrever várias de suas experiências de enfrentamento, por ser uma mulher gorda que luta contra a opressão dos padrões sociais. No vídeo, Alexandra narra como essas pressões estéticas começaram desde infância e como ela foi sendo interpelada por esses discursos:

Eu decidi colocar silicone nos peitos aos 10 anos. Eu tava assistindo ao Domingo Legal com a Carla Perez e ela falou que tinha colocado silicone no peito e na TV só falava o quanto ela era um símbolo sexual que agora ela estava linda, maravilhosa, com esses peitos. Eu saí correndo para o banheiro e peguei o óleo de silicone da minha mãe e comecei a esfregar nos peitos e falei: vai crescer, vai crescer! Quando eu vi que não cresceu, eu fiquei muito frustrada, eu lembrei que os meninos do condomínio falavam que gorda que tinha pelo menos ter peito e bunda, para pelo menos ficar proporcional. E eu não tinha nenhum nem outro. Eu cresci usando sutiã com enchimento, com bojo, por isso que eu não gosto. Desejei a vida inteira algo que eu nunca tive e vivi insatisfeita por isso. Eu achei que o silicone seria a chave da felicidade. Spoiler. Não era. Porque finalmente eu coloquei silicone, aos 23 anos. Só que três meses depois eu tentei acabar com a minha vida. (Gurgel, 2023)

Esta pequena fala da *influencer* poderia render inúmeras discussões que seriam pertinentes a este trabalho, no entanto, vou explorar aqui apenas o viés que contempla o tema desta dissertação. Ainda criança, neste período que antecipa a adolescência, a *influencer* conta como a imagem de uma mulher, no discurso midiático, aliada aos discursos dos seus pares - “meninos do condomínio” - provocaram nela um efeito: a necessidade de que seus seios crescessem para que fosse “linda e maravilhosa” ou ao menos “proporcional”, relevando-se sobre uma construção de aceitação social.

A crença era que se ela tivesse determinada imagem do seu corpo, com seios grandes, geraria a aprovação, satisfação e até felicidade. A mulher, convicta que obteria a satisfação,

realizou o procedimento de implante de prótese de silicone nos seios. Porém, logo após concretizar seu sonho de criança, ela tentou o suicídio. Pode-se deduzir que o impasse da imagem resulta nos sujeitos um tamponamento imaginário de que se houver determinado corpo ideal seria possível atingir uma forma de completude, que isso levaria a satisfação, entretanto o impasse com o real insiste em se presentificar e fura essa ilusão. Dessa forma, quando o sujeito encontra algo que imaginou desejar, ele pode se dar conta de que não era aquilo que ele queria, pois o objeto do desejo não pode ser satisfeito.

Além da discussão sobre a função da imagem na constituição da ideia de si como corpo, faz-se necessário abordar, ainda, o narcisismo e sua relação com os ideais, o que faço no tópico seguinte.

2.3 Narcisismo

Retomemos a discussão abordada anteriormente sobre como o bebê, antes de uma efetiva inscrição na linguagem, não passa de um amontoado de carne, como brincava Lacan (2005). Aos poucos, esse mesmo bebê ganha a capacidade de reconhecer-se como distinto do outro, a partir de um conjunto inicial de percepções entre o que é interno e externo. O bebê começa a ser capaz de certo investimento sobre seu próprio corpo, por isso a *ideia de si como corpo* (Macedo, 2020). Neste ponto do trabalho, faz-se necessário recorrer à elaboração do narcisismo e da teoria da libido³.

Garcia-Roza (2008) traz uma diferenciação fundamental que aparece confusa no texto *Introdução do Narcisismo*, (Freud, 2010), entre autoerotismo e narcisismo primário, justamente por ambos os termos se referirem ao bebê, que obtém prazer com seu próprio corpo. Por isso, a distinção proposta por Garcia-Roza (2008) entre autoerotismo e narcisismo, que ocorre quando, no início da vida, a satisfação auto erótica do bebê antecede a construção da *ideia de si como corpo*, pois ainda não podemos falar de uma instância do eu (*moi*). O “eu” se precipita no narcisismo, inclusive a ideia de si como corpo possibilita uma forma de investimento libidinal sobre si mesmo, pois, a partir disso, tem-se a ideia de uma unidade. A partir dessa operação construída, pode-se introduzir a ideia de narcisismo primário.

Em contrapartida a essa concepção de Garcia-Roza (2008), o dicionário de Laplanche e Pontalis (2001) apresenta uma leitura distinta em que a ideia de narcisismo primário é desenvolvida no bebê desde seu nascimento, pois a criança investe toda a libido em si mesma

³ O conceito de libido é proposto por Freud nas seguintes palavras: “como uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual” (Freud, 1905, p. 135).

através do auto erostimo, o qual é a forma de organização da atividade sexual da criança nessa fase. Já o narcisismo secundário é desenvolvido após o estágio do espelho e designa um retorno ao eu depois da retirada dos investimentos nos objetos. Nessas pequenas diferenciações entre leituras da obra de Freud, tomarei a proposta de Garcia-Roza para esta dissertação.

Outro ponto importante quanto ao narcisismo na infância refere-se a uma certa megalomania, manifesta em uma forma superestimada dos desejos, na “onipotência dos pensamentos”, na força mágica das palavras. Traços dessa forma permanecem na adolescência e podem ganhar contornos de sintomas, alguns deles tomando forma de psicopatologias na vida adulta.

Já a libido será força constante durante toda a vida do ser humano, não apenas limitada aos primeiros estágios de infância, chamada de pulsão. Todavia, conforme a criança vai crescendo, o narcisismo secundário será desenvolvido a partir de outras relações e implicará em novas formas de retorno desse investimento durante cada etapa da vida. Isso se dá a partir da pulsão, que começa a distanciar-se da única forma de obtenção de prazer em si mesmo, quando a criança começa a se compreender como um corpo distinto dos demais. Por isso, o estágio do espelho e a formação do eu são fundamentais para a instauração de um narcisismo, no sentido de que há uma possibilidade de endereçar a libido para outros objetos. Por vezes, o dinamismo da libido, durante a vida adulta, retorna a investimentos em si mesmo, acontecendo concomitantemente ao investimento em objetos. Esse retorno ao eu, após o endereçamento a objetos, é descrito como narcisismo secundário.

A partir do estágio do espelho se forma o eu ideal, que pode ser descrito como aquele que decorre do primeiro enamoramento do sujeito por sua imagem, do júbilo pelo reconhecimento da imagem refletida no espelho como sendo sua. Algo que marca construtivamente o estado de encantamento do bebê com sua forma perfeita: o eu ideal. Conforme descreve Freud (2010, p. 27), “O narcisismo aparece deslocado para esse novo eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição”. A construção desse eu ideal vem de uma posição inicial da criança que Garcia-Roza (2008) compreendeu como uma posição imaginária.

Explico-me: Garcia-Roza (2008) cita Freud para descrever ainda melhor que essa forma de encantamento do bebê consigo mesmo recai em uma retomada narcísica dos pais em seu próprio narcisismo encarnado no bebê, o que foi nomeado por Freud (2010) como *Sua Majestade, o bebê*. Um lugar infantil recai no bebê a partir do narcisismo dos pais, na medida em que eles projetam no bebê a imagem ideal de si, localizando nele toda a perfeição. Essa

posição do eu ideal, imaginária, é produzida pelos discursos maternos e paternos em que se inscrevem significantes que poderão produzir marcas no corpo sobre seus desejos, sobre como o bebê tem características físicas ou de “personalidade” dos progenitores. É comum dizerem: “Os olhos da criança são iguais aos do pai”, “a sobrancelha puxou à mãe”. Esse reconhecimento das características e do desejo dos pais em mencionar “meu filho será um médico muito famoso” diz respeito a esse depósito de imaginário dos pais sobre o corpo do bebê.

O ideal do eu advém de uma posição também do narcisismo, através dessas várias inscrições de significantes em que os pais foram falando para a criança desde muito pequeno. A inscrição na linguagem, promovida pelos pais, insere a criança num campo cultural. Freud (2010), em *Introdução ao Narcisismo*, entende que a pulsão fora direcionada aos objetos, mas a libido ainda se mantém retornando a si, enquanto investimento. Freud identifica esse retorno enquanto forma do ideal do eu. Visto isso, compreendo que, mediante a entrada do sujeito na linguagem, as vias discursivas irão submeter o sujeito a uma forma “ideal”, ou seja, uma forma de lei cultural do que é esperado de um ser humano.

Freud (2010), todavia, alerta que o sujeito não se submeteria a tal posição se não houvesse algo nele próprio que o levasse a uma forma de submissão a essa lei. Desse modo, há um retorno da libido sobre si mesmo, quando o sujeito atende a essa forma ideal que é produzida pela cultura e pela moral.

Há, portanto, algo da ideia que permeia o campo do simbólico, da lei e da entrada na linguagem e sobre o que é esperado do sujeito para que ele possa ser aceito ou ser amado. Mas reafirmo, conforme disse Freud (2010), que mesmo que o sujeito seja impulsionado a atender a certos ideais por via da cultura, há uma retomada desse investimento libidinal, que retorna para si como equivalente ao narcisismo para o sujeito:

Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-lo na forma nova do Ideal do eu. O que ele projeta para si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 2010, p. 27).

O ideal do eu é considerado por Freud (2010) como resultado da introdução da cultura ou dos ideais dos pais sobre essas crianças, que ressoavam como repressão da libido, em uma tentativa regulatória e em resposta a essa intensa repressão ao formar a “consciência moral”. Freud compreendeu que esta contenção libidinal é precursora da instância psíquica do super-eu, pois, à medida que a linguagem vai marcando o sujeito, ele responde a ela, ora se

submetendo, ora a subvertendo. Na via dessa submissão, o super-eu atua a partir desse estatuto de lei em que o sujeito se vê enredado sobre as proposições de dever: “deveria ser” ou “deveria ter”. Ao atender a estas leis ou supor dever atendê-las, o sujeito tem um retorno dessa libido em si mesmo, através deste mecanismo sofisticado neurótico chamado culpa.

Prosseguindo sobre a introdução do bebê no campo da cultura, a fala do Outro com o bebê é o acesso a uma inscrição fundamental que também trará a marca da entrada na linguagem, tornando-o sujeito:

Pois a incitação a formar o ideal do eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública (Freud 2010, p. 29).

Para Lacan, conforme citado por Bulat-Manenti (2008), a entrada da linguagem que marca o corpo é o primeiro trauma que resulta na perda do corpo real. Como efeito dessa perda o corpo vai sendo constituído e desconstituído à medida que a relação com a linguagem é estabelecida. O próprio processo de deposição do eu, que resulta da consistência imaginária propiciada pela imagem, encontra-se furado pela impossibilidade da total identificação da imagem percebida ao eu. O furo é localizado na linguagem pela não correspondência do que é um corpo a uma instância definitiva. Deste modo, o verbo “ser” se torna inverossímil, pois a cadeia associativa da linguagem precisa perpetuar a sua significação. Acredita-se, portanto, que o sujeito não é o seu corpo, mas que se tem um corpo.

Porque o corpo não é um dado adquirido no ser humano. O corpo é antes um arrancamento ou uma obra, uma construção, uma criação, nunca uma aquisição. Este corpo humano, diferente do organismo, é construído e desconstruído ao ritmo da sua relação com a solicitação do Outro, da sua relação com o que a psicanálise designa como complexo de castração. No falasser, a imagem do próximo e a imagem do próprio corpo são constituídas simultaneamente, por meio da imersão na linguagem (Bulat-Manenti, 2008, p. 9, tradução nossa).

Em síntese, a impossibilidade de corresponder ao ideal imposto pela cultura gera um efeito no sujeito, assim como a linguagem que também não consegue dar conta de uma resposta decisiva sobre o que é o corpo. Em ambas as situações de impossibilidade, o efeito desses impasses é um mal-estar. Freud (1976), em *Mal-estar na civilização*, descreve sobre as três fontes de sofrimento:

Já demos a resposta, ao indicar as três fontes de onde vem o nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade (Freud, 1976, p. 43).

Visto que há um mal-estar já percebido por Freud, a minha proposição é fazer uma borda a este efeito que gera certo tipo de estranhamento com o próprio corpo, por tal constatação, enderecei-me em fazê-lo através do conceito de infamiliar.

2.4 O infamiliar

Há sempre um mal-estar do sujeito com seu corpo, pois ele não é seu corpo, mas ele o tem, por isso o sujeito pode estranhá-lo, de forma que possa se sentir um estrangeiro ao habitá-lo. Deste modo, Lacan (2023), em *A terceira*, afirma “Do que temos medo? De nosso corpo” (Lacan, 2023, p. 52). Por isso, se o sujeito tem medo do próprio corpo, isso ocorre porque o corpo é uma constatação de uma alteridade radical, em que o corpo não é uma unidade sem brechas e sem fissuras. A constatação de Lacan me instiga a desbravar o que seria esse estranho que habita o corpo a partir da puberdade. Por isso o texto *O infamiliar*⁴, de Freud (2019), pode trazer referências importantes para problematizar a relação do adolescente com o seu corpo. Para esta dissertação, apesar da ampla definição proposta por Freud do infamiliar, interesse-me, principalmente, em apresentar o conceito a partir do recalque e sua relação com a angústia.

Na primeira definição do termo *infamiliar* no texto que me proponho a investigar, Freud (2019) qualifica infamiliar como o que aterroriza, suscita angústia e horror. O médico observa que, mesmo que tenham vários sentidos que possam ser atribuídos para a palavra, em geral, a relação estabelecida coincide com a angústia.

O que Freud busca responder em seu texto é como a palavra infamiliar poderia conter em si uma oposição aparente em suas significações. No entanto, quando aprofundadas as significações, elas tendem a se aproximar, se familiarizar. Posteriormente, o texto busca desenvolver como alguns fenômenos, a partir dessa sensação de infamiliar, que foram experienciados na literatura e no cotidiano, puderam circunscrever o que seria este conceito.

Para a busca de entender o infamiliar, Freud utiliza dois caminhos: O primeiro caminho seria o que significa o termo pelo viés linguístico: a palavra “infamiliar”, em várias línguas, em especial no alemão. No segundo percurso, Freud se vale de obras literárias e

⁴ Infamiliar é um neologismo que foi proposto pela editora Autêntica do termo em alemão “*Das Unheimliche*” para preservar a noção conceitual proposta por Freud.

alguns personagens, experiências pessoais e de vivências de amigos para discutir o despertar do sentimento “infamiliar” e a sensação de estranhamento. Nesse duplo percurso, o psicanalista tentou “desbravar o seu caráter infamiliar encoberto a partir do que há de comum em todos os casos” (Freud, 2019, p. 54).

Concernente ao percurso linguístico, para uma melhor compreensão dos significados atribuídos à palavra “*heimlich*” em alemão, Freud deparou-se com algumas possibilidades: Doméstico, confiável e íntimo. Seria de se esperar que o oposto ao termo em alemão, figurado como “*unheimlich*”, viria como uma negação do familiar, no entanto, ao avançar nos estudos da língua alemã, Freud chegou à seguinte conclusão:

Em suma, familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o *infamiliar* [*unheimlich*]. *Infamiliar* é, de certa forma, um tipo de *familiar*. Juntemos esse resultado ainda não esclarecido com justeza com a definição de *infamiliar* por Schelling (Freud, 2019, p. 58).

À medida em que Freud avançou nos estudos linguísticos do alemão, ele chegou à conclusão de que não há uma simples oposição entre os dois termos “*heimlich*” e “*unheimlich*”. Por isso, o médico deduz que em algum momento da língua alemã houve uma ambivalência de sentido, o que resultou que o significado do termo *infamiliar* se tornou um tipo de familiaridade. Para exemplificar isso, cito a sensação chamada popularmente por *déjà-vu*. Ela ocorre quando a pessoa tem a sensação de estranhamento, pois sente que já esteve naquele lugar, em algum outro momento, apesar de não se lembrar. Essa sensação de estranhamento é ocasionada pela familiaridade. Outro exemplo comum ocorre quando alguma pessoa diz a outra: “estranho, tenho a sensação de que já te vi em outro lugar ou em outro momento”. A sensação de infamiliar ocorre porque houve uma familiaridade não possível de ser acessada pela memória.

A palavra familiar, na língua portuguesa, não apresenta um único termo para dizer sobre “não familiar”, sendo necessário recorrer a outras palavras para dar esse sentido. Por isso as traduções que foram feitas do termo freudiano foram: inquietante, estranheza-inquietante-familiar ou estranho-familiar, o que levou à criação do neologismo para conseguir contemplar o termo freudiano “infamiliar”. O interesse psicanalítico em produzir uma nova palavra faz referência ao seu conceito por meio da metalinguagem, em que o infamiliar contém a familiaridade como ponto chave conceitual. Para isso, Freud elabora o seguinte trecho:

De todo modo, lembremos que essa palavra *heimlich* não é clara, pois diz respeito a dois círculos de representações, os quais, sem serem opostos, são, de fato, alheios um ao outro, ao do que é confiável, confortável e ao do que é encoberto, o que permanece oculto. *Unheimlich* seria usualmente oposto apenas do primeiro significado, mas não do segundo. Nada sabemos, pelo dicionário de Sanders, a esse respeito, nem se devemos aceitar um vínculo genético entre esses dois significados. Ao contrário, chamamos a atenção para uma observação de Schelling, que diz algo absolutamente novo a respeito do conteúdo do conceito de *infamiliar*, para o qual, certamente, nossa expectativa não estava preparada. *Infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona (Freud, 2019, p. 57, grifo meu).

O que Freud lê da estrutura linguística do *infamiliar* seria o que é considerado íntimo, doméstico, que deveria continuar em segredo, sem ser revelado e, de repente, se vê escancarado à luz da consciência repentinamente. Este é um ponto de leitura que acompanhará o conceito do *infamiliar* e será retomado em vários momentos desta dissertação, para uma articulação teórica. Freud anuncia:

O *infamiliar* é, então, também nesse caso, o que uma vez foi doméstico, o que há muito é familiar. Mas o prefixo de negação “in-” [*Un-*] nessa palavra é a marca do recalçamento (Freud, 2019, p. 75).

Na segunda parte do texto, Freud utilizará alguns contos e exemplos para desbravar o que há de comum nos casos citados sobre o *infamiliar*. Antes de compreender melhor a repetição ligada ao trauma, que representa um ponto de retorno que conduzirá a pulsão de morte, como enunciada posteriormente em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 2014a) e, também, em *Além do princípio do prazer* (Freud, 2006), Freud (2019) percebeu, em *O Infamiliar*, que o conceito estava ligado à sensação ocasionada pela repetição com a qual, por muitas vezes, os seres de linguagem se deparam no cotidiano. Para ilustrar tal ponto, ele conta a seguinte situação:

Como certa vez, em uma quente tarde de verão, quando eu caminhava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana, e acabei numa região cujas características não me deixaram por muito tempo em dúvida. À minha vista, havia apenas mulheres maquiadas nas janelas das pequenas casas, e me apressei para abandonar a estreita rua na primeira esquina. Mas, depois de um tempo em que vaguei sem direção, encontrei-me, subitamente, de novo na mesma rua, onde, então, levantei os olhos e chamou-me a atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio. Contudo, então, experimentei um sentimento que eu poderia apenas caracterizar como sendo da ordem do *infamiliar*; fiquei feliz por ter renunciado a fazer outras descobertas nessa viagem quando, rapidamente, já estava de volta à *piazza* de onde havia saído. Outras situações que tinham em comum o retorno involuntário como essa que acabo de descrever e se diferenciavam dela em

outros pontos tiveram como consequência o mesmo sentimento de desamparo e *infamiliaridade* (Freud, 2019, p. 68).

Neste trecho, Freud percebe que há uma repetição: o retorno ao mesmo lugar, que o leva a refletir que é comum os seres humanos repetirem sempre o mesmo equívoco, esbarrar no mesmo móvel quando se movimentam no escuro. Freud leu que essas repetições levavam ao retorno ao mesmo ponto, o que ocasionava a sensação do infamiliar, e a partir da sua constatação, ele pôde também suspeitar que havia algo de retorno na própria dinâmica psíquica do sujeito, a qual o levará, em 1929, em *Além do Princípio do Prazer*, a constatar que essa repetição levaria à “compulsão à repetição”. Neste trecho citado anteriormente, a sensação de infamiliaridade era acompanhada também pelo sentimento de desamparo e angústia ao se deparar com a repetição. Portanto, retornando à primeira definição que Freud dá ao infamiliar, o ponto em comum a todos os exemplos sobre o infamiliar estaria ligado à angústia. Desse modo, Lacan (2005) propõe uma elaboração sobre os afetos:

Ao contrário, o que eu disse sobre o afeto foi que ele não é recalcado. Isso, Freud o diz como eu. Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado. O que é recalcado são os significantes que o amarram. (Lacan, 2005, p. 23)

Freud (2019) percebeu que os afetos, em especial a angústia, não são recalcados, eles podem ser deslocados ou ficarem desprendidos de representação, mas eles são implicados na consciência. O recalque, para a psicanálise, refere-se a um mecanismo de defesa do eu, pois o sujeito, inconscientemente, repele aquilo que lhe causa desconforto. Nesse sentido, quando há um evento que contém algo insuportável para o sujeito, esse mecanismo de defesa retira tal conteúdo da consciência, rejeitando-o, o que é chamado de processo de recalque. Esse mecanismo atua sobre a ordem do princípio do prazer, no entanto o recalque é um processo que sempre deixa rastros, nesse caso, lidos por Freud e, posteriormente, por Lacan, como os afetos. Por isso, os afetos, como a angústia, muitas vezes, em uma análise, são direcionadores de que houve um processo de recalque e restou apenas a angústia. Esta pode aparecer na fala do analisando deslocada do contexto original, mas ainda em evidência como resto deixado na elaboração do sujeito.

No momento em que se pensa no recalcado como mecanismo de defesa, é importante compreender que, apesar do conteúdo recalcado ser retirado da consciência, o retorno dos significantes que o amarram é repetido, por isso é possível que o discurso do paciente seja lido. Os significantes que levam o sujeito a repetir situações ou se colocar em determinadas

posições retornam a um ponto comum, o trauma. Portanto, o conceito de infamiliar tem relação com o retorno do recalado, que deveria ter ficado apagado, mas é familiarmente (re)conhecido, ocasionando o horror, a angústia.

Ao buscar ilustrar como o retorno do recalado tem a ver com a sensação angustiante, o psicanalista trará um exemplo em *O Infamiliar* (Freud, 2019), de forma que a angústia, por ser um afeto, não será recalada. Neste texto, Freud trabalha com a hipótese de que o complexo de castração terá intrínseca relação com a angústia e com o infamiliar. Para isso, é necessário que eu retorne brevemente ao complexo de castração.

Em *A dissolução do Complexo de Édipo*, Freud (1996a) fará uma breve retomada na forma em que ele leu o complexo de Édipo, que atinge universalmente a todos os seres falantes. O mito edípico, pela visão da leitura freudiana, surgiu a partir da observação do comportamento de crianças, numa época histórica em que o homem europeu era ainda inquestionavelmente o centro do conhecimento, de forma que os signos psicanalíticos são marcados pela sua origem histórica falocêntrica. Apesar disto, o complexo de Édipo, que ainda tem a marca de sentido imaginário, deve ser lido a partir da relação com os significantes.

Freud observou que quando o interesse do menino se voltava para seus genitais e ele os manipulava, a criança se deparava com a desaprovação dos adultos em relação ao seu comportamento. Isso resultava em ameaças de perder o órgão que ele tanto estimava. Normalmente, a ameaça de castração vinha de mulheres que se referiam ao pai ou a alguma figura que exercia tal função, ou ainda a uma figura de autoridade na vida da criança, estabelecendo assim sua posição de poder para aplicar o castigo. A ameaça poderia vir no dizer que a criança teria alguma parte do seu corpo cortada ou algo semelhante. Freud (1996a) já menciona que não importava tanto o que seria arrancado da criança, mas a perda da parte do seu próprio corpo como ameaça.

Inicialmente, a ameaça não fazia tamanho efeito, de forma que a criança ainda não temia a perda, apesar de ficar alerta pela ameaça. Desse modo, o pequeno continuava a manipular o membro ou a fazer aquilo que o adulto reprovava. Até o momento em que o menino se depara com o órgão genital feminino, que produz nele certa incredulidade, pois o pequeno chega então à conclusão de que há então um ser que, aparentemente muito parecido com ele, fora castigado com a perda do pênis. O que leva a ameaça da castração a ter efeito posteriormente. Portanto,

Admitir a possibilidade da castração, perceber que a mulher é castrada punha fim às duas possibilidades de obter satisfação do complexo de Édipo. Pois ambas acarretavam a perda do pênis, uma masculina, como castigo, a outra, feminina, como pressuposto. Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito, vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (Freud, 1996a, p. 186).

O complexo de castração é solucionado quando o medo da castração faz com que o menino abandone esse lugar exclusivo de amor da mãe e busque a identificação com o pai, para posteriormente buscar o desejo em outras coisas ou pessoas. O interesse pela própria mãe e o medo da castração sofreram um processo de recalque, ou seja, de repressão. Isso leva o menino a uma fase de latência e a questão com a sexualidade será retomada durante a puberdade. A menina, para Freud, também sofre com a castração, no entanto ela se vê castrada desde o início. Ela deseja ter o pênis, mas ela percebe que não o possui desde muito cedo. Por isso, ela passa a desejar outros objetos substitutivos na adolescência e na vida adulta.

Não duvido que sejam típicas as relações temporais e causais entre complexo de Édipo, intimidação sexual (ameaça de castração), formação do Super-eu e começo do período de latência, que aqui foram descritas. Mas não desejo afirmar que esse tipo seja o único possível. Variações na sequência temporal e no encadeamento dos processos terão de ser muito significativas para o desenvolvimento do indivíduo (Freud, 1996a, p. 189).

O complexo de castração é extremamente importante para a construção da teoria psicanalítica, e receberá leituras aprofundadas por outros teóricos, incluindo Lacan (2005), que propõe uma leitura para além da instância imaginária relacionando a castração a perda simbólica e a falta, exigindo dos analistas uma leitura simbólica do complexo, conforme será retomado ainda neste capítulo. Nesse momento, o que interessa para a explicação do conceito de infamiliar é o retorno do recalcado com relação ao complexo edípico. Neste caso, a relação é estabelecida pelo medo instaurado pela ameaça da perda de algo que muito se estima.

Segundo Freud (2019), o retorno do recalcado é anunciado pela angústia. Em suas observações, ele associa o sofrimento do menino diante da imposição da lei e do temor da punição à noção de corte ou perda. Freud compreenderá que essa leitura se estende ao medo angustiante que a criança tem de perder algum membro ou órgãos, como por exemplo o medo de perder os olhos, e mesmo já quando adultos, os homens permanecem com muito medo de perder a capacidade de enxergar. Esta elaboração é fruto da análise de um conto chamado “O

Homem de Areia", em que o personagem principal teme perder a visão quando criança, durante a visita do homem de areia em sua casa, personificado em um amigo do seu pai. Segundo o mito contado à criança, o homem roubava os olhos das crianças que não se comportavam durante a noite. Durante o conto, o infamiliar é causado posteriormente ao sentimento de angústia, quando o menino se reencontra com o ameaçador homem de areia, ou quando encontrava homens que faziam referência à ameaça da perda dos olhos. De acordo com Freud,

[...] se a teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de uma moção de sentimento, de qualquer espécie, transforma-se em angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angústia, deve haver então um grupo no qual se mostra que esse angustiante é algo recalcado que retorna. Essa espécie de angustiante seria então o infamiliar e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originariamente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo (Freud, 2019, p. 71).

Assim, a sensação de estranheza que surge ao retornar ao ponto recalcado é evocada pelo afeto da angústia. A discussão freudiana sobre o infamiliar é concluída, nas palavras do psicanalista: “[...] o infamiliar da vivência existe quando complexos infantis recalcados são revividos por meio de uma impressão ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (Freud, 2019, p. 79). Em síntese, o infamiliar seria o sentimento causado pelo retorno de um complexo infantil, recalcado, que ficou no inconsciente e se reencontra descoberto. Para Harari (1997), o estranho é o retorno daquilo que deveria faltar, mas vem à tona.

A angústia ainda será abordada no texto “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 2014). Para além do medo da castração, Freud também relaciona a angústia ao medo da ausência materna, no caso de bebês muito pequenos, o qual está relacionado ao desamparo. A sensação de desamparo pode ser experimentada ao longo de todas as fases da vida, como destacado pelo psicanalista quando menciona que “a angústia é a reação primária ao desamparo no trauma” (Freud, 2014, p. 192), e isso resulta na formação do sintoma. Este último é uma metáfora que encapsula a prisão dos significantes.

Outro ponto fundamental do texto de Freud (2019) menciona um acontecimento em decorrência do infamiliar, que seria a sensação do efeito ocasionado pelo duplo ou sombra. O fenômeno seria uma pessoa que identifica um outro de aparência igual, como se fosse uma visão ou miragem, um outro ser que se assemelha na aparência. Duas pessoas que são consideradas idênticas ou de alguma forma um outro ser que se apresenta igual por

apropriação do conhecimento, sentimentos ou vivências. O psicanalista busca definir o que é o duplo na seguinte citação:

[...] o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra – o que deveríamos chamar de telepatia –, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu – e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (Freud, 2019, p. 66).

O duplo é a sensação de que há um outro que me olha, mas este outro me remete à minha própria imagem. Para D'Agord *et al.* (2013), a sensação de infamiliar aparece quando a fronteira entre a fantasia e a realidade não fica bem estabelecida, de forma que o encontro com a própria imagem é percebido com estranheza, conforme D'Agord *et al.* explicam:

Do ponto de vista racional, espera-se que a função da consciência separe o fantasticismo e a realidade, enquanto efetividade. Quando se dissolve essa fronteira é que surge o efeito inquietante ou não familiar (*unheimlich*), o qual compartilha com as formações do inconsciente essa continuidade entre fantasia e realidade. Assim, um encontro repentino com a própria imagem pode remeter à noção de “duplo” como um estranho que me olha. Eu sou o objeto de um outro. Eu vejo a mim como um estranho que vem de fora de mim. Eu não me vejo como se me visse no espelho, imagem virtual ou especular, mas como imagem real (D'Agord *et al.*, 2013, p. 476).

Para ilustrar a posição do duplo, recorro ao filme *Cisne Negro*, de 2010, dirigido por Darren Aronofsky e estrelado por Natalie Portman, que interpreta a personagem Nina. O enredo do filme gira em torno da produção da peça de balé “O lago dos Cisnes”, em que a bailarina escolhida interpretaria o papel do Cisne Branco e do Cisne Negro. O drama do filme se passa porque Nina parecia se encaixar perfeitamente no papel do Cisne Branco, mas é cobrada pelo diretor da peça que assumisse uma postura mais sensual e dramática para poder vivenciar o Cisne Negro. No entanto, a personagem Lily, recém-chegada, acaba sendo cogitada também para o papel, por ter as características que faltavam a Nina na visão do diretor.

Nina, diante da pressão em ocupar o papel duplo, vive um intenso drama que se desenvolve em torno dessa desorganização da ideia de eu. O filme mostra como Nina tem uma relação muito complicada com sua mãe. O desencadeamento da crise psicótica que Nina

enfrenta aparece nas vivências de seu corpo que se despedaça e é reconstruído na forma do Cisne Negro, quando ela começa a ver seu corpo transformado nesse cisne. A hipótese é que o que desencadeia o surto de Nina seja o impasse ao se ver convocada a ocupar uma posição sexuada para se transformar em Cisne Negro. A transformação de Nina acontece na dimensão do real quando suas alucinações operam em seu corpo, que se modifica.

A primeira cena do filme em que fica evidente a manifestação do duplo é quando Nina tem uma alucinação que está fazendo sexo com Lily. No momento do seu orgasmo, Nina vê a sua imagem no corpo de Lily, ou seja, quando ela vê o seu duplo, ocasiona na protagonista um terror, a sensação de infamiliar. Prosseguindo nessas manifestações do duplo no filme, transcorre uma das últimas cenas do filme em que Nina irá apresentar a peça “O lago dos Cisnes” como protagonista. Antes de entrar em cena, Nina tem outra alucinação: ao entrar no camarim, Nina encontra Lily, que diz que irá se apresentar no lugar de Nina. Não aceitando o fato, Nina entra em um confronto corporal com Lily e acaba quebrando um espelho que se despedaça. Nina tenta enforcar Lily, quando tem novamente a visão do duplo, de forma que Nina vê sua imagem no corpo de Lily, em outras palavras, o corpo que ela está enforcando é o seu próprio corpo. Diante de tamanho horror e com intuito de eliminar esse duplo, Nina pega, no chão, o fragmento de espelho e acerta a região da barriga do seu duplo. Quando ela retorna dessa sensação, ela pensa que matou Lily, esconde o corpo da rival no camarim e se dirige para sua apresentação ao público como Cisne Negro. Na verdade, o que vai se descobrir no decorrer do filme é que Nina não mata Lily, mas a si mesma acertando o seu próprio corpo quando estava em alucinação. Quem ela mata, de fato, é o seu duplo.

Após apresentar uma cena do balé, Nina retorna aos bastidores e recebe um elogio de Lily pelo seu desempenho. Nesse momento, Nina se assusta ao perceber que teve uma alucinação e retorna ao camarim, suposto local que havia deixado o corpo morto de Lily, e percebe que não havia nenhum corpo. No entanto, ao olhar para si, Nina percebe que acertou a própria barriga com o fragmento de espelho para tentar se livrar do duplo que a afligia. Mesmo sabendo do ferimento, Nina retorna ao palco para fazer a última cena, que seria o suicídio do Cisne Branco que, metaforicamente, seria também a última dança de Nina na vida.

O filme *Cisne Negro* aponta a fragilidade da ideia de eu de Nina. O despedaçamento psíquico foi hipoteticamente ocasionado pelo infamiliar. Como consequência, houve o esfacelamento da unidade corporal, resultado do reencontro com o infamiliar. Este retorno do infamiliar causou um desarranjo psíquico, que convocou Nina a produzir delírios e alucinações para amenizar o seu horror da sensação de fragmentação do seu corpo. Pela sua aparente estrutura psicótica, Nina fez dilacerações no seu corpo, até poder se transformar no

que ela desejava, o Cisne Negro. O corpo funcionou para Nina como palco de sua transformação atuada no real, sem mediação simbólica, o que custou sua vida.

Deste modo, a trama do filme *Cisne Negro* apontou o engodo da unidade corporal, tanto pela sensação de fragmentação do corpo quanto pelo fenômeno do duplo. No primeiro, tem-se a dissolução da unidade corporal esboçada no estágio do espelho, que remete à experiência do corpo fragmentado. No segundo, na experiência do duplo, há essa irrupção do eu como outro, de modo a evocar uma alienação primordial do sujeito à imagem especular, o eu que surge como outro. Portanto, a sensação de corpo fragmentado e o duplo são dois fenômenos profundamente perturbadores.

Constata-se que estes fenômenos perturbadores aparecem no caso de Nina, pois houve a irrupção do objeto voz e do objeto olhar, que levam a fratura da imagem do espelho enquanto uma imagem unificada. No estágio do espelho, Lacan descreve que há dois objetos pulsionais fundamentais: o olhar e a voz. Deste modo, quando a criança está se reconhecendo no espelho, o olhar e a voz materna exercem uma função fundamental quando confirmam para criança que a imagem refletida pertence realmente à criança. Portanto, esses dois elementos são essenciais para que a imagem unificada seja ofertada à criança. No entanto, estes dois objetos, voz e olhar, precisam ser recobertos por significantes. Desse modo, há uma interdição que recai sobre a mãe e impede que essa criança seja, de fato, objeto de desejo daquele que ocupa a função materna. A interdição promove uma separação entre o desejo materno e a criança, o que produz na criança uma falta. Nesse sentido, o objeto voz e objeto olhar podem operar como causa do desejo na criança, quando o pequeno emerge como sujeito e toma para si o desejo de ver e desejo de vocalizar.

No caso de Nina, estes objetos voz e olhar (re)aparecem, emergem não interditados, de forma que anunciam um colapso subjetivo que é exatamente decorrente dessa invasão pulsional no espelho. Quando estes objetos primordiais que alienaram o sujeito ao espelho aparecem sem essa interdição, em outras palavras, sem mediação pelo campo simbólico provocam o horror no sujeito. Portanto, no caso da psicose, o sujeito se vê identificado ao objeto *a*, enquanto um dejetivo real que pode, inclusive, levar ao extremo do suicídio. Doravante, o que causa horror é a possibilidade de ocupar este lugar de objeto de gozo do Outro.

O filme se caracteriza como terror psicológico, ressaltando este efeito que provoca o sentimento de perseguição vivido pela protagonista e pelo sofrimento transformado em uma imagem real pelo seu duplo. O duplo está associado também à manifestação de alucinações

como um tipo de psicose. Por isso, D'Agord *et al* (2013) mencionam, buscando explicar o duplo:

A série de construções delirantes persecutórias ou fascinantes (entre as quais, difamatória, violação da intimidade, ataque à honra, espionagem ou de sedução) se relacionam à característica de miragem da organização original do eu observante e do eu observado, isto é, as miragens do eu e do “objeto” seriam tomadas como eventos apenas (D'Agord *et al.*, 2013, p. 477).

O duplo foi uma noção importante na releitura de Lacan, pois foi a partir daí que ele pode elaborar um modelo para a constituição do sujeito através do estágio do espelho e, posteriormente, será também utilizado como ponto fundador do esquema do espelho, abordado mais adiante. Lacan (1998) lê o duplo freudiano a partir da concepção da imagem enquanto fundadora da ideia de eu. No primeiro momento, o bebê, ao se ver no espelho, reconhece que há um outro; no segundo momento, reconhece que no espelho há uma imagem de um outro; e, no terceiro momento, reconhece a imagem a si. Esses pontos foram possíveis através do modelo inicial que Freud propôs com noção de duplo. Para corroborar essa ideia, D'Agord *et al.* (2013) dissertam:

A pesquisa freudiana do inquietante (*unheimlich*), enquanto efeito do encontro com a imagem de um sósia, assim como as suas subsequentes releituras por Lacan, caracterizam-se como teorizações, abstrações que elucidam, por meio de modelos, a constituição do sujeito. O que o modelo dialético lacaniano permite pensar é a constituição do sujeito a partir de tempos lógicos numa dialética, isto é, tempos que não se sucedem linearmente, mas giros que se continuam sobre si mesmos, retomados como renovados, ou retomados como recalçados, mas nunca deletados (D'Agord *et al.*, 2013, p. 477).

2.5 Esquema do espelho

Lacan (2005), no seminário 10, *A angústia*, amplia a discussão sobre as instâncias do eu ideal e ideal do eu, aprofundando a relação da linguagem em sua construção, da incidência do objeto *a*, por meio da abordagem do esquema ótico de Bouasse. Portanto, a elaboração a seguir retomará alguns elementos já vistos anteriormente nesta dissertação para produzir novas elaborações. Ela dará ênfase a construções lacanianas que retornam a Freud. A relação traçada é sentida na experiência no corpo em que o infamiliar é percebido, posterior ao sentimento de angústia, o sentimento que não mente.

Portanto, a imagem refletida nesse espelho confunde-se com a imagem do eu, pois o suporte dessa ilusão e do furo se dará pela linguagem.

A referência criada pelo esquema em que o buquê de flores está sob o vaso equivale à identificação do sujeito com a sua imagem como sendo o eu. Esse fenômeno é um instante constitutivo que ocorre quando a criança ainda é muito pequena (de seis a dezoito meses) e a acompanhará por toda sua vida, pois quando o sujeito se olha em um espelho, em uma foto ou na tela do celular, ele chama a imagem refletida de eu. Isso fica mais claro quando se tem uma fotografia: Quando alguém se acha diante de uma fotografia em que sua imagem aparece, essa pessoa refere-se à imagem como correspondendo ao eu (*moi*): “Olha como estou nessa foto”. Na verdade, não é o eu da pessoa, mas sua imagem, fotografada naquele instante. Isso ocorre também diante do espelho, quando a pessoa olha para o espelho e se refere à imagem como sendo correspondente ao seu eu. A pessoa não se vê ali, ela vê a imagem refletida. Esta associação da imagem de alguém ao eu (*moi*) é o ponto em torno do qual Lacan constrói o pressuposto de que o eu (*moi*) é constituído pela imagem. Nesse primeiro momento de percepção da imagem relacionada ao eu é que ocorre o júbilo, o que vem acompanhado com aquilo que é chamado de eu ideal: a primeira percepção de eu constituído por uma imagem. O eu ideal será recalçado e retomado logo a seguir, a partir do ideal do eu.

Para que a instância do eu (*moi*) se consolide é preciso que haja um assentimento do registro do simbólico, por meio de significantes que assegurem que a imagem refletida na superfície especular representa o sujeito. O suporte do significante é que sustenta o processo de alienação, e o imaginário dá consistência ao eu. Todavia, o real, que não cessa de não se inscrever, também fará parte dessa construção, porque qualquer representação se serve da linguagem, que, por sua vez, é insuficiente para nomear e representar o mundo. Haverá, portanto, sempre um resto desta operação de representação, apontado pela incidência do real.

Na segunda parte da Figura 1, que pode ser vista na parte central e à direita da imagem, tem-se a complexificação desse esquema. Lacan (2005) acrescentou outro espelho, mas agora o espelho plano que representa o grande Outro barrado, essa alteridade que compõem o campo da linguagem. Voltando ao acontecimento infantil para seguir com a explicação da representação do esquema ótico: a criança, diante do espelho, acompanhada por um adulto, vê sua imagem ali refletida. Faz, então, um movimento de virada da cabeça para buscar o olhar do outro que está com ela. Nesse momento, a criança demanda desse outro o reconhecimento de que aquela imagem refletida é mesmo dela. O pedido de reconhecimento diante da imagem no espelho representa o que o neurótico passará ao longo da sua vida buscando, em alguma medida, demandar o reconhecimento do Outro diante da pergunta que

se tornará sobre o seu próprio desejo “o que você deseja?”. Portanto, a busca neurótica, a demanda dirigida ao Outro é o reconhecimento e valorização dessa imagem. Para Lacan:

Na simples imagenzinha exemplar da qual partiu a demonstração do estágio do espelho - o chamado momento jubilatório em que a criança, vindo captar-se na experiência inaugural do reconhecimento no espelho, assumiu-se como totalidade que funciona como tal em sua imagem especular - porventura já não relembrei desde sempre o movimento feito pela criancinha? Esse movimento é tão frequente, tão constante, eu diria, que qualquer um pode lembrar-se dele. Ou seja, a criança se volta, como observei, para aquele que a segura e que está atrás dela. Se nos esforçamos por assumir o conteúdo da experiência da criança e por reconstituir o sentido desse momento, diremos que, através desse movimento de virada da cabeça, que se volta para o adulto, como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem (Lacan, 2005, p. 41).

Nessa imagem refletida por esse espelho plano, tem-se uma imagem virtual e vertical e, por intervenção da pergunta feita pela criança, através da sua virada de cabeça ao adulto, estará instaurado o ideal do eu. É necessário lembrar que o adulto, nessa representação, porta o lugar do Outro, enquanto lugar representante desse campo do tesouro dos significantes. Por isso, a criança demanda que o Outro lhe diga aquilo que ela idealmente deve ser, para que possa ser amada, inscrevendo-a, assim, no campo da linguagem. Em termos freudianos, a expectativa do Outro pode ser um presságio daquilo que o super-eu designa como ideais morais de beleza e esperados de cada ser humano.

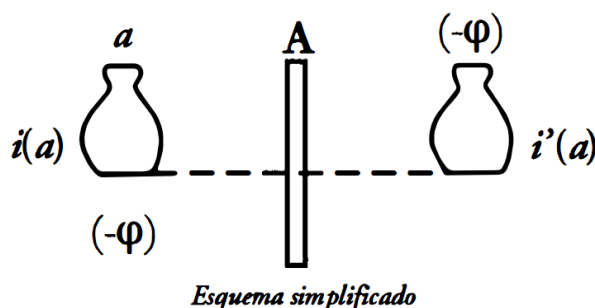
Um dos impasses do neurótico, dentro desse imaginário, funda-se no hiato entre essas instâncias: o eu ideal, que se manifesta sobre o júbilo do seu encontro com sua imagem, momento recalcado; e o ideal do eu, que se insere como a demanda daquela criança que pede o reconhecimento ao grande Outro. Nesse pedido, a impossibilidade de se colocar como sendo o desejo do Outro, ainda que inconscientemente, começa a se instaurar na criança, pois há um furo na representação de sua imagem, há a falta. Talvez por isso, ela repita, por tantas vezes, o movimento e o pedido de confirmação do adulto. Por último, há um resto da operação de alienação e separação ao significante, suporte da linguagem, que sustenta a ilusão sobre uma imagem. O furo, a falta e o restos são fundamentais para a articulação do objeto *a* naquele esquema.

A discussão do ideal do eu se mostra como aquilo que falta, imaginariamente, ao sujeito. Em uma análise, o ideal do eu se refere àquilo que o sujeito deveria ser ou ter, mas ele só deseja o ideal porque se reconhece como um ser faltante. Por isso, a dialética do desejo pode ser compreendida quando o sujeito, que reconhece a sua falta, deseja. Ao desejar atingir

ou ser algo do seu ideal do eu que lhe falta, ele continua investido na busca do desejo. Afinal, mesmo que esse sujeito atinja algo do seu ideal do eu, a falta não será eliminada, pois ela é instaurada desde o início da vida do ser falante e ela sempre existirá, até a morte.

Para Lacan (2005), a falta que proporciona a ocorrência da dialética do desejo não é causadora da angústia, mas sim a falta da falta. Para articulá-la a esse esquema, apresento o esquema ótico simplificado que Lacan traz também neste seminário (Figura 2):

Figura 2: Esquema ótico simplificado



Fonte: Lacan (2005).

A imagem refletida é sempre não-toda, assumindo um resto não representável, assinalado no esquema mostrado na Figura 2 com o símbolo $(-\phi)$ para apontar a falta. Para Lacan:

Nesse lugar da falta onde algo pode aparecer, coloquei pela última vez, e entre parênteses o sinal $(-\phi)$. Ele lhe indica que aqui se perfila uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, de narcisismo primeiro, daquilo que a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. Em suma, ele é um alimento que fica ali para animar, eventualmente, o que intervirá como instrumentação na relação com o outro, o outro constituído a partir da imagem do meu semelhante, o outro que perfilará suas formas e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é parceiro sexual (Lacan, 2005, p. 55).

O neurótico olha para o espelho plano e, ao perceber que aquela imagem é não toda, ele acredita que falte alguma coisa e demanda do Outro essa falta fálica. Não é diante da castração que o neurótico recua, mas do que fazer diante dessa falta, pedindo que o outro lhe dê o que lhe falta, no entanto, a falta é estrutural.

A possibilidade de localizar a falta como estrutura do desejo é um suporte dado pela linguagem. Entretanto, há uma outra instância que é marcada pela impossibilidade do

significante escrever a falta. A partir desta descoberta, Lacan desenvolveu o conceito de objeto *a*, baseado nisso, busquei reproduzir essa discussão a partir da estrutura do desejo e a relação com os objetos.

2.6 Objeto *a*: Causa do desejo

Conforme foi construído anteriormente em 2.2, a imagem ocupa uma função de antecipação de maturação corporal, em que o sujeito pode, através dela, construir a ideia do eu. Para que essa consistência seja localizada no registro do imaginário, ela precisa ser suportada pelo simbólico, através das representações e no real pela introdução de economia de gozo. Desse modo, essas três instâncias são enodadas a partir do objeto *a* como centro desta articulação. Para explicar sobre esse fundamental conceito lacaniano, o objeto *a*, faz-se necessário que a compreensão sobre o desejo diante da falta, a pulsão parcial e a relação com o objeto sejam aprimoradas a partir do que foi discutido anteriormente em 2.5.

No seu texto “A subversão do sujeito e a dialética do desejo”, Lacan (1998) coloca em questão a relação do sujeito com o desejo. Lacan (1995), em seu seminário 4, *A relação do objeto*, retoma uma importante construção freudiana sobre a pulsão, a qual se difere do termo instinto, pois seria o conceito-limite entre o somático e o psíquico, em que o somático se refere à exigência do corpo, enquanto o psíquico seria o modo com que essas exigências ganham contorno pela linguagem. Para exemplificar sobre isso, poderia usar a fome, a qual, para os animais, é saciada pelo alimento; todavia, para os humanos, a fome está articulada ao significante, ao desejo, à demanda. Se o desejo do ser falante passa pelo viés da linguagem, o objeto faltante é reconhecido apenas pela linguagem.

Lacan (1998) retomará o objeto de Freud, que está em grande parte da sua teoria. O objeto freudiano pode ocupar infinitas consistências, desde objetos materiais a cargos, conquistas, uma vez que a força constante da pulsão busca o reencontro com o objeto perdido, *das Ding*, a Coisa, como chamado por Freud. Perante isto, conclui-se que a satisfação decorrente do reencontro com um objeto, que temporariamente pode ocupar o lugar do objeto de desejo, é logo substituída por outro objeto, e assim sucessivamente. Desse modo, a satisfação é sempre tida como parcial, pois o reencontro com o objeto perdido não é possível. Para Lacan, o objeto perdido de Freud indica um objeto que ocupa uma função vazia, podendo ser ocupado por qualquer coisa. Desse modo, o sujeito buscará reencontrar esse objeto perdido através da pulsão, que pode ser apreendida como uma força constante que leva o sujeito a desejar em torno de algo, um lugar vazio.

Desse modo, esse lugar vazio leva o objeto freudiano a ganhar a dimensão da representação da falta. A partir da falta, o objeto *a* estabelece uma relação com a estrutura do desejo, pois o desejo é marcado pela falta simbólica em sua dialética, que leva o sujeito falante a continuar a desejar. Lacan diz sobre o desejo:

Pois longe de ceder a uma redução logicizante, ali onde se trata do desejo, encontramos em sua irredutibilidade à demanda a própria mola do que também impede de reduzi-lo à necessidade. Para dizê-lo elipticamente: que o desejo seja articulado é justamente por isso que ele não é articulável (Lacan, 1998, p. 819, grifo meu).

Lacan (1998) propõe que o desejo não é possível de ser reduzido à necessidade satisfeita, pois ele tem uma relação com a pulsão, assim como a demanda feita pelo sujeito falante não é redutível a um objeto. Por isso, Lacan constrói sua frase, que carece de uma explicação: “O desejo não é articulável, embora ele possa ser articulado”. O desejo é uma estrutura que não é articulável, pois não há representação possível para ele enquanto um objeto. Desse modo, o objeto falta como marca da ausência de representação, portanto não há um objeto que corresponda a um símbolo no desejo. No entanto, o desejo pode ser articulado com os demais significantes a partir da falta produzida pela ausência de representação, o que faz com que a articulação do desejo seja possível no desencadeamento da cadeia de significantes que se dá pelo exercício da fala do sujeito.

A busca por esse objeto, já enunciado como falta, leva Lacan a compreender que há três instâncias cujo objeto *a* pode ser articulado no centro do imaginário, simbólico e real. A instância do objeto como imaginário refere-se à possibilidade de se atribuir certa consistência e sentidos ao mundo e à posição do sujeito nele. Refere-se, ainda, à necessidade de referenciar aquilo que falta para os seres falantes. Cotidianamente, a vontade de possuir algo, como no caso de alguns adolescentes, conforme abordado pela temática desta pesquisa, manifesta-se no desejo de ter um corpo magro, musculoso e com pouca gordura. Esse desejo pode ser identificado e alcançado através da estabilização imaginária do objeto, um movimento que pode referir-se à busca pela completude e pelo preenchimento de uma falta percebida.

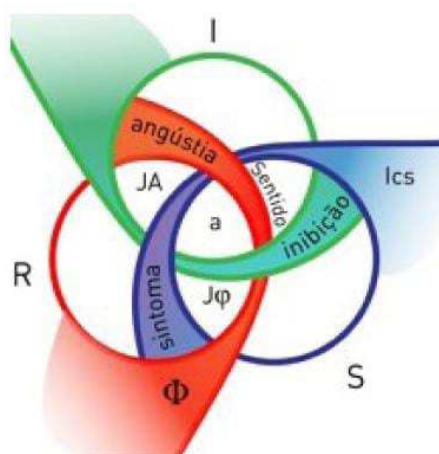
Já instância que sustenta o desejo, chamada de fállica, é representada pela instância simbólica. O objeto é reconhecido como falta pela própria estrutura da linguagem, de forma, metonimicamente, à falta que a linguagem carrega por ser sempre não-toda. Como consequência, a instância simbólica, é a localização do vazio de representação pela linguagem.

Já a dimensão real, conforme trabalhei anteriormente, relaciona-se ao fato de que a linguagem não consegue apreender o real. Por isso, quando a estrutura do desejo é lida a partir do real, concebe-se que não há representação da falta pela linguagem, pois há o limite da localização da falta, cujo nome é a falta do significante. Portanto, a falta de significante no Outro, que Lacan (1998) escreveu como ($\bar{A}$). Faria (2015) explica um pouco mais sobre a falta de significante:

Embora tudo o que é significável se encontre do lado do Outro, daí não se pode deduzir que tudo seja significável. Há um limite, este em que o sujeito se depara com a não resposta do lado do significante. É necessário considerar, portanto, na perspectiva do sujeito, a falta do significante, mas como abordar esse limite da linguagem? É justamente neste ponto que o recurso à linguística revela-se limitado e impreciso (Faria, 2015, p. 66).

Deste modo, as três instâncias: imaginário, simbólico e real, estão presentes para que o objeto *a* possa ter efeito. Portanto, o objeto *a* não é representável, pois emerge enquanto resto e só pode ser apreendido quando o RSI (Real, Simbólico e Imaginário) estão enodados. Por isso, o objeto *a* foi demonstrado na figura borreana de Lacan (Figura 3):

Figura 3: Figura borreana de Lacan



Fonte: Lacan (2023, p. 107).

Em suma, o objeto *a* se trata de uma dimensão inapreensível da linguagem. Além disso, para compreender o objeto *a* é necessário retomar a pulsão. A satisfação da pulsão não está no encontro com o objeto, mas na descarga pulsional parcial em torno desse vazio. Portanto, a operação que comporta o objeto *a* é a não satisfação toda da pulsão, por não a satisfazer totalmente, esta operação produz um resto. Este efeito de resto é o objeto *a*. Assim, o desejo se instaura a partir da parcial satisfação da pulsão, em torno do resto, do objeto *a*.

Se, como enunciado no início desse tópico, o objeto *a* é a causa do desejo e por isso, conforme mencionei, o ponto fundador do desejo para psicanálise é a falta, a causa do desejo em torno desse buraco, esse limite criado pela não satisfação da pulsão é o que a estrutura simbólica localiza, através da linguagem, pela falta. Portanto, o papel do simbólico é localizar o furo.

Um dos objetivos da psicanálise é tratar do resto, aquilo que sobra dessa operação que é atravessada pelo real. Por isso, a partir do objeto *a*, na análise, o ser falante encontra possibilidade para dimensionar a falta que se localiza pela linguagem. Como no caso do ponto de partida desta dissertação, os ideais estéticos que os sujeitos buscam cumprir são a dimensão do imaginário que completam e podem ser localizados em objetos na realidade. O trabalho de uma análise é atravessar o campo imaginário e construir novas possibilidades a partir daquilo que causa desejo e reinvenções.

Nos tempos iniciais de uma análise, há a dimensão do imaginário que nomeia um objeto de desejo: “eu quero ter determinado corpo magro, mas eu não o tenho”. Nesses primeiros momentos de uma análise, o sujeito ainda acredita que a causa de seu sofrimento, que o leva a se queixar, é a impossibilidade de ter um corpo ideal. O sujeito, em uma análise, tem a possibilidade de se questionar sobre a necessidade de ter o corpo ideal. A análise se propõe a esvaziar a referência a esse ideal, que tem sido usado como padrão para a própria imagem corporal do sujeito.

Deste modo, a queixa sobre atender a um certo ideal estético é um primeiro momento em que o sujeito começa a dirigir certo incômodo ao analista. Tal fato é bastante comum em adolescentes, pois a demanda é a própria localização do mal-estar decorrente da falta que habita os seres da linguagem. Quando o sujeito se depara com a própria impossibilidade de ser este ideal imposto, a análise já o moveu para chegar a tal conclusão. Por isso, o que resta (objeto *a*) essa impossibilidade com que o sujeito se deparou é o que o moverá em direção à sua própria causa de desejo. O ser falante nunca terá acesso àquilo que realmente o move, mas o objetivo é que ele encontre simbolicamente nomes para articular o desejo, sem estar aprisionado a ideais socialmente estabelecidos.

A falta e a castração não são enunciadas sem sofrimento nas análises. No entanto, apesar desse sofrimento ser um ponto significativo na análise, não é o único. Há outro ponto que também pode ser tratado quando se fala na dimensão de um corpo falante, os afetos, em especial a angústia, pois é sentida no corpo de uma forma importante, que também move o sujeito em direção à sua causa de desejo.

2.7 Angústia e o infamiliar

Desde o início da definição do infamiliar, a relação com a angústia está estabelecida. Para Freud (2019), a angústia é advinda da ameaça da castração realizada pelo pai ou em decorrência do sentimento de desamparo ao qual, em alguma medida, todos os seres de linguagem estão sujeitos. Para Lacan (2005), que avança nos estudos freudianos, a marca da angústia é a falta da falta. Isso quer dizer que a existência da falta, como demonstrada na Figura 2, no espelho plano, localizada como falta fálica (- ϕ), é o que compõe a dialética do desejo e, por isso, a libido pode circular.

Diferentemente, a falta da falta não seria a completude, mas a aniquilação do sujeito. O medo de aniquilação vem da presença exagerada, do medo de retorno ao estado primitivo, por exemplo ao estado intra-uterino, quando não há a presença da falta, o medo vem exatamente do excesso. Lacan (2005) cita o exemplo da mãe que nunca falta e o quão angustiante essa presença excessiva pode ser, principalmente quando o sujeito já é adulto, pois, para a psicanálise, a falta é o que permite o desejo. Por isso, o afeto da angústia vem dessa dimensão de impossibilidade de representar simbolicamente a falta.

Lacan (2005) retoma o texto freudiano *O Infamiliar* (Freud, 2019), em que Freud discorre sobre o horror e assustador que é sentido pelo sujeito falante diante do infamiliar, e como isso é relacionado à angústia. Desse modo, há o retorno do recalcado, que causa subitamente o horror no ser falante, por trazer à tona aquilo que não deveria ser dito, logo, deveria faltar. O sujeito, ao se deparar com essa sensação de infamiliaridade, permanece no campo da angústia. Isso pode ser identificado no trecho abaixo:

O que quero acentuar hoje é apenas que o horrível, o suspeito, o inquietante, tudo aquilo pelo qual traduzimos para o francês, tal como nos é possível, o magistral *unheimlich* do alemão, apresenta através de clarabóias. É enquadrado que se situa o campo da angústia. Assim vocês reencontrem aquilo por meio do qual introduzi a discussão, ou seja, a relação da cena com o mundo. "Súbito", "de repente" - vocês encontram essas expressões no momento da entrada do fenômeno *unheimlich*. Encontrarão sempre em sua dimensão própria a cena que se propõe, e que permite que surja aquilo que, no mundo, não pode ser dito (Lacan, 2005, p. 83).

A afirmação lacaniana sobre a angústia contraria a explicação de Freud (2014a). Freud acreditou que a angústia era sentida pelo sujeito por um efeito da castração que o marcava pela falta ou pelo desamparo já vivenciado em vários momentos da sua constituição como sujeito e, por isso, o pai da psicanálise compreendia como o retorno dessa falta provocada pela castração seria a causa da sensação do infamiliar. Lacan propõe que a angústia não é

sobre a falta imposta pela castração, mas sobre aquilo que deveria faltar e não falta, por retornar a partir da sensação de infamiliaridade. Lacan o explicará nesse trecho:

A angústia é quando aparece neste enquadramento o que já estava ali, muito mais perto, em casa, *Heim*. É o hóspede, dirão vocês. Em certo sentido, sim, é claro, o hóspede desconhecido, que aparece inopinadamente, tem tudo a ver com o que se encontra no *unheimlich*, mas é muito pouco designá-lo dessa maneira, pois, como lhes indica muito o termo em francês, assim, de imediato esse hóspede (*hôte*) em sentido comum, já é alguém bastante inquietado pela espera. Esse hóspede é o que já passou para o hostil com que iniciei este discurso sobre a espera. No sentido corriqueiro, esse hóspede não é o *heimlich*, não é o habitante da casa, é hostil lisonjeado, apaziguado, aceito. o que é *Heim*, o que é *Geheimnis* (segredo, mistério), nunca passou pelos desvios, pelas redes, pelas peneiras do reconhecimento. Manteve-se *unheimlich*, não habitual do que habitante, menos inabitual do que inabitado (Lacan, 2005, p. 87).

Outro ponto de discordância entre Freud (2014a) e Lacan (2005) é a consequência dessa construção sobre a angústia e o infamiliar. Freud (2014a) propôs que angústia era sem objeto, por ser marcada pela falta, no entanto, Lacan (2005) acredita que a angústia não é sem objeto, pois esse afeto é sentido pelo ser falante através desse algo familiar que ficou recalcado, mas retornou. No entanto, o objeto do qual trata Lacan é o objeto *a*. Conforme trabalhei anteriormente, este é o objeto que permanece sem representação, com a função vazia. Por isso, o objeto *a* pode ser ocupado por vários significantes na cadeia associativa do sujeito. Dessa forma, o objeto *a* constitui algo (des)conhecido, infamiliar, estranho que *ex-iste* e habita o próprio sujeito. Por isso, Lacan propõe:

É o surgimento do *heimlich* no quadro que representa o fenômeno da angústia, e é por isso que constitui um erro dizer que a angústia é sem objeto. A angústia tem um tipo de objeto diferente do objeto cuja apreensão é preparada e estruturada pela grade do corte, do sulco, do traço unário, do é isso que sempre funciona, fechando o lábio ou os lábios do corte dos significantes, que então se transformam em cartas/letras fechadas, enviadas em envelopes selados a outros traços. Os significantes fazem do mundo uma rede de traços em que a passagem de um ciclo a outro torna-se então possível. Isso quer dizer que o significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante, cuja característica essencial é que nele é possível enganar. A angústia é esse corte - esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem exprimido pelo termo "pressentimento", que não deve ser simplesmente entendido como o pressentimento de algo, mas também como o pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento. Todos os desvios são possíveis a partir da angústia. O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira

substância da angústia, é o aquilo que não engana, o que está fora de dúvida.
(Lacan, 2005, p. 88)

Para articular a teoria, enuncio um excerto clínico. Sissi, 19 anos de idade, após algum tempo em análise, descreve a seguinte cena:

Eu fui à aula de dança, nesta aula estavam várias meninas e havia um espelho em toda a sala. Todas as meninas dançavam e eu olhava a minha barriga grande, minhas pernas estavam grandes, minha bunda estava grande, meu braço estava grande. Eu estava muito gorda. As outras meninas não pareciam se preocupar e estavam dançando, mas eu olhava para mim e conseguia ver apenas minha barriga, minha perna, meus braços e minha bunda grande. Comecei pensando sobre isso, mas depois fiz a aula. Ela foi boa quando eu consegui fazê-la.

Sissi via partes do seu corpo e o descrevia assim, fragmentado. Após a descrição dessa cena, permanecia sob angústia. Em algumas elaborações durante sua análise, seu corpo era descrito tal qual o Frankenstein⁵. O ódio e a vergonha do seu corpo eram afetos frequentes quando ela falava de suas partes. As características físicas de Sissi eram de uma adolescente branca e magra, ela não apresentava características destoantes do padrão de beleza, mas as queixas predominavam sobre a imagem que ela via no espelho. Uma das demandas de análise dessa adolescente se referia à dificuldade de sua relação com a mãe. Segundo Sissi, a mãe buscava controlar todos os passos de sua filha. Em alguns momentos da análise, a mãe de Sissi me procurou, demandando uma conversa sem que a filha soubesse dessa interação. No entanto, Sissi insistentemente pedia que a mãe não invadisse este espaço de análise e, por isso, neguei receber a mãe sem o consentimento de Sissi.

Sissi produz uma articulação pela via da linguagem, mas essa articulação parece estar alienada ao certo ideal estético, pois a imagem que ela vê refletida no espelho não corresponde ao certo ideal. Esse discurso de um ideal estético, que faz a articulação descrita por Sissi, produz um impasse fundamental: o impossível de ser esse ideal estético. Sissi até consegue compreender que tem um corpo, ela se identifica com ele, mas a sensação de fragmentação permanece enquanto ela vive a experiência de estranhamento e se angustia. Outro ponto que seria uma possibilidade de interpretação se relaciona com a insistente presença materna nos espaços que Sissi frequenta. Este excesso de presença parece provocar na adolescente uma angústia que passa a ser localizada em seu corpo.

⁵ Frankenstein é a referência ao livro “*Frankenstein: or the Modern Prometheus*”, de Mary Shelley, que conta a história de Dr. Frankenstein, que criou um monstro a partir das partes costuradas de outros seres. A referência de Sissi, apesar de descrever o nome do médico, diz como o monstro ficou conhecido popularmente por compor um corpo fragmentado.

Desse modo, Sissi descrevia seu corpo com sentimentos de vergonha decorrentes desse padrão ideal não atingido pela cultura na imagem do espelho, mas Sissi parece reproduzir esse mal-estar além desses sentimentos. A saída de Sissi diante da sua imagem não ideal no espelho parece ser a inibição.

Sob essa hipótese, tem-se a sua fala, quando se encontrava paralisada diante de sua imagem no espelho: “[...] *as outras meninas não pareciam se preocupar e estavam dançando, mas eu olhava pra mim e conseguia ver apenas [...]*”. Ela se reconhecia, mas o seu olhar estava fixo em partes “grandes” e “gordas” do seu corpo, partes em excesso. O encontro de Sissi com os fragmentos de sua imagem no espelho remete à dimensão imaginária, atravessada pelo efeito de um ideal estético capturado através da imagem de corpo fragmentado. Sissi, diante desse encontro com o real, paralisou o seu corpo, quando não conseguiu dançar, o que parece tê-la feito retornar às fases primordiais de sua constituição subjetiva nesse momento de estranhamento.

A hipótese que leva para a saída de sua angústia é a formação de um sintoma ao localizar na imagem, ou seja, no seu duplo, o ódio e a vergonha. Sissi aparenta viver esse encontro com a imagem do seu duplo de outra forma, como “estranho anunciador da morte” (Freud, 2019, p. 147), que se refere a sensação de infamiliaridade. Por isso, o duplo (sua imagem), que não corresponde ao seu ideal estético, precisa ser destruído. Se a hipótese que levantei enquanto um diagnóstico estrutural aponta para a neurose, ela irá fantasiar essa morte, fragmentando-se e odiando cada parte que ela vê. Há aqui o excesso, “*grande e gordo*”, em que o ódio tem a ver com o próprio investimento libidinal dessas partes de seu corpo.

Portanto, a angústia que prevalece na cena de infamiliaridade relatada por Sissi, a saída pelo sintoma e pelo encobrimento imaginário, é aquilo que a psicanálise pretende questionar, porque essa “saída” redobra em si mesma; afinal, o ideal nunca será atingido. Diante disso, faz-se uma questão necessária sobre o que esconde o véu imaginário que encobre a sensação de infamiliaridade com o próprio corpo na puberdade? Diante dessa pergunta, anuncio que será sobre o real, este que não cessa de não se inscrever, o próximo capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO 3 - A RELAÇÃO DO CORPO NA ADOLESCÊNCIA E O INFAMILIAR

Os sentidos associados ao termo “adolescência” têm mudado, no decorrer do tempo, em função das questões históricas, econômicas, políticas e sociais de cada época. Até o século XIX, havia apenas dois estágios da vida: a criança e o adulto. O diferencial entre essas duas fases residia no grau de dependência ou independência do indivíduo em relação aos adultos. Após a revolução industrial, a adolescência, enquanto um período de desenvolvimento da vida, tem sido associada a um tempo de passagem e amadurecimento do corpo, quando as marcas de um corpo infantil dão lugar a transformações nas quais, aos poucos, se desenvolvem e se intensificam as características sexuais e sociais. Além do desenvolvimento físico, decorrente da puberdade, na adolescência, marcada por um contexto sociocultural individualista, espera-se que o sujeito seja responsável por aprender como administrar seu destino, suas escolhas e sua vida, construindo outros laços sociais.

Como a psicanálise não se direciona pelas vias desenvolvimentistas das etapas de vida do ser humano e, também, por não ser um termo psicanalítico, a adolescência não foi amplamente trabalhada por Freud ao longo do desenvolvimento teórico. No entanto, ele se dedicou às teorias da sexualidade e ao desenvolvimento do inconsciente, o que se relaciona diretamente com a puberdade. Desse modo, a puberdade, inicialmente, é trabalhada em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 2016), nos quais Freud descreveu-a como o fim do processo edípico, posterior ao estágio de latência da criança e concomitante ao encontro com as transformações corporais em que o sujeito precisa se reaver com as escolhas de objeto.

Em uma leitura de Lacan, Stevens (2004) escreve que a adolescência é sintoma da puberdade, pois, diante do encontro com o real e a não inscrição da relação sexual, o arranjo inconsciente que o adolescente precisa fazer para dar conta dessa impossibilidade tem como resposta a própria adolescência e a forma com que o sujeito goza. Para Stevens (2004):

A adolescência seria, então, a resposta sintomática possível que o sujeito vai dar a isso. É o arranjo particular com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e sua relação com o gozo, no lugar, portanto, da relação sexual (Stevens, 2004, p. 3).

De acordo com essa perspectiva, o corpo se modifica na adolescência, e o impacto da percepção das mudanças é correlato às etapas do desenvolvimento, que envolvem uma forma de elaboração de luto do corpo perdido e uma assimilação de suas novas condições. Os questionamentos que norteiam a discussão sobre a adolescência, nesta pesquisa, trilham a noção de estranhamento com o corpo. Este estranhamento em relação ao corpo emerge como

um impasse na adolescência e diz respeito ao encontro com o real na puberdade, momento em que a imagem corporal que se construiu na infância é desfeita, evidenciando para o adolescente que o simbólico mostra-se insuficiente para tratar o real. É necessário pensar o corpo como alteridade, como enigma para quem o tem.

Para tratar dessas questões a partir da psicanálise, este capítulo tem como objetivo discutir o segundo impasse de que irei tratar: como o encontro com o real se dá na puberdade, tendo como sintoma a adolescência. A partir deste propósito, irei abordar os processos de luto que envolvem a puberdade, o estranhamento com o corpo que surge nesse período e os efeitos do real que emerge da não relação sexual.

3.1 O processo de enlutamento do corpo perdido

As marcas que vão interrogar a puberdade para a psicanálise têm a ver com esse despertar que havia sido adormecido durante a infância em seu período de latência. O despertar para o encontro com a sexualidade envolve um corpo que se transforma. Por isso, a puberdade atravessa um processo de luto. Em “Luto e Melancolia”, Freud (2014b) traz algumas contribuições que podem ajudar a compreender sobre essa passagem pela puberdade. O luto não se refere apenas a uma pessoa perdida, mas ao efeito de qualquer perda que seja sentida pelo sujeito. Por isso, Freud escreve: “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, liberdade, ideal etc” (Freud, 2014b, p. 28).

Na puberdade, o processo de enlutamento envolve, para além da perda do corpo infantil, o luto com os ideais da infância. Conforme aponta Freud (2014b), o luto não é patológico, mas um processo em que o sujeito lida a partir dessa passagem, pela perda desse corpo conhecido e dos seus ideais.

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida. Ela será cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada (Freud, 2014b, p. 29).

Nesse texto em que me referencio, Freud (2014b) busca construir uma definição sobre o trabalho do luto. Visto isso, as músicas, poesias e falas cotidianas saudosistas podem indiciar o luto que se faz na puberdade quanto à infância e os restos dela que são deixados. Como exemplo disso, transcrevo uma estrofe de um poema de Fernando Pessoa:

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou (Pessoa, 1993, p. 90).

Nesse trecho de Fernando Pessoa, o eu lírico menciona que a criança que ele fora havia ficado na estrada chorando, ou seja, no caminho. A passagem para a vida adulta é uma busca pela descoberta da pergunta “quem eu sou?”. Este é um dos enigmas possíveis instaurados na adolescência e, a partir desse questionamento, os sujeitos falantes criam expectativas em torno dos ideais. No entanto, o impasse do eu lírico se dá quando ele sofre a queda do ideal, pois, ao se tornar adulto, ele se depara com aquilo que ele é, como referido no trecho “Mas hoje, vendo que o que sou é nada”. A resolução sintomática do eu lírico diante dessa descoberta é buscar na infância aquilo que ele acredita ter perdido com a entrada no mundo adulto, que é o que ocorre nessa passagem pela puberdade, como mencionada “Quero ir buscar quem fui onde ficou”. A literatura mostra, de uma forma muito poética, como mesmo após o processo de enlutamento ser concluído, ele ainda deixa rastros na puberdade e, também, nos adultos.

O luto pelo corpo perdido da infância levará os adolescentes ao trabalho de elaboração, pois, para a maioria dos adolescentes, essa perda não é sem dificuldades, haja vista que há um investimento libidinal nesse corpo. Em um dos meus atendimentos, meu analisante de 12 anos se recusava a crescer e sempre se descrevia como, em um tom infantil: “eu sou um bebê”. As roupas não lhe serviam mais, ele mencionava a dor de crescimento das pernas e a recusa de se alimentar tornou-se seu principal sintoma, pois ao comer o adolescente presumiria que ele iria crescer cada vez mais. Durante seu tempo de análise, ele adotou um gatinho filhote. Meu analisante semanalmente dava banho em seu gatinho relatando que “ele não pode ficar sem tomar banho, porque ele vai ficar cheirando a gato”.

Para iniciar a discussão sobre este excerto, é importante mencionar que um dos primeiros indícios da puberdade é o odor mais intenso, decorrente do processo hormonal. No caso do meu paciente, o incômodo com o cheiro fora localizado no animal, o que gerava nele

um profundo sentimento de nojo, de rejeição do “cheiro de gato”. É possível interpretá-lo a partir de um mecanismo de defesa inconsciente chamado de deslocamento metonímico. O incômodo com o odor do gato pode ser resultado do deslocamento do incômodo com o seu próprio odor, decorrente do processo de crescimento, o desejo de não querer deixar de ser um bebê. O corpo do paciente dava, a todo momento, sinais de que estava se modificando e o trabalho do luto, conforme elucida Freud, exige um desinvestimento do corpo infantil perdido para a realidade, que seria o corpo que está se transformando e adquirindo características de um corpo adulto.

Diante da posição de bebê que meu paciente desejava continuar a ocupar, seu corpo crescia, o real o atravessava. Desse modo, a saída sintomática veio pela recusa de se alimentar. A hipótese lançada seria de que o ato de comer nada poderia livrá-lo da perda do corpo infantil. No caso do meu paciente, o trabalho da análise envolveu a construção do processo do luto, o que Freud afirma ser extremamente doloroso, pois exige um trabalho a mais do sujeito que redireciona a libido para outros objetos de desejo.

O processo de luto é imposto, pois os seres falantes são submissos à linguagem e o luto só pode ser elaborado por ela. Todavia, para a criança púbere, a simples enunciação sobre estar se tornando um adulto não dá conta das mudanças que ocorrem em seu corpo, porque este começa a ser transformado independente da sua vontade. Em vista disso, a alteridade anuncia essa mudança que está acontecendo para a criança. No entanto, há sempre uma não correspondência daquilo que é transmitido para aquilo que a criança começa a notar em seu corpo. Por isso, há algo do real que a atravessa. Contribuindo para essa elaboração, Gurski, Silva e Perrone (2020) postulam:

E não basta se, na cena, haja a presença de um adulto que anuncie à criança que ela está se tornando um homem ou uma mulher, é como se se instalasse uma não correspondência radical entre as palavras de que dispõe e as manifestações que a acometem (Gurski; Silva; Perrone, 2020, p. 364).

A elucidação sobre meu paciente conta que há um trabalho a mais, para além do corpo perdido, há um encontro com o real encoberto pelas queixas desse meu analisando. O real que atravessa o corpo púbere evoca a necessidade de construções de sentido, como também do suporte da linguagem para ser localizado. Para inscrevê-lo na linguagem, a psicanálise propõe que há um enigma que ronda o sujeito, que pode ser encoberto durante uma fase na infância, mas se revela como um ponto de não saber sobre a relação sexual *a priori* quando se chega na puberdade.

3.2 O não saber sobre a relação sexual

A puberdade promoverá ainda outros desafios, não só do trabalho de luto do corpo e dos ideais, mas do encontro com o enigma sobre o não saber sobre a relação sexual. Berini *et al.* (2021) descrevem:

Na puberdade, o sujeito é despertado para o real do sexo. Nesse despertar depara-se com os impasses em responder aos enigmas da vida e da morte, é nesse contexto que a partir da psicanálise, consideramos a adolescência um tempo lógico de intenso trabalho e de formulação de uma resposta a esse não saber (Berini *et al.*, 2021, p. 393).

O intenso trabalho realizado por psicanalistas contemporâneos nos estudos sobre a puberdade remete a construções deixadas por Freud e Lacan em seus poucos textos dedicados exclusivamente à temática. No entanto, há uma peça que foi trabalhada por Lacan (2003), *O Despertar da Primavera* (Wedekind, 2008), que também será referida por autores contemporâneos (Gurski; Silva Perrone, 2020; Furtado; Trocoli, 2010; Stevens, 2004; Lacadée, 2011) que elaboram estudos sobre a puberdade confirmando a importância e riqueza das referências a essa peça. Na peça, as formas com que cada um dos três personagens principais vivenciam dramas profundos ainda são atuais, o que leva a crer que a puberdade incita, atemporalmente, uma complexa passagem e necessidade de posicionamento do sujeito. *O despertar da primavera* (Wedekind, 2008) faz referência ao encontro da puberdade com a sexualidade.

O despertar da primavera (Wedekind, 2008) é uma peça da dramaturgia escrita por Frank Wedekind em 1890, na Alemanha. A peça foi publicada em 1891. Teve sua primeira encenação após 16 anos de escrita, em 1906. Diante da forte censura recebida, caiu no esquecimento, sendo reapresentada apenas em 1963, na Inglaterra. A peça traz adolescentes que vivenciam momentos distintos com a chegada da puberdade e passam por questões quanto à sexualidade, ética e religião através de temas como aborto, estupro, descoberta da sexualidade, suicídio. *O despertar da primavera* (Wedekind, 2008) recebeu de Lacan comentários quando escreveu seu prefácio da apresentação montada por Sra. Brigitte Jacques, no festival de outono em 1974 (Furtado; Trocoli, 2010).

Esse prefácio escrito por Lacan é uma referência muito citada por psicanalistas quando a temática concerne aos estudos sobre a adolescência. Apesar de curto, o texto lacaniano

apresenta densidade de elaborações sobre a puberdade, dessa forma, a busca por apresentar como esse real da puberdade tem efeitos nos sujeitos. Por isso, busquei trilhar, a partir das considerações de Lacan (2003), como o encontro com a parcela de real que está em cena na adolescência.

Para Lacan (2003), o encontro com o real do sexo se apresenta como algo mal sucedido para todos os seres falantes. Segundo a leitura que Lacan faz de Freud, a sexualidade faz furo no real e ninguém escapa ileso dessa passagem. O enigma sexual que é despertado pelos sonhos dos adolescentes, principalmente dos meninos, e as perguntas direcionadas aos adultos de “como nascem os bebês” são presságios desse encontro conflituoso que será inevitável na puberdade. Muitas vezes, tais perguntas sobre o saber sexual causam um embaraço no adulto, porque o não saber sexual e o desconforto pela descoberta do sexo é um encontro inevitável para todos os seres falantes, adolescentes ou adultos.

Stevens (2004) atribui o não saber sexual ao não conhecimento *a priori* do sexual, já que este só se dá por meio da linguagem, ou seja, não está acessível ao indivíduo sem um Outro. Na puberdade, a impossibilidade de cernir o sexual por completo por meio da linguagem, uma vez que ela é incompleta, retorna sob forma de enigma e o impasse do “não saber” reaparece. Diferentemente, os animais, por instinto, já apresentam esse saber, pois não são constituídos pela linguagem. O período de transição de filhote para um animal adulto, portanto, não causa desencontro.

Para ilustrar sobre esse não saber, analiso a cena da peça *O despertar da primavera*, que envolve a personagem Wendla e sua mãe. Wendla, 14 anos, ao se tornar tia pela terceira vez, perguntou à mãe sobre a chegada da cegonha na casa da sua irmã. A peça dá a entender que a curiosidade de Wendla sobre como nascem os bebês já havia sido instaurada desde pequena, pois a criança já havia questionado a mãe sobre tal pergunta. Desse modo, com a chegada da puberdade, Wendla retoma as perguntas já feitas à mãe que as responde com a mesma história, que os bebês são trazidos pela cegonha. No entanto Wendla, ao perceber o desconforto da mãe por sua pergunta, reivindica um conhecimento maior sobre isso através de uma ameaça. Wendla sugere que irá perguntar ao limpador de chaminé sobre como é o processo que ocorre para as cegonhas deixarem os bebês nas casas das pessoas, já que ela nunca havia visto uma cegonha. A mãe, sem saída, diz que contará “amanhã”. Sem aceitar a fuga da mãe, Wendla sugere:

Vamos fazer uma coisa: eu me ajoelho aqui e deito minha cabeça no seu colo. A senhora cobre a minha cabeça com o seu avental e conta tudo, como

se estivesse sozinha no seu quarto. Eu fico quieta, não vou chorar, vou ouvir sem me mexer, tudo, seja lá o que for (Wedekind, 2008, p. 27).

A mãe se constrange em responder sobre a sexualidade, pois ela também, como ser de linguagem, é atravessada por este não saber sobre o sexual. A mãe se sente incapaz de transmitir esse conhecimento para sua filha, o que gera nela o embaraço diante do tema. A saída da mãe embaraçada é encobrir. Desta forma, quando a mãe encobre com seu avental a cabeça da filha e responde que para ter filhos é necessário amar um homem, a resposta da mãe encobre pelo imaginário, o real de o seu não saber sobre a relação sexual. O avental da mãe pode remeter o que Lacan (2003) chamará de véu, que encobre o não saber sexual, pois o véu é o que esconde imaginariamente o enigma que atormenta os seres de linguagem, em especial na puberdade.

Além disso, outro desdobramento sobre o véu seria o que se mostra quando ele é levantado, correspondendo ao não saber, o nada. Lacan relaciona este nada à relação do sujeito com a linguagem. Por isso, o véu levantado se constrói como uma metáfora para a fantasia através do suporte da linguagem e sua relação com o imaginário. No sentido de explorar essa relação com a linguagem, Lacan (2003) propõe a metáfora: “Que o véu levantado não mostre **nada**, eis o princípio da iniciação [...] Aponte a ligação de tudo isso com o mistério da linguagem.” (Lacan, 2003, p. 558, grifo meu).

Lacan aponta que o “nada” apresenta uma ligação com o mistério da linguagem. Para esclarecer tal ponto, proponho uma leitura possível: Quando a criança escolhe forçadamente a entrada na linguagem, ela renuncia o saber total, perdendo algo que ela nunca poderá encontrar, mas que será buscado infinitamente na sua vã tentativa de recuperar o que se perdeu. A metáfora do véu levantado, utilizada para descrever a puberdade, remete ao enigma que despertará nos sujeitos esse (re)encontro com o “nada”, ou seja, esse traço do real que esse “nada” representa. Por isso, a mãe de Wendlar se embaraça com a passagem desse saber, pois a sexualidade atravessa o corpo como algo irrepresentável da linguagem, é uma parcela desse real que atravessa os seres falantes.

Outro ponto para esse “nada” em que o véu levantado descobre é sobre como, na puberdade, o sujeito é confrontado com a impossibilidade desse encontro real do sexo (Stevens, 2004). A não relação sexual que vale no real é justamente porque o real tem efeito sobre a consistência imaginária. Por isso, a relação sexual propriamente dita não é que interessa especificamente à psicanálise, mas a não-relação que existe no encontro com a alteridade e o que produz enquanto efeito no corpo adolescente. Berni *et al.* (2018, p. 270-271) afirmam que “A adolescência seria, então, a resposta que vem preencher esse

conjunto vazio interposto para o sujeito diante do impacto causado pela não-relação sexual.” O impacto causado pela não-relação sexual para Stevens (2004) tem como sintoma a adolescência. Dessa forma, a adolescência como é conhecida hoje seria exatamente o efeito da puberdade:

O que vem responder a essa ausência de saber para cada sujeito é o sintoma, a partir daí podemos falar que a adolescência é o sintoma da puberdade. Chamemos [...] o real que está aí em causa da puberdade (Stevens, 2004, p. 5).

Ademais, outro aspecto sobre atravessamento da sexualidade na puberdade é como a diferença sexual marca as posições do homem e da mulher. Na peça *O despertar de uma primavera* (Wedekind, 2008), é possível observar as cenas que mostram como os meninos se relacionam entre si como grupo e, de forma paralela a isso, é percebido também como as meninas estabelecem uma relação enquanto grupo.

Nas cenas, o grupo de meninos buscavam desvendar o enigma sexual, enquanto seus pensamentos eram moldados para enquadrá-los nos padrões de masculinidade e nos ideais esperados deles, de forma que buscavam uma identidade pela referência do masculino. Já nas cenas em que as meninas estavam juntas, o que é representado pelo diálogo eram assuntos distintos, sem que haja um conjunto de assuntos recorrentes, de forma que as diferenças entre elas ficam evidentes, pois o modo como cada uma fazia reflexões sobre a vida e narrava as próprias histórias era marcado pela diferença. A peça em questão é apenas uma ilustração para introduzir a temática, pois, apesar dos nomes se referirem à posição masculina e feminina, isso não se restringe ao sexo biológico, mas a como cada sujeito se encontra nas posições discursivas.

Para Lacan (2003), isso se deu porque a posição masculina parece querer apagar a diferença entre os homens, para que, por meio da identificação, torne-se o homem. Em contrapartida a essa posição, as mulheres são marcadas pela diferença, por isso a posição feminina marca que a mulher é apenas uma e ela deseja continuar assim, não fazer conjunto. Lacan (2003) retoma essa discussão no seminário 20, mas ainda propondo que os homens formam um conjunto e as mulheres não. Isso tem a ver com o fato de os homens terem uma referência que os identifique na posição masculina, que significa que aquele que possui o falo e pode gozar plenamente dele sem o risco da castração - o pai da Horda da Primeva. Já as mulheres não, pois cada uma precisa inventar, à sua maneira, o que é ser mulher. Dessa discussão é que surge o famoso aforisma lacaniano: “A mulher não existe”. Colaborando com isso, Furtado e Trocoli (2010, p. 100) propõem: “As falas (da peça *O despertar da primavera*)

resvalam pelas experiências pessoais, encontrando atalhos diferentes em cada uma delas. Os meninos mostram uma universalização do masculino e as meninas uma particularização do feminino”.

A localização, pela linguagem, do real que está em causa na puberdade atravessa o corpo. A saída desse real é pela via sintomática que Stevens (2004) chamou de adolescência. Dito isso, é importante compreender como aparece essa face do real, como também seus efeitos.

3.3 Adolescência: sintoma do real

A adolescência, em uma visão psicanalítica, vai além das alterações hormonais, do surgimento das características secundárias sexuais, do afastamento das figuras paternas e do interesse pelos pares. A adolescência, para a psicanálise, exige uma articulação a mais que surge desse (re)encontro com o real. A adolescência é também uma construção social que passa pelo viés temporal da sociedade. Ela é efeito de um discurso que está imerso em uma construção econômica e política do seu tempo. Por isso, a adolescência tem efeitos dos discursos, de modo que afetam como o adolescente consegue elaborar (ou não) *a posteriori* aquilo que emerge do real. Stevens (2004) elabora três propostas para definir o que Lacan sinaliza como sendo o real, articulado ao sintoma da adolescência.

A primeira definição se relaciona ao pressuposto lacaniano já discutido anteriormente no tópico 3.2 o não saber sobre a relação sexual *a priori*.

A segunda definição do real articulado na adolescência é apontada por Stevens (2004) e remete a Lacan (2005). Haveria uma alteração na forma do enquadramento da fantasia que o adolescente percebe e vive no mundo. Para Lacan (2005), a fantasia, de uma forma simplificada, é o emolduramento sobre o impossível e serve aos sujeitos como algo que encobre esse impossível, como um véu. Entre o cerne do imaginário e o suporte da linguagem, a fantasia torna o real suportável para o sujeito. A fantasia é um conceito que percorre várias elaborações na obra freudiana, em especial na obra *Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, na qual Freud (1996c) discute como se dá sua constituição. Em suma, a fantasia tem uma relação com objeto perdido e a forma como a estrutura inconsciente do desejo consegue ser arranjando na linguagem para o sujeito. Já para Lacan (1998), a fantasia ou fantasma tem a função do enquadramento simbólico da realidade. A partir dessa proposição de Lacan, Abreu e D’agord (2021) articulam:

No grafo do desejo, Lacan retoma a posição de que o “desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1960/1998, p. 829) acrescentando que se o sujeito espera do Outro uma resposta ele acaba por receber uma pergunta: “*Che vuoi?*” - O que tu desejas? O *fantasme* é formulado como uma resposta a essa pergunta e é através dele que o desejo será sustentado. O *fantasme* articula em uma cena, dois termos heterogêneos: sujeito e objeto. Através da construção de um roteiro, o *fantasme* produz um enredo onde desfilam objetos mascarados que se apresentam “adequados” ao desejo. Trata-se de um lugar de referência que possibilita que o sujeito se posicione frente ao desejo. Do ponto de vista do objeto, o *fantasme* produz máscaras que recobrem (sempre de maneira insuficiente) a negatividade do objeto *a* (Abreu; D' Agord, 2021, p. 104).

Como foi mencionado anteriormente, a passagem pelo estágio do espelho faz uma operação fundamental que é alienar o sujeito à ideia de que a imagem do seu corpo se refere ao eu (*moi*), conforme trabalhado no Capítulo 2. O que se observa na adolescência é uma modificação nessa imagem, conhecida através das novas características que começam a surgir no seu corpo, como, por exemplo, o crescimento de pelos, o desenvolvimento de mamas, entre outros. Isso afeta a ideia de eu como corpo, pois o corpo correspondia a uma certa identidade desse eu como criança, sustentado pela identificação simbólica aos significantes que correspondem a construção de corpo infantil.

No entanto, com a insurgência da puberdade, essas identificações imaginárias são rompidas, a identificação simbólica não corresponde mais a algo conhecido e o enquadramento da fantasia que encobria o real se levanta como um véu. Portanto, essas não correspondências têm efeitos nos sujeitos que apontam para a primeira definição do real:

O acento é colocado sobre essa discordância entre o imaginário e o simbólico, por uma espécie de intervalo operado entre as identificações simbólicas e as identificações imaginárias. Na adolescência, essa discordância entre o imaginário e o simbólico falha; logo a fantasia falha. Ela é marcada especialmente porque, do lado do imaginário, a imagem se modifica, os caracteres sexuais secundários definidos pelo discurso fazem com que não se seja mais uma criança como as outras, mas que vai tornar-se um homem ou uma mulher (Stevens, 2004, p. 7).

A terceira definição apontada por Stevens (2004) se refere à impossibilidade do simbólico dar conta das mudanças experimentadas na adolescência. As mudanças corporais e sociais são inusitadas e, principalmente quando se trata do corpo púbere, muitas vezes, inesperadas. Não há palavra ou nome possível para identificá-las e o corpo, outrora conhecido no campo do imaginário, não corresponde mais ao conjunto de significantes que o definia.

Essa impossibilidade da linguagem de nomear o novo que surge no corpo diz da emergência do real. Nesse sentido, Stevens (2004, p. 7) postula: “a criança púbere está brutalmente às voltas com alguma coisa que surge, que não tem nome e que vem modificar a imagem”.

Diante das definições do real que busquei trabalhar em que o corpo aparece implicado a todo momento, é necessário abordar como o real e o infamiliar se articulam no corpo adolescente.

3.4 O infamiliar na adolescência

Resumidamente, o que propus, neste Capítulo, foi: o corpo púbere vai se modificando, abandonando uma imagem pretensamente conhecida referente ao corpo da criança. O processo de luto dessa imagem e da familiaridade com essa identificação é um trabalho subjetivo necessário e, para muitos, doloroso. Todavia, não é só o processo de luto que ocorre, pois há o encontro com o não saber sexual *a priori* encoberto por esse véu que nada esconde, nomeado como o encontro com o real. Em decorrência deste encontro, há efeitos na subjetividade e os indícios dessa passagem podem ser experienciados pelos adolescentes, que frequentemente relatam sobre isso. Portanto, a consequente modificação na imagem corporal pode levar a alterações na percepção do eu (*moi*), além da sensação de estranhamento que é sobremaneira mencionada por alguns adolescentes quando se referem a si mesmo no processo do adolecer, como também quando ocorre algum impasse angustiante. Assim, Lacadée (2011) defende:

Com frequência, o adolescente percebe as modificações de seu corpo como sendo outro corpo arrebatado, de maneira real, a terna despreocupação de sua infância e subvertendo os significantes ideais do Outro parental: tomado por um sentimento de estranheza em face de sua metamorfose, ele se depara com algo de intraduzível na língua do Outro e se confronta com um impasse, com o sentimento de um vazio matizado de vergonha. Essa vergonha, que habita algumas das mais belas poesias de Rimbaud, como Vergonha, pode levar ao desgosto, ao ódio de si mesmo, ao ódio dessa coisa nova (Lacadée, 2011, p. 28).

Para prosseguir, é necessário retomar a definição colocada por Freud: “o infamiliar da vivência existe quando complexos infantis recalcados são revividos por meio de uma impressão ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (Freud, 2019, p. 79). Portanto, o retorno de algo recalcado, que em algum momento já fora superado, reaparece e leva a sensação de *infamiliaridade* e estranheza. No entanto, por que isso seria

vivido com frequência na adolescência? Além disso, como disse Lacadée no trecho anteriormente citado, por que o adolescente é habitado por sentimento de vergonha, de ódio e, muitas vezes, é tomado pela angústia?

Como trabalhei no Capítulo 2 desta dissertação, a precipitação do eu advém de passagem do narcisismo, estádio do espelho, eu ideal, ideal do eu. Todas essas passagens levam a uma organização da ideia de si como corpo (Macedo, 2020) e, conseqüentemente, a própria ideia do eu (*moi*) como uma unidade de onde advém essa organização imaginária do corpo.

No entanto, há sempre restos dessas operações. O retorno desses restos, que poderão ser vividos como experiências ao longo da vida, muitas vezes são experienciados como a impressão de estranho, principalmente quando relacionados com a ideia de si como corpo, pois atuam sobre aquilo que Freud chama de “crenças primitivas superadas” que reaparecem como “novamente confirmadas” (Freud, 2019, p. 79).

Algumas dessas situações estão relacionadas às experiências corporais, pois são os restos mnêmicos recalcados das primeiras experiências infantis. O corpo adolescente cresce e pode (re)vivenciar a experiência de um corpo fragmentado, conforme a hipótese que isso foi vivido pelo sujeito enquanto *infans*, antes de ter a ilusão necessária do corpo unificado promovido pelo estádio do espelho. Outro exemplo, seria o encontro com o não saber sexual, que leva a dúvidas muito comuns em crianças pequenas, como o surgimento dos bebês, que são experiências que rondam as crianças desde seus primeiros momentos na Terra, mas que na adolescência são atualizadas sobre um não saber o que fazer com isso. Estes são exemplos da experiência do infamiliar, a qual vem, muitas vezes, acompanhada pela angústia.

Para explorar essa explicação, volto a um trecho da dramaturgia *O despertar da primavera* (Wedekind, 2008). Justifico recurso à peça para discutir de que forma os significantes que aparecem nas falas dos personagens adolescentes ilustram a concorrência de dois impasses: o estranhamento do corpo e o não saber sexual.

Deste modo, *O despertar da primavera* consegue localizar o impasse do estranhamento do corpo na adolescência de uma forma rica, sem que isso signifique que eu empregue a peça como objeto de análise, mas use desta materialidade linguística para ilustrar tal impasse. Por isso, transcrevo alguns dos seus trechos e emprego gestos de análise no sentido de contribuir para a exemplificação da temática desta dissertação. As semelhanças das questões dos protagonistas com esse encontro poderiam ser vivenciadas por inúmeros adolescentes na contemporaneidade. Deste modo, as indagações dos personagens servem a essa dissertação para problematizar a teoria.

Moritz é um jovem que apresenta dificuldades na escola, relata sentir sono demasiadamente e dorme durante as aulas, por isso é sempre cobrado por professores e seus pais. Melchior, melhor amigo de Moritz, era o melhor aluno da turma e lia muitos livros, buscava muitas respostas na ciência sobre algumas das suas dúvidas, mas havia perguntas para as quais não encontrava respostas nos livros. Apresento-lhes alguns recortes da cena 3, cujo conteúdo diz respeito ao diálogo de Moritz e Melchior. Nessa cena, ambos relatam, à sua maneira, a experiência do despertar para a sexualidade:

Cena 3

MELCHIOR: Eu só queria saber o que é que a gente veio fazer neste mundo!
 MORITZ: Ir ao colégio! Eu preferia ser um burro de carga que ir ao colégio!
 Para que nós vamos ao colégio? Para fazer exames. E, para que os exames?
 Para eles nos reprovarem! Eles vão ter que reprovar sete, na turma do ano
 que vem só cabem sessenta alunos. Desde o Natal eu estou me sentindo meio
 estranho... Que droga! Se não fosse o meu pai, hoje eu pegava as minhas
 coisas e fugia para Altona! (Wedekind, 2008, p. 5).

Melchior exclama inicialmente não ter o saber sobre o que fazer no mundo. Parece que, a partir daí, Moritz também se sente instigado para falar sobre as obrigações que recaem sobre os adolescentes, como a escola, sendo seu destino marcado para ser “reprovado”. Portanto, para Moritz, cabe aos adultos a aprovação dos adolescentes. No entanto, ele já imagina ser reprovado diante desse árduo julgamento. Esse ponto que Moritz aponta pode ser articulado com aquilo que mencionei anteriormente sobre os ideais colocados aos adolescentes. Parece que Moritz se sente frustrado, pois não cumpre com os ideais que são esperados dele, ou seja, ele não poderia corresponder ao ideal do eu que era imposto a si. A angústia está presente em suas falas quando sente sem saída do enredo da escola sobre si, pois, para a escola, ele já está “reprovado”. Todavia, o que parece ainda o prender no laço com a escola e, principalmente, com a vida parece ser o seu pai.

Outro ponto que pode ser analisado a partir desse trecho é sobre a dificuldade com a escola. Os “exames” têm a função de avaliar os alunos, padronizando, de certo modo, as salas de aula pela via de uma homogeneização do nível de conhecimento legitimado da escola. Ou seja, os que são “aprovados” são os que se alienaram aos conhecimentos esperados e conseguem reproduzi-los de modo satisfatório, pelo crivo do julgamento já estabelecido pela comunidade escolar. Pensando a escola como um microcosmo social, podemos considerá-la, em última instância, como uma arena na qual o adolescente busca se autoafirmar por meio, principalmente, da aprovação de seus pares. Nesse sentido, possuir o “corpo ideal” conformado à imagem socialmente legitimada equivaleria a ser aprovado nos exames da vida,

nesse tempo da constituição da subjetividade. Entretanto, bem poucos se conformarão a esse ideal. Quanto ao padrão de avaliação, refere-se a um conjunto de saberes que impõe a defasagem entre uma imagem ideal e uma realidade, de forma que o destino é a reprovação.

O segundo ponto importante desse diálogo é que Moritz diz que desde o Natal ele estava se “sentindo meio estranho...”. De acordo com a materialidade linguística desse trecho, a sensação de estranhamento da experiência do adolescente vem marcada pelas reticências “...” e, logo depois, uma expressão de profundo desagrado “que droga!”. O interessante é que, após a sensação mencionada por Moritz, houve uma pausa, materializada através das reticências, o que poderia sugerir que há falta de um significante para dar conta de representar o que causava essa sensação, o que provoca, em seguida, exclamações enfurecidas. O infamiliar, tal como Freud (2019) descreve, é o retorno de algo que deveria ficar escondido, mas apareceu. Isto ficará mais claro com o prosseguir do diálogo entre Melchior e Moritz, pois há um enigma que será exposto por ambos os adolescentes, apesar de seus efeitos serem vivenciados de formas diferentes por cada um deles.

(Continuação da cena 3)

MORITZ: Aquilo que você disse.

MELCHIOR: Os impulsos sexuais?

MORITZ: É.

MELCHIOR: Claro!

MORITZ: Eu também...

MELCHIOR: Já faz quase um ano.

MORITZ: Parecia que tinha me caído um raio!

MELCHIOR: Estava sonhando?

MORITZ: Foi um sonho muito curto... umas pernas com meias azul claro iam subindo por cima da mesa do professor... parecia que elas queriam montar na mesa... Foi muito depressa. [...]

MORITZ: Se você soubesse o que eu tenho passado desde aquela noite!

MELCHIOR: Sentimento de culpa?

MORITZ: Sentimento de culpa? Uma angústia! (Wedekind, 2008, p. 7).

Moritz pergunta se Melchior já havia tido os impulsos sexuais, relatando que esse despertar sexual “o havia atingido como raio”. O reencontro com o sexual, já que o primeiro encontro com o enigma sexual foi instaurado na infância, provoca uma intensa angústia, sentida por Moritz como um raio que atinge o seu corpo, atravessando-o. Os sonhos confusos geraram nele uma angústia. Os sonhos dos impulsos sexuais do personagem remetem a uma primeira experiência infantil com o sexual, vivida durante um jogo de cartas durante o qual ele via o decote da carta da dama de copas. Moritz vivencia esse primeiro contato com a imagem de um corpo de uma mulher “com vergonha”. Prosseguindo o diálogo, Moritz mencionará o que esse encontro com o sexual provoca em seu corpo:

MORITZ: Eu pensei que era uma doença! Pensei que não tivesse cura! Só consegui ficar mais calmo depois que peguei meu diário e comecei a escrever. É... é verdade, Melchior, para mim essas três semanas têm sido um inferno.

MELCHIOR: Quando me aconteceu eu já estava mais ou menos preparado. Fiquei com um pouco de vergonha, foi só.

MORITZ: E você é quase um ano mais novo que eu. (Wedekind, 2008, p. 8)

Melchior, ao contrário de Moritz, disse que estava “mais ou menos preparado” para o desenvolvimento do corpo com esse encontro com o sexual. Melchior era um jovem que estudava bastante, e teve contato com várias literaturas, já que seus pais eram liberais, o que na época facilitava bastante o contato com o conhecimento científico. No entanto, apesar de Melchior, nessas primeiras cenas, ser muito esclarecido, o impasse surge diante da sua descoberta o monstro que vive dentro de si.

Em outra cena, ele bate violentamente em Wendla, quando ela pede para açoita-la. Após isso, Melchior viverá ainda impasses importantes no encontro com a parcela do real, ao questionar-se sobre a vida, após a morte do amigo Moritz. Ele receberá a ajuda do Cavaleiro Mascarado, quando, em um diálogo profundo com este sobre os seus enigmas, pode, então, optar em continuar vivendo. O encontro com o real será atravessado por todos os adolescentes dessa peça, no entanto os enigmas são produzidos a partir de momentos distintos. Portanto, apesar do conhecimento científico ter livrado Melchior de embaraços em relação às modificações do seu corpo, ele ainda terá um encontro com o real, vivenciado também em seu corpo e, principalmente, através da escolha por continuar vivendo ou morrer, tal decisão foi elaborada pelo viés simbólico.

No caso de Moritz que estava angustiado, escreve para tentar dar palavras ao que estava sentindo, e busca no amigo algum conhecimento, já que não o possuía *a priori* sobre o sexual e esse não saber o que fazer com esse estranho que o estava consumindo. Isso ocorre pois, quando se é atravessado pelo real, não há qualquer tipo de saber, exatamente porque o saber só pode ser mobilizado pelo simbólico. Moritz parece padecer exatamente nesse encontro. Para Lacan:

O real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de alcançar o real por meio da representação. [...] ao mesmo tempo, o real não é universal, o que quer dizer que ele é só todo no sentido estrito de que cada um de seus elementos seja idêntico a si mesmo, mas sem se poder dizer partes, todos. Não há “todos elementos”, há apenas conjuntos a se determinar em cada caso. (Lacan, 2003, p. 24).

Passo agora ao último trecho que irei apresentar da peça:

MORITZ: É... Olha só o que acontece... Que brincadeira estranha. Eu não me lembro de nenhuma vez ter sentido qualquer prazer por este tipo de excitação... Depois que passou não consegui dormir! Meus pais poderiam ter cem filhos melhores que eu. Mas eu estou aqui e nem sei como, e ainda sou obrigado a assumir a responsabilidade de ter nascido. Melchior, você pensou nisso... sobre como a gente veio parar nesse redemoinho?

MELCHIOR: Você ainda não sabe, Moritz?

MORITZ: Como é que eu poderia saber? Eu vejo que as galinhas põem ovos e me disseram que minha mãe me trouxe perto do coração. É só isso? Eu me lembro que quando eu tinha cinco anos eu ficava envergonhado quando via o decote enorme da dama de copas do baralho. Agora não sinto mais isso. Mas mesmo assim eu não consigo falar com uma menina sem pensar em coisas... indecentes e... eu te juro, Melchior, eu não sei exatamente o quê (Wedekind, 2008, p. 8)

Nesse último trecho, Moritz diz que não sabe como ele nasceu, que retoma a mesma curiosidade que atormentou Wendla, e apesar de não saber como é de fato algo do sexual, a sensação de se sentir envergonhado desde seus 5 anos parece sinalizar que o corpo de uma mulher desperta, em Moritz, vergonha e curiosidade. Parece que Moritz identifica, inconscientemente, algo do recalcado e, por isso, produz essa sensação de que ele denomina estranhamento e certo embaraço ao tentar descrever como se sente diante de uma menina. De maneira semelhante, é possível propor um paralelo entre a excitação sexual desencadeada pela visão de uma parte do corpo de uma mulher, no caso do decote da dama de copas, quando Moritz tinha 5 anos, e o que ele experimenta diante de uma menina na puberdade. Parece que, aqui, há uma confluência do retorno daquilo que estava escondido e foi desvelado.

Moritz, ao deparar-se com os sonhos sexuais, que aparecem como um encontro que não tem sentido, experimenta-o como uma doença, um raio. Moritz aponta, em todo seu diálogo, o quanto o sexual veio atingir seu corpo, adoecê-lo, por isso as menções repetidas são vivenciadas como estranho diante desse corpo que é atingido. Retomando o que foi descrito no Capítulo 2, o corpo, como alteridade radical para o sujeito, pode ser vivido por ele como total estrangeiro. Moritz vivencia o impasse sobre o estranho corpo que ele habita. Em suma, o corpo é esta alteridade que o real atravessa e desse impasse, o ser falante possui nenhum saber, o que produz uma extrema angústia.

O final da peça, para Moritz, é a saída para a morte, pois ele comete o suicídio, já anunciado por ele como uma possibilidade ao longo da peça. A saída pela morte, conforme menciona Lacan, é saída do laço, dessa dificuldade com o encontro:

Moritz, ao se excetuar disso, exclui-se no para-além. É só ali que ele se conta:

não por acaso, dentre os mortos, como excluídos do real. Que o drama o faça ali sobreviver, por que não, se o herói está antecipadamente morto? (Lacan, 2003, p. 559)

Este capítulo buscou apontar como o real que está em causa na puberdade origina a sensação da infamiliaridade que atravessa o corpo e se presentifica nos afetos e, principalmente, na angústia, o que recruta uma saída desse impasse por via do sintoma chamado adolescência. Se a psicanálise pode ajudar em algum saber sobre isso, o conhecimento aponta para o rompimento do aprisionamento do significante sobre esse sintoma. Por isso, é necessário que o adolescente encontre meios de localizar seu sofrimento pela via simbólica e de elaborar contornos que não encubram o impossível.

CAPÍTULO 4 - O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

No Capítulo 2, busquei trazer as bases teóricas de como a psicanálise freudolacanianana constrói a ideia de eu, passando pelo estágio do espelho. O primeiro impasse que busquei contemplar em torno do estranhamento do corporal refere-se ao desencontro entre o corpo percebido e a imagem ideal. Diante desse impasse, os efeitos desse desencontro têm grande intensidade na puberdade, a angústia toma o sujeito. Para que isso fosse investigado pelos saberes da psicanálise, contemplei o conceito do infamiliar, que se refere ao retorno daquilo que deveria ser recalado, mas (re)aparece. Logo, aquilo que deveria faltar é (re)encontrado, o que leva à angústia. Deste modo, este afeto, que aponta para essa ausência da falta, dá indícios de que há um atravessamento do real. O sujeito muito dificilmente permanece na angústia, por ser este um afeto extremo, o que o leva a fugir desse infamiliar angustiante. Diante disso, a saída que o ser falante encontra é se enlaçar em um sintoma, que passa a ser sentido em seu corpo, muitas vezes de forma mortífera.

A partir das bases teóricas esboçadas no Capítulo 2, pude, no Capítulo 3, afunilar o tema da pesquisa, ao perseguir como o real aparece na puberdade. Apresentei, então, o segundo impasse, que trata de como o reencontro com o não saber sexual *a priori* atravessa o corpo púbere e faz o sintoma que é chamado de adolescência. O estranhamento com o corpo que vai se modificando pelo atravessamento do real pela puberdade provoca, em cada adolescente, uma saída que envolve a fantasia e os sintomas que gozam no corpo.

Após perseguir esse repertório teórico, elaborei a construção deste Capítulo 4, no qual buscarei contemplar a adolescência na contemporaneidade, especificamente em torno desse estranhamento do corpo, de modo que a angústia provocada por esse novo corpo é respondida pelo sintoma, o que gera o terceiro impasse que abordarei. A saída sintomática de alguns adolescentes pode vir através do viés imaginário, sustentada pelos discursos midiáticos e da medicina, em que há uma boa forma que garantiria ao ser humano um equilíbrio entre bem-estar, saúde e beleza (Sartoretto; Falcão, 2022). Muitos adolescentes anseiam a se submeterem a procedimentos estéticos ou dietas milagrosas, também modificam compulsivamente suas *selfies* para imagens perfeitas através do *Photoshop* (Lima, 2017) postadas em redes sociais, pois assim supostamente interrompem o mal-estar com o corpo púbere. Todavia, como já foi anunciado desde o primeiro capítulo deste trabalho, para a psicanálise freudolacanianana, o mal-estar com o corpo é constituinte da ideia de eu, pois há um furo na imagem, conforme o esquema do espelho de Lacan (2005), abordado no Capítulo 2.

Nesse sentido, com este quarto capítulo, tenho o objetivo de problematizar como os efeitos dos ideais estéticos atravessam a adolescência na contemporaneidade. Por isso, abordo como essas questões contemporâneas impactam os adolescentes, por meio de dados estatísticos, notícias de jornais e artigos científicos. Após isso, problematizo como o tamponamento imaginário obtido pela via da busca pelo corpo perfeito, conformado aos ideais estéticos ditados pela contemporaneidade, pode produzir sintomas nos adolescentes. Haja vista que o real não cessa de não se inscrever e fura o imaginário. Deste modo, ainda que o adolescente busque por dietas e pela boa forma como um recurso para atingir tal ideal, o mal-estar com o corpo se sobrepõe, o estranhamento com o novo corpo o atravessa. Por isso, mesmo que os discursos relacionados aos ideais estéticos produzam formas de subjetivação, através de uma forma de alienação, há um necessário processo de separação a ser construído através do simbólico.

4.1 Os padrões estéticos na contemporaneidade e suas implicações na adolescência

O ideal estético que discuto neste trabalho é resultado de um conjunto de discursos médicos e midiáticos que reforçam a ideia de um imaginário social, em que há uma imagem “correta” com a qual o corpo humano deveria parecer. Este corpo deve se enquadrar em um percentual de gordura “bom”, como também a imagem deve apresentar simetria entre rosto e corpo, de modo que gerem efeitos de reprodução de estereótipos de beleza ideal.

Nesse sentido, os discursos médicos e midiáticos interpelam os sujeitos a acreditarem que há uma boa forma para o corpo humano, de forma que estes veiculam enunciados que o corpo magro, branco e belo garantiria ao indivíduo uma vida saudável e feliz. As crianças e adolescentes crescem imersos nesses enunciados, de tal forma que quando o sujeito chega à puberdade, seu corpo começa a dar indícios do atravessamento do real. A criança púbere encontra neste campo imaginário do ideal estético uma possibilidade de encobrimento que o leva a buscar “apagar” traços de imperfeições para extinguir o estranhamento com o seu corpo. O impasse vem desse lugar, porque, mesmo buscando atender esse ideal, o adolescente ainda se vê tomado pelo mal-estar, pela inadequação da imagem ao ideal. O resultado pode ser que o jovem seja tomado pela angústia.

Este padrão ideal pode ser inferido a partir da leitura da *História da Beleza*, em que Vigarello (2006) discorre sobre como a magreza faz parte da construção histórica em todas as épocas. Assim, as pessoas utilizaram-se de recursos como dietas restritivas, exercícios físicos, chás e alimentos milagrosos para perda de peso e adaptação de vestuários que ressaltam a

espessura fina da cintura, para a evocação da ideia de beleza ligada ao corpo magro. Vigarello aponta:

Impossível, no entanto, ignorar outros interesses “de correção”. Impossível ignorar a vontade de magreza. Ela é destacada por muitas estratégias. Muitas advertências a delineiam. Regimes alimentares também podem evocá-la (Vigarello, 2006, p. 42).

O padrão contemporâneo de beleza, especialmente a brasileira, começa a ser construído a partir da popularização da era *fitness*, que em 1980 já havia chegado ao Brasil e promoveu o aumento e a busca por academias, suplementos vitamínicos e modalidades de exercícios aeróbicos para “perder gordura”. Já havia aí um forte apelo do ideal de um corpo magro e torneado, acirrado pelo aumento de pessoas famosas que relacionavam sua imagem à febre de frequência das academias, bem como pela associação de que ter um corpo magro e “sarado” seria sinônimo de saúde. Esse discurso passa a ser legitimado também pelo discurso da medicina, que ratifica essa construção. Outro ponto caro para essa discussão é a legitimação da responsabilização do indivíduo pelo seu bem estar e saúde, que será obtido se determinado padrão for seguido, como é citado por Wolf (2020).

Com o avanço das formas de circulação da mídia, os padrões passaram a ser intensificados e ganharam complexidade de detalhes. Cada vez mais os enunciados são produzidos por diversos meios, que interpelam mulheres a atenderem a formas de padrão de modelos em que corpos são expostos: jovens, magros e belos. Há, portanto, várias produções discursivas que são reproduzidas pela mídia, ratificadas pelos saberes da medicina e investidas por uma ideologia capitalista que produz efeitos sobre os corpos, principalmente das mulheres.

Conclui-se que a beleza sempre foi uma pauta investida, apesar da ideia daquilo que é considerado belo ter se modificado ao longo da história. Na contemporaneidade, tem-se o impacto da cultura digital, que passa pelo acesso instantâneo das mídias sociais em todo mundo. Esta cultura, que está exacerbadamente veiculada à imagem, faz um apelo ainda maior aos padrões estéticos “perfeitos”, incluindo a recente, e não menos poderosa, inteligência artificial que preconiza padrões sem qualquer imperfeição.

Sartoretto e Falcão (2022) elaboram como o ideal de magreza funciona como operador na construção da subjetividade feminina. As autoras mencionam que as mulheres são interpeladas desde pequenas pela harmonia entre a tríade beleza-saúde-juventude, de forma que não atender a esse ideal gera um ciclo de insatisfação e frustração. As autoras mencionam que sua pesquisa bibliográfica encontrará na pesquisa de Nunes (2008 *apud* Sartoretto e

Falcão, 2022) relatos de meninas de oito e nove anos que já expressam a preocupação com dietas e o uso de roupas que valorizam determinadas partes do corpo.

Na adolescência, as meninas são pressionadas para que sua forma corporal seja magra, apontando que há uma internalização desse ideal. As autoras identificam que as pesquisas apontam a significativa influência das mídias sociais, que incentivam determinado padrão estético operacionalizado pela magreza. Tal operador conduz a uma espécie de tirania, encarada pelas adolescentes como imperfeições e defeitos, vividos como catástrofes que ameaçam a integração do sentimento de identidade e de integridade corporal.

Corroborando o trabalho de Sartoretto e Falcão (2022), verifiquei que há inúmeras notícias que circulam na mídia sobre o descontentamento, principalmente de adolescentes e jovens, com a imagem dos seus corpos. Em uma matéria publicada em 2018, pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o professor Jayme Farina Junior, chefe da Divisão de Cirurgia Plástica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP) da Universidade de São Paulo (USP), aponta que o Brasil lidera o *ranking* de cirurgias plásticas em jovens, chegando a 90 mil brasileiros. A notícia descreve como justificativa para esse fenômeno duas causas: as dificuldades pela passagem das mudanças corporais e psíquicas na adolescência e a influência da mídia na “ditadura da beleza”, a ideia do “corpo perfeito”, relacionado a ser magro (Honorato, 2018). Em outra nota, o jornal da USP aponta que, em 2016, de acordo com o último Censo, houve um aumento de 141% na busca por procedimentos estéticos por jovens entre 13 a 18 anos nos últimos 10 anos (Lourenço, 2021).

Outra notícia, publicada em 2021, no *site* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (Da capa..., 2021), traz um estudo realizado pelos estudantes de Publicidade e Propaganda sobre como as mídias sociais afetam mulheres desde sua infância e como essas mídias exercem uma pressão sobre a aparência dos seus corpos. Segundo a reportagem, a busca por procedimentos estéticos tem sido induzida pelas distorções de suas imagens, alteradas por filtros e aplicativos que mudam a aparência frente à tela, pela facilitação de acesso a esses procedimentos e pela motivação de *influencers*, o que foi agravado no período de isolamento social na pandemia. A incidência do uso da tecnologia e das telas, intensificada pela pandemia de Covid com o acesso das pessoas à sua imagem, refletida através de telas de celulares e computadores, impactou a percepção das mulheres sobre si mesmas. Além disso, a matéria aponta que mulheres na faixa etária entre 18 a 34 anos relatam a vontade de realizar tais procedimentos, mas o alto valor para fazê-los as impede de realizá-los.

A partir disso, compreende-se que o aumento da busca por procedimentos estéticos por adolescentes se apresenta como um indício importante, que aponta para um descontentamento com a percepção de si. Todavia, o crescimento do número desses procedimentos entre jovens cada vez mais novos suscitou a percepção do impasse de que trabalhei no Capítulo 2: o hiato entre o corpo percebido e o corpo idealizado é decorrente de um mal-estar. Especificamente quando se trata da contemporaneidade, este impasse leva ao aumento das intervenções feitas na tentativa de construir um corpo ideal através de intervenções cirúrgicas ou modificações em fotos no *Photoshop* na tentativa de, ao menos, parecer na imagem ter o corpo padrão.

Segundo Lima, Rosa e Rosa (2012), as práticas de manipulações corporais evidenciam as marcas que se referem ao lugar que o corpo ocupa na cultura capitalista, em que o corpo se torna objeto de consumo e pode ser modelado e produzido. Portanto, o “corpo perfeito” se torna um ideal relacionado a um bem de consumo (Moreira; Rosário; Santos, 2011). Os autores acrescentam que os adolescentes e jovens, ao receberem uma maciça exposição de corpos pelas mídias, são um público induzido mais facilmente por essas referências. Esses corpos, materializados verbal e imagetivamente, constroem um imaginário sobre o ideal de beleza para um corpo, em torno da ideia do imperativo de ser jovem, branco e magro.

Conforme discutido anteriormente e com base em dados de outras pesquisas (Mota; Santos; Silva, 2021; Wolf, 2020; Moreira; Rosário; Santos, 2011), podemos afirmar que a adolescência tem apresentado um crescente sofrimento mental, agravado pós-pandemia de Covid. O corpo tem sido o palco para que essas angústias apareçam por meio de cortes e autolesões, além do aumento do número de casos de suicídio de adolescentes e jovens. A crescente patologização de adolescentes, com o aumento do uso de medicações, vem como resposta ao real incontornável do sofrimento e angústia, e resta ao jovem marcá-lo sobre a própria pele ou atuá-lo em sua própria vida (Saggese, 2021).

Como foi apresentado por Wolf (2020) em seu livro *O mito da beleza*, a classe média é a mais afetada por esses discursos, em vários âmbitos. A autora está inscrita em uma corrente do feminismo branco, de classe média-alta, e seu livro se apresenta nesse contexto. Apesar disso, Wolf denuncia, em um percurso histórico, como a ditadura da beleza capturou mulheres da classe média e o modo como o discurso capitalista vem sendo empregado para sustentar a circulação do mercado e consumo de produtos. Para a autora, a partir do incentivo midiático ao consumo de produtos cosméticos de beleza e de procedimentos estéticos, o público, para atender a esse ideal, consome mais dessas mercadorias, o que leva a uma construção de mercado que faz girar o capital e exerce uma forma de controle sobre os consumidores, que são incentivados a atender a um certo ideal, principalmente as mulheres.

No livro, a autora argumenta que, após a conquista do mercado de trabalho e a possibilidade de ascensão econômica das mulheres, o mito da beleza se instaura para compactuar com a circulação do mercado (vende-se procedimentos estéticos rejuvenescedores, cremes, medicamentos para emagrecimento, entre outros) e docilizá-las a determinados padrões (Wolf, 2020). A autora afirma que, por ter acesso a essas mercadorias, o grupo socioeconômico mais interpelado por esses padrões são as classes média e classe alta.

Segundo Carrenho *et al.* (2018), as escolhas por mudanças corporais estão fundamentalmente relacionadas a formas de reconhecimento de que “a imagem de si” afeta as relações do sujeito com os outros. Os autores problematizam que as modificações corporais, na contemporaneidade, podem ter a ver com sujeitos que, ao se depararem com um impasse quanto à sua questão subjetiva sobre o que é ter um corpo, buscam tamponar esse impasse através de procedimentos estéticos. Segundo os autores “dessa maneira, a vivência da falta – localizável em nosso tempo, no hiato aberto entre o corpo percebido e o corpo idealizado – passa a ocupar o lugar de uma espécie de mal a ser extirpado” (Carrenho *et al.*, 2018, p. 108).

Desse modo, as modificações corporais são passíveis de serem desejadas e atuadas, além de serem incentivadas por uma lógica social em que o corpo ideal é uma possibilidade de ser um bem de consumo. A ideia vendida é a de que, diante do impasse neurótico, é possível tamponar a falta constitutiva.

O corpo serve de palco, segundo Takeiti, Carneiro e Peres (2021), para uma tentativa de compensação em relação à incompletude humana, mas a estratégia capitalista é que a utilização de medicações ou técnicas promete ser a solução para o problema. Ao se deparar com a impossibilidade diante de sua falta constitutiva, o sujeito é levado a consumir certo produto ou a acreditar que determinada modificação ou procedimento poderá tamponar a angústia. Assim, não há questionamento sobre o que acontece com seu corpo ou o que poderia querer ser do sujeito, mas a ele é dada uma solução em que o consumo extirparia do sujeito a possibilidade de se interrogar sobre si ou sobre o seu próprio desejo.

Outro ponto caro à essa problematização é como na adolescência contemporânea tem uma forte identificação do seu corpo exclusivamente a uma imagem, que deve atender a um certo padrão, perdendo sua dimensão de singularidade. A construção discursiva do corpo aparece cada vez mais atravessada pela influência da cultura digital (Dias; Lima, 2021), relacionada a *selfies* e ao compartilhamento em redes sociais (Braga, 2022) gerando efeitos sobre os adolescentes.

Silva (2020) menciona que as fotos presentes nas redes sociais de *influencers* funcionam como um arquivo do discurso sobre a beleza. A autora afirma que “Há algo que

nos punge, que mortifica e que confere a verdade ao que essas imagens dizem; elas estão atestando sentidos sobre um corpo de uma mulher” (Silva, 2020, p. 59). Nesse sentido, a autora propõe que a produção de um discurso sobre um ideal de corpo e beleza fomentado pelas postagens percorre a valorização de uma imagem que promove uma forma de esvaziamento do sujeito.

Lima (2017) elabora um trabalho a partir de um projeto realizado em uma escola que envolve encontros entre um psicólogo, orientado pelo viés psicanalítico, e grupos de adolescentes, de 11 a 13 anos de idade, que são mobilizados a pensar sobre o uso que adolescentes fazem das redes sociais. O grupo que origina a questão, da qual Lima trata neste artigo, refere-se ao mal-estar identificado pelo uso excessivo do celular, especificamente pela percepção da psicanalista da presença demasiada de *selfies* das adolescentes.

A autora nota que, além de várias *selfies*, há a compulsão pela correção das fotos postadas nas redes sociais. Nesse sentido, as adolescentes mencionam que os retoques feitos nas fotos servem para as deixarem mais bonitas, próximas a certo padrão estético desejado que contribui para a fama, relacionada ao número de curtidas que elas recebem em cada *post*. No entanto, as adolescentes temiam quando iam ao encontro de parceiros amorosos, que as conheciam pelas redes sociais, justificado pelas adolescentes que, ao conhecerem pessoalmente os pretendentes, estes ficariam decepcionados ao identificá-las no corpo “real”. Lima compreende que “a fabricação de um corpo ideal através da fotografia parece se construir como um recurso para adiar o encontro com o outro sexo” (Lima *et al.*, 2015, p. 426).

Para prosseguir, após essa breve contextualização, opto por direcionar a discussão em torno de como a psicanálise lê esse fenômeno contemporâneo, de modo que a discussão faça borda ao modo como o ideal estético interpela os adolescentes e como ele têm efeito na sua subjetividade, bem como os problemas decorrentes dessa via imaginária.

4.2 Modos de subjetivação contemporânea

A subjetivação, para a psicanálise, faz parte da constituição do sujeito. A subjetivação tem a ver com os processos de alienação, separação. Desse modo, retorno brevemente à explicação que foi mencionada no Capítulo 2 sobre o *infans*, acrescido de alguns pontos para seguir para elaboração relacionada ao ideal estético.

O bebê, em sua posição de “amontoado de carne”, conforme brincou Lacan (2005), começa a ser inscrito no campo da linguagem pelo desejo daquele que ocupa a função

materna. Desse modo, a alienação é um processo de submissão ao campo do Outro, de forma que o ser, *infans*, submetido ao desejo do Outro, pode ser tomado por significantes: o nome próprio, o enredo que o inscreve no desejo da família, etc. Desse modo, a alienação à linguagem implica uma forma de apagamento, pois quando o bebê começa a se inscrever no campo da linguagem, para se tornar um falante, ele precisa estar alienado a este campo. No entanto, aquele que ocupa a função materna, interditado também pela falta e tomado pelo desejo por outras coisas, passa a se ausentar da presença do bebê, obrigando o bebê a lidar com a primeira marca da falta como uma ferida narcísica. A marca da falta implicará ao bebê, através do processo de separação, poder desejar a partir de sua falta, de modo que, inserido no campo da linguagem, entrará na cadeia associativa. Portanto, se no primeiro momento o bebê se aliena totalmente ao campo do Outro, após essa separação, ele passa a se tornar um ser faltante, um sujeito dividido. Esse processo de alienação e separação inicia-se com o bebê, mas será repetido durante toda a vida, em um contínuo movimento de alienação e separação.

Na contemporaneidade, a alienação a um certo ideal estético implicará também sobre um modo de funcionamento capitalista, que dificulta que o processo de separação seja experienciado, justamente porque, como menciona Costa e Justo (2015), o aprisionamento à imagem e a formas de relação com o outro são mediadas pelo gozo com cada vez menos interdições. Por isso, o processo de alienação é tomado a partir de um tamponamento imaginário, que não oferece possibilidade de sustentação ao sujeito, o qual, muitas vezes, é tomado pela angústia. O recurso de saída da angústia, conforme trabalhei nos Capítulos 2 e 3, passa a ser o sintoma, que pressupõe uma produção metonímica sobre o corpo. No entanto, na contemporaneidade, o que se nota é a dificuldade da escrita pela via simbólica, o que leva ao adolescente a atuar no real. Segundo os autores,

Nesse imaginário de mundo não há mediações para se “ter” o que se quer, não há que se “movimentar” por mediadores, não é necessário orientar-se pela falta-a-ser para se ter o que é necessário para (sobre)viver. Nesse mundo desenfreado, sem limites, compulsivo, o tempo e o espaço são ilimitados, são experimentados como horizontes infinitos e sem barreiras. Vive-se a ilusão do alcance de objetos situados em quaisquer lugares, vive-se a ilusão da abolição do espaço, das fronteiras espaciais. No mundo das mercadorias, tudo está ao alcance das mãos e à pronta entrega ao leve sinal do dinheiro. O eu narcísico carrega a imagem da completude, contém e é contido nele próprio, por objeto do Outro, brinquedo da alienação; um e outro fundidos num só. Portanto, não (re)conhece propriamente a experiência do espaço como aquilo que separa e se interpõe entre o eu e o objeto, entre o eu e o Outro. Sem as barreiras, desliza-se imediatamente pelo paraíso do absoluto: não se tem que aguardar, adiar. No mundo capitalista do consumismo tudo está ao lado e sempre presente, como é da

lei da compressão tempo-espço, da lei da instantaneidade (Costa; Justo, 2015, p. 51).

Se a alienação produz uma forma de apagamento, a separação se torna um ponto fundamental, porque é a partir da falta que há possibilidade de desejo, que há o advir do sujeito. A forma com que os adolescentes têm sido impactados na contemporaneidade, com os excessos de informação, possibilidades de gozo “pleno”, marca também que não há espaço para a falta, pois a possibilidade do desejo ocorre através dessa dialética, conforme trabalhei no Capítulo 2. Para Costa e Justo (2015), a partir de uma compreensão psicanalítica, o sujeito contemporâneo permanece refém da dimensão alienante imaginária, pois a dificuldade dos sujeitos é ascender à dimensão simbólica-desejante, inscrita pela linguagem. Por isso, os psicanalistas defendem que o sujeito do inconsciente emergja entre os significantes, através desse processo de separação, para que exista a possibilidade de desejar.

4.3 O encobrimento imaginário e falha do recalque, o infamiliar

Para ilustrar tal dimensão da alienação, faço referência a um excerto clínico que trabalha na dimensão da contemporaneidade. O excerto em questão é composto por uma especificidade, o atravessamento da pandemia de Covid, em especial a reclusão da convivência social que atingiu as crianças e jovens que frequentavam a escola. A privação do contato com o ambiente escolar e do encontro com os pares presencialmente trouxe um impacto significativo para cada criança, conforme menciona Cerantola e Fiamenghi-jr (2021). Eu pude acompanhar algumas crianças e adolescentes durante a pandemia pelo contexto de psicoterapia *online*. Ritinha foi uma dessas adolescentes que contava com muita excitação sobre o retorno às atividades escolares presencialmente. Ansiava pelo retorno, mas também o temia. Dessa forma, o relato que trago é referente ao retorno dessa adolescente de 14 anos que começa a reclusão da pandemia aos 12 anos. Durante dois anos, a adolescente não teve contato presencialmente com outros membros da família e colegas.

Ritinha, após o período mais grave da pandemia de Covid, manteve o contato apenas com sua avó. Quando retomou as atividades escolares, a adolescente relatou como se sentia angustiada após os primeiros dias de aula. Minha analisante conta que percebeu que todos os seus colegas estavam diferentes, haviam crescido. As meninas haviam mudado e Ritinha diz que elas estavam muito bonitas. Ela olha para si, comparando-se, e começa a pensar naquilo que a deixava desconfortável. Ela menciona:

Me sinto insegura e estou com crise de ansiedade. Tive vontade de chorar na aula. Eu fiquei pensando o que as pessoas vão achar do meu cabelo? Eu sempre me incomodei com meu cabelo. O meu cabelo não combina, não me sinto à vontade com meu cabelo.

Parece que Ritinha, durante a pandemia, sem trocas constantes físicas com os colegas, teve dificuldade de perceber as modificações do seu próprio corpo. Quando retorna à escola e se depara com os seus pares, percebe que houve uma modificação neles. As pessoas que ela conheceu aos 12 anos já não eram mais as mesmas que ela via aos 14 anos, os corpos haviam mudado fisicamente. Desse modo, o estranhamento com o corpo é notado por Ritinha através do corpo dos outros, pois o corpo dos colegas havia se modificado. Logo, ela começa a olhar para si e a se comparar às outras meninas. A angústia mencionada por Ritinha parece se concentrar na discordância que ela enxerga entre seu cabelo e certo padrão ideal; mas a demanda de análise se configura na infamiliaridade suscitada na comparação de seu corpo com o do outro, que provoca em Ritinha o (des)encontro com o seu próprio corpo.

Nota-se que sobre Ritinha, assim como sobre outras adolescentes e mulheres, recai um ideal da cultura, aquilo que chamei de um ideal estético. Esse ideal é incorporado à economia psíquica desde muito cedo, sobre o eu, imprimindo nas mulheres a necessidade da beleza para que sejam escolhidas como objeto de amor. Escolha, diga-se de passagem, feita por um homem, pois é somente por sua beleza que uma mulher poderá ser a eleita por um homem. Essa leitura freudiana sobre o contexto cultural em que a mulher se fixa em ser amada a partir de um ideal de beleza é problematizada por construções feministas, incluindo Wolf (2020). Para a autora, a beleza feminina está ligada a uma construção social em que há a aprovação do outro, principalmente do homem, que ordena sobre a aparência da mulher.

No caso de Ritinha, a adolescente começa a elaborar sobre sua angústia localizando-a no seu corpo, mas a partir do que a diferencia das demais meninas: o cabelo, pois não era liso e loiro como as outras meninas. Dessa forma, Ritinha não correspondia ao ideal estético esperado. O sofrimento de Ritinha levou a uma crise de ansiedade no meio da aula, pois, pela minha interpretação, a adolescente estava paralisada diante desse encontro com esse aspecto do real, sem conseguir simbolizar sobre sua angústia. Nas sessões de análise, ela começa a simbolizar o incômodo pela via imaginária, pelo desconforto já conhecido como está mencionado em “Eu sempre me incomodei com meu cabelo”. Por isso, a primeira forma de inscrição da angústia para Ritinha, naquele momento da análise, era o familiar incômodo com cabelo, pois era ele que a diferenciava das amigas e apontava para um mal-estar, que era encoberto pelo ideal estético.

O infamiliar aponta para o objeto que retorna, a falta que falha em ser ausente, por isso o impasse que ocorre em torno do próprio indício do real tem a ver com o corpo, em especial o corpo púbere que se modifica. Diante da alienação ao ideal estético, a adolescente se vê seduzida, inconscientemente, a atender a esse ideal, porque, ao se aproximar os padrões estéticos, o sujeito supõe que evitaria que o mal-estar do seu encontro com o corpo ocorresse. No entanto, a experiência do infamiliar ocorre a partir desse corpo que mostra abruptamente que não corresponde ao esperado, e o encobrimento imaginário do ideal estético não dá conta de responder ao real desse corpo, ocasionando a crise angustiante. Corroborando este apontamento, Costa e Justo buscam também compreender como a contemporaneidade atravessa o corpo:

O próprio corpo, antes sólido, agora navega “desmanchado no ar”, carregando feridas provocadas pelos atritos da velocidade que o volatiza, o despedaça e o torna flexível e vulnerável. O corpo, inflado pelo excesso de ofertas de gozo, transborda-se de sentidos de estatuto imaginário, sendo frágil ante o encontro com o Real, e são as angústias eclodindo como impasses que vazam e se colocam à sua frente (Costa; Justo, 2015, p. 51).

Pode-se concluir que a experiência subjetiva tem sido impactada diretamente pela via imaginária conformada ao ideal estético, especialmente na contemporaneidade, em que o imaginário tem um frágil potencial de simbolização (Costa; Justo, 2015). Por isso, construir algo a partir da experiência de estranhamento do corpo é uma forma de subversão, que pode ser sustentada pela constituição singular de cada adolescente pelo semi-dizer. Além disso, possibilite ao adolescente articular, a partir da cadeia de significantes, um novo saber sobre si, sobre sua experiência de subjetivação, seja diante dos padrões impostos, seja diante da sua experiência de estranhamento sobre seu corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas construções, chego às últimas considerações do meu texto. Nesta dissertação, tive como questão norteadora interrogar os impasses dos adolescentes relacionados ao estranhamento do corpo na constituição da ideia de eu na contemporaneidade, pela via da psicanálise freudolacaniana. Desse modo, percorri, ao longo dos quatro capítulos, três impasses: o primeiro referiu-se ao desencontro entre a imagem do corpo adolescente com o imperativo social de conformação do corpo a certo padrão estético; o segundo impasse teve relação com a puberdade, quando o encontro com o não saber sexual atravessa o corpo adolescente; e o terceiro impasse, que serviu como desdobramento dos anteriores, refere-se ao mal-estar que os adolescentes se deparam quando percebem nos corpos púberes a sensação de estranhamento, mesmo quando conformados a atender o ideal estético pelo encobrimento imaginário.

No Capítulo 1, que funciona como fio condutor metodológico desta dissertação, minha proposta foi uma pesquisa teórica em psicanálise em que houve a investigação dos conceitos psicanalíticos e a articulação com as ilustrações, com exemplos de excertos clínicos, postagens no *Instagram*, cenas de uma peça de teatro, para buscar novos sentidos e extrair significantes dos textos clássicos e de comentadores, de forma a produzir algo novo a partir dessas retomadas, já que me propus a articulá-los com a adolescência e a contemporaneidade. Acredito que tenha articulado pontos interessantes a partir da minha leitura e escrita, além de que, decantei em cada parágrafo um pouco da minha experiência como psicanalista, estudante permanente de psicanálise e mestranda.

Como sugestão para trabalhos posteriores ao meu, deixo como indicação daquilo que meu trabalho não conseguiu abordar com maior complexidade, como a temática de interpelação dos adolescentes a partir dos discursos midiáticos e de como a medicina fomenta a discussão de como cada um desses discursos produzem sentidos alienantes nos sujeitos adolescentes. Outra sugestão para trabalhos futuros seria analisar mais especificamente como cada mídia social, em especial o *TikTok*, que é uma mídia amplamente utilizada pelos adolescentes, tem influência na subjetividade dos adolescentes a partir do impacto do estranhamento do corpo.

Já nos Capítulos 2, 3 e 4, respectivamente, baseados em responder os objetivos específicos, busquei investigar como a função da imagem na constituição do eu estabelece relação com a infamiliaridade do corpo na adolescência; discutir como o encontro com o real se dá na puberdade tendo como sintoma a adolescência; e problematizar como os efeitos dos

ideais estéticos atravessam a adolescência na contemporaneidade.

Com este trabalho, concluo que, na contemporaneidade, a subjetividade é experienciada excessivamente pelo imaginário, com dificuldade para a simbolização atravessando os corpos dos sujeitos, em especial os adolescentes. Dessa forma, o sujeito que é interpelado pelos discursos midiáticos e médicos produz certos ideais que, muitas vezes, os mantêm assujeitados numa rede de sentido, de modo alienado a esse padrão.

Nesse sentido, a função da imagem faz parte da construção da ideia de eu e pode, a partir daí, ser investigada pela psicanálise freudolacaniana. Logo, na puberdade, com a modificação do corpo, esse processo envolve as perdas da imagem do corpo da infância, os ganhos e a assimilação das características de um adulto. Desse modo, as adolescentes estão diante dessa forma de reatualização, dessa nova imagem do seu corpo, que implica em uma nova identificação de si, bem como na elaboração do luto do corpo infantil.

Diante deste real que modifica o corpo, o ideal estético acaba ganhando destaque, por parecer ser uma cobertura imaginária, tornando-se uma armadilha que leva o sujeito a buscar identificar-se totalmente certa a imagem ideal. Para Castilho “Quando o sujeito se identifica com a imagem é porque o sujeito recua diante da castração (simbólico), e cai na cilada imaginária” (Castilho, 2007, p. 328). A castração, no caso da adolescência, seria o estranhamento do corpo decorrente dessa modificação. Portanto, diante do estranho que habita o sujeito, é necessária uma articulação que não recue da palavra, possibilitando um semi-dizer. A partir dessa conclusão, corroboro as considerações de Furtado e Trocoli (2010) para exaltar a importância desta construção pela linguagem:

A cada falante que é preso na “rede sonora”, a linguagem cobra seu preço: encarará-la como essa rede que possibilita o sujeito de se semi-dizer, de suportar a falta radical que o habita ou sucumbir aos seus enigmas (Furtado; Trocoli, 2010, p. 101).

Os significantes que muitas vezes aprisionam os adolescentes referem-se à vontade de “perder peso” ou de “ser mais bonita”, os quais materializam o esperado de ideal estético, ou seja, o ideal do eu sobre o que falta ao sujeito para que ele seja perfeito. Essa construção, que muitas vezes é a parte inicial da entrada em uma análise, descreve uma vontade sobre um ideal faltante. A crença que vem a esse ideal é o ponto de partida para interrogação em uma análise e o esvaziamento desses sentidos são o ponto que será necessário para interrogar o sujeito e como isso pode ser motor da sua elaboração.

Portanto, esses significantes desse ideal vêm da própria cultura, que define sobre o

desejado, sobre aquilo que deve ser. A psicanálise busca uma intervenção sobre os significantes que alienam esse sujeito a essa imagem. O imaginário ilude o aprisionamento a um nível do engodo. Do ponto de vista psicanalítico, é importante questionar o sujeito sobre o que o leva e de onde vem essa submissão a esse ideal. Deste modo, a psicanálise busca na constituição subjetiva a própria dimensão da falta não como limite, mas onde o trabalho analítico começa a ocorrer. Portanto, o desejo tem uma estrutura dialética em que a falta se articula para além dos ideais. O discurso psicanalítico busca esvaziar esses ideais aos quais o ser falante está alienado sem saber.

A cultura é marcada por um padrão estético que reforça a ideia de um ideal, apesar de existirem algumas correntes que vão na contramão. As redes sociais reforçam ainda mais o poder subjetivante desse ideal. Desse modo, as imagens podem ser aprisionadas nesses ideais; no entanto, elas têm falhas, e há sempre um resto, pois sempre há algo que escapa dessa tentativa de aprisionamento do corpo. As históricas ensinaram a Freud que o corpo é indomável. Portanto, ter um corpo configura uma impossibilidade de uma total alienação do sujeito ao imperativo de um único padrão de corpo.

Em resumo, a leitura que Lacan propõe é uma articulação sobre o corpo, por isso pode ser usado como referência para que o discurso psicanalítico possa fazer furo nesse imaginário constituído. O corpo tem referência nos três registros, conforme Lacan (2023) descreve em *A terceira*. Nesse sentido, a consistência do corpo, inscrita no registro imaginário, só é possível ser sustentada pelos enodamentos do simbólico e do real, e o objeto *a* funciona como articulador dos três registros. Lima (2017) corrobora afirmando que:

As palavras introduzem no corpo algumas representações (Lacan, 1974, p. 7) e o corpo se introduz na economia do gozo pela imagem do corpo (Lacan, 1974, p. 18). O corpo como consistência é referido ao registro imaginário em relação aos outros dois registros. No centro da articulação dos três registros está o objeto *a* “o que se agarra à fixação do simbólico, do imaginário e do real como nó” (Lacan, 1974, p. 8). Assim o corpo não é algo dado *a priori*, mas uma construção, o resultado do enodamento dos três registros a partir da extração do objeto *a*. A consistência se adquire ao enodar o real e o simbólico, comportando, assim, um resto, um vazio (Lima, 2017, p. 6).

Portanto, a imagem compõe uma parte importante da ideia de eu, mas ela não se sustenta sem o apoio das instâncias do real, do simbólico e do imaginário. A consistência que o corpo adquire para a psicanálise é apoiada sobre esse lugar de resto chamado objeto *a*. Para a psicanálise freudolacanianana, o sujeito se articula através do seu corpo, que tem consistência no imaginário e é sustentado pela construção simbólica, para que haja uma possibilidade outra

de enlaçamento na cadeia significativa. Nesse sentido, o sujeito também é atravessado pelo real em torno dessa função vazia do objeto *a*.

No caso da puberdade, para que o corpo possa consistir enquanto o adolescente o habita, é preciso suportar a função vazia desse objeto *a*. Deste modo, o ser falante pode articular, através de semi-dizer, sobre a dialética do seu desejo, a partir da sua experiência de subjetivação. Ainda que a subjetivação envolva se alienar a certas construções sociais, formas ideais de ser e parecer, o adolescente pode também se separar desses padrões para que sua posição desejante como sujeito possa, assim, emergir.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. M. de; D'AGORD, M. R. de L. O “fantasme” em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 101-111, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2024. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.101>.
- BERNI, J. T. *et al.* Conversando sobre internet com adolescentes: o despertar da primavera na escola. In: XIPAS, R.; COSTA-FERNANDEZ, E. M.; MARQUES-LAURENDON, C. **Comunicação e interculturalidade: educação, novas tecnologias e linguagens**. Recife: Ed.UFPE, 2018. p. 267-279. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/163>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BERNI, J. T.; NOBRE, M. R.; LIMA, N. L.; GOMES, P. S. Adolescentes e o uso sintomático de tecnologias digitais: O lugar da palavra. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 39381-39390, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n4-411. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28337>. Acesso em: 18 abr. 2024. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.101>
- BRAGA, V. Significados das selfies nas mídias sociais para jovens do interior do Brasil. **Logos**, v. 28, n. 2, mai. 2022. DOI: 10.12957/logos.2021.60456. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/60456>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BULAT-MANENTI, G. Le corps intéresse-t-il la psychanalyse ? **La clinique lacanienne**, 2008/2 (n° 14), p. 9-13. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-clinique-lacanienne-2008-2-page-9.htm>. Acesso em: 23 abr. 2024. <https://doi.org/10.3917/cla.014.0009>
- CARRENHO, A. C, *et al.* O corpo como lugar do sofrimento social. In: **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CASTILHO, P. T. Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. **Revista do departamento de psicologia. UFF**, v. 19, p. 325-337, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200004>
- CERANTOLA, J. F. A.; FIAMENGHI-JR, G. A. Redes sociais e impactos na subjetividade do adolescente na Pandemia. In: ZAGO, M. C. **Saude mental no século XXI: individuo e coletivo pandêmico**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2021. p. 225-243. <https://doi.org/10.37885/210102788>
- CISNE NEGRO. Direção: Darren Aronofsky. São Paulo: Fox Vídeo Brasil, 2010. DVD, 108 min.
- COSTA, M. F.; JUSTO, J. S. Pós-modernidade e modos de subjetivação: proposições da psicanálise do campo de Freud e Lacan. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, 10(19), p. 43-55 nov. 2014 a abr. 2015. Disponível em: www.isepol.com/asephallus. <https://doi.org/10.17852/1809-709x.2019v10n19p43-55>

D'AGORD, M. R. de L.; BARBOSA, M. R. de O.; HASAN, R.; NEVES, R. C. O duplo como fenômeno psíquico. **Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental**, 16(3), p. 475-488, set. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000300012>

DA CAPA de revista às telas de celular: de que forma as mídias sociais impactam a relação das mulheres com a sua aparência? **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)** Porto Alegre, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/pressao-estetica-redes-sociais/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

DIAS, V. C.; LIMA, N. L. Saber, experiência e vivência: entre apropriações subjetivas e marginais na cultural digital. In: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (Orgs.) **Saber e criação na cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. p. 47-59.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, C.; RAVANELLO, T. Gênero e forma literária. **Cadernos de Psicanálise, CPRJ**, v. 39, n. 36 jan./jun., p. 87-102, out. 2017.

FARIA, M. R. Do significante da falta à falta de significante. A dimensão da causa no fundamento do desejo e do objeto na passagem do Seminário 8 ao Seminário 9. **Stylus Revista de Psicanálise (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 63-70, out. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000200007. Acesso em: 18 abr. 2024.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. Psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 189-199.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente** (Vol. 2) Trad. L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198.

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer**: Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 287-312.

FREUD, S. Eu e o Id. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 16. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. **Obras completas**. (Vol. 17) Coord. P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. p. 13-123.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Obras completas**. Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Luto e Melancolia. *In*: FREUD, S. **Obras completas** (vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. p. 170-194.

FREUD, S. O estranho. *In*: FREUD, S. **Uma neurose infantil e outros trabalhos** (1917-1918/2006). Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XVII.

FREUD, S. **O infamiliar** [Das Unheimliche]. Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Seguido de O homem da areia de E. T. A. Hoffmann. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. p. 75-174. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Vol. 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c, v. XVII, p. 195-218.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FURTADO, M.; TROCOLI, F. O despertar da primavera: pelos desfiladeiros da sexualidade. **Revista Graphos**, v. 12, n. 1, p. 91-102, 2010.

GARCIA-ROZA, L. A. A pesquisa acadêmica em psicanálise. *In*: **Anuário Brasileiro de Psicanálise**, Relume Dumará, 1993, p. 118-121.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. V. 3. Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa de tipo teórico. **Psicanálise e Universidade**, Revista da PUC-SP. N. 1, 1994.

GRIGOLETTO, M. Lições do Modelo: escritas que engessam e a que mobilizam. *In*: RIOLFI, C. R.; BARZOTTO, V. H. (Orgs.) **O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

GUERRA, A. M. C. Por que a clínica como paradigma da pesquisa psicanalítica? **Ágora**, Rio de Janeiro. v. XXV, n. 1, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142022001001>.

GURGEL, A. 10 anos e nasce a vontade de uma vida inteira (até os 23) de colocar silicone. Você já passou anos e anos assim? Esperando por algo? O que acha disso tudo? São Paulo. 25

jan. 2024. Instagram: @alexandragurgel Disponível em:
<https://www.instagram.com/reel/C2iVQ5WOvxK/?igsh=MXd5NGtsOTZnbHNnZQ==>.
 Acesso em: 16 abr. 2024.

GURSKI, R.; SILVA, S. S.; PERRONE, C. M. O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro. Vol. 52, n. 2 p. 357-383. jul./dez. 2020.

HARARI, R. **O seminário** - A angústia de Lacan: uma introdução. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

HONORATO, T. Brasil lidera ranking de cirurgia plástica entre jovens: Cerca de 90 mil jovens brasileiros recorrem à cirurgia plástica influenciados pela mídia, diz especialista. **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica**, jul. 2018. Disponível em:
<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2018/06/07/brasil-lidera-ranking-decirurgia-plastica-entre-jovens/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Tradução: Cássia Rumenos Guardado e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra a Capa Livraria, 2011.

LACAN, J. **A terceira**. Tradução: Teresinha N Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário**: livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. **O seminário**: livro 8: a transferência, 1960-1961 Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. **O seminário**: livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O seminário**: livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário**. livro 23: o sinthoma. Texto estabelecido por Jacques Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. **Outros escritos**. Tradução brasileira: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAMEIRA, V. M.; COSTA, M. C. da S.; RODRIGUES, S. de M. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. **ver. Subj.**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 68-78, jan. 2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2024. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861>.

LIMA, N. L. Working in Photoshop. *In*: SANTIAGO, A. L.; LIMA, N. L.; CUNHA, C. F. et al. (orgs.). **Mais além do gênero**: o corpo adolescente e seus sintomas. Sobre as investigações

teóricas e clínicas de orientação psicanalítica em projetos de pesquisa e extensão da UFMG. Belo Horizonte: Scriptum, 2017. (p. 128-134).

LIMA, N. L. *et al.* Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escurando os adolescentes na escola. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 421-440, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440>.

LIMA, N. L.; ROSA, C. O. B.; ROSA, J. F. V. Identificação de fatores de predisposição aos transtornos alimentares. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 360-378, 2012. <https://doi.org/10.12957/epp.2012.8267>

LO BIANCO, A. C. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. **Psico-usf**, 8(2), 115–123. 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200003>

LOURENÇO, T. Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens. Ribeirão Preto. **Jornal da USP**, jan. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

MACEDO, S. **Alinhavos de tinta: o ato de tatuar-se na narrativa de sofrimento de um jovem adulto**. 2020, 136 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MILLER, J. A. **O osso de uma análise**. Salvador: EBP, 1998.

MOTA, J. V.; SANTOS, G. L. L.; SILVA, V. E. V. **Projeto conecte em si: Redes sociais e influencers: uma ameaça à autoestima de jovens adultos habitantes de um universo de padrões**. 2021, 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2021.

MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, A. B.; SANTOS, A. P. S. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, pp. 457-464, 2011.

PESSOA, F. A criança que eu fui chora na estrada. In: **Novas Poesias Inéditas**. Direção e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno. Lisboa: Ática, 1993.

PONTALIS, J. B.; LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins, 2001.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

SAGGESE, E. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer. **Educação & Realidade**, v. 46, 2021. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109166>

SARTORETTO, C. R.; FALCÃO, C. N. B. O corpo através do espelho: ideal de magreza como operador da subjetivação feminina. **SIG Revista de Psicanálise**. v. 11 n. 2, p. 21-36, Jul.-Dez. 2022. <https://doi.org/10.59927/sig.v11i2.22>

SILVA, T. T. **Influenciadoras digitais**: a mulher discursivizada em enunciados de moda e beleza no Instagram. 2020, 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2456>.

SOBRAL, P. O; VIANA, T. C. O corpo, o irrepresentável e a angústia. *In*: CHATELARD, D. S.; MAESSO, M. C. (Orgs.) **O corpo no discurso psicanalítico**. Curitiba: Appris, 2019.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga**: clínica do contemporâneo. Belo Horizonte: EBP-MG. Nov. 2004, n. 20.

TAKEITI, B. A.; CARNEIRO, C.; PERES, S. O. Adolescência e suas marcas: o corpo em questão. **DESIDADES - Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, n. 31. 2021.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEDEKIND, F. **O despertar da primavera**. 3ª ed. Trad. Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Editora Estampa, 2008.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020.